



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA.
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Emerson de Almeida Amaral

**POR UMA IGREJA EM SAÍDA A PARTIR DO PAPA FRANCISCO:
DESAFIOS PARA UMA EVANGELIZAÇÃO HOJE**

MESTRADO EM TEOLOGIA

São Paulo
2024



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA.
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Emerson de Almeida Amaral

**POR UMA IGREJA EM SAÍDA A PARTIR DO PAPA FRANCISCO:
DESAFIOS PARA UMA EVANGELIZAÇÃO HOJE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia, área de concentração Teologia Sistemática, sob a orientação do Prof. Dr. José Aguiar Nobre.

São Paulo
2024

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura:

Data: ____/____/____

E-mail: contato.premerson@gmail.com

Emerson de Almeida Amaral

**POR UMA IGREJA EM SAÍDA A PARTIR DO PAPA FRANCISCO:
DESAFIOS PARA UMA EVANGELIZAÇÃO HOJE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia, área de concentração Teologia Sistemática, sob a orientação do Prof. Dr. José Aguiar Nobre.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Aguiar Nobre – (Orientador) / PUC-SP

Prof. Dr. Rodrigo José Arnoso Santos – ITESP

Prof. Dr. Ney de Souza – PUC-SP

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

Número do Processo: 88887.895644/2023-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior – Brasil (CAPES)

Número do Processo: 88887.895644/2023-00

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a seu Filho Jesus Cristo, a quem tenho como Senhor e Salvador, reconhecendo a boa mão de Deus para comigo e que tudo o que sou e que tenho é manifestação de sua graça. À Arquidiocese de Campinas (SP), na pessoa de Dom João Inácio Müller, arcebispo metropolitano, pela permissão e incentivo aos meus estudos.

Agradeço também aos meus amigos, especialmente Pe. André Luiz Lemos, que estiveram ao meu lado neste tempo de pesquisa e estudo. Como também àqueles que estiveram cursando as mesmas disciplinas comigo.

Também aos meus pais, meus irmãos, minha cunhada e minhas sobrinhas, eu expresso o meu agradecimento especial pela compreensão e carinho diante do tempo e das viagens.

De um modo também muito especial, eu quero agradecer ao meu orientador Prof. Dr. José Aguiar Nobre. Em meados de 2022, eu recebi dele uma mensagem me incentivando a iniciar o curso de mestrado. No final daquela breve mensagem, ele dizia: *você precisa voltar para o estudo, na área pastoral*. Aquela mensagem, aparentemente tão simples, fez, de fato, a diferença para que eu pudesse retornar aos estudos. Agradeço a paciência e a orientação dedicada em meu benefício.

A todos os professores da PUC-SP, eu quero também expressar os meus agradecimentos. Cada disciplina cursada contribuiu significativamente para o meu crescimento e amadurecimento acadêmico como futuro pesquisador em teologia, bem como para os propósitos deste texto. Ficarão eternizados em minha memória: *Edécio Serafim Ottaviani, Antônio Manzatto, André Luiz Boccato, Ney de Souza, Donizete José Xavier e Mathias Grenzer*. Agradeço, também, a direção, a secretaria e o pessoal de apoio da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Eu destaco aqui o meu agradecimento à FUNDASP (Fundação São Paulo) e também à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo auxílio recebido, o qual me possibilitou cumprir com os custos relativos ao desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, eu também quero agradecer aos paroquianos da Paróquia Imaculado Coração de Maria por terem me dado a oportunidade de continuar com os meus estudos. Agradeço a compreensão, as orações e o apoio.

“Quando finalmente ocorrerá uma mudança em nossa Igreja, deixando para trás o ‘catolicismo sem cristianismo’ e a justiça sem misericórdia, em direção à ‘nova leitura do Evangelho’?” (Halík, 2023, p. 305).

RESUMO

A presente pesquisa objetiva investigar sobre os desafios da ação evangelizadora da Igreja, a partir da eclesiologia do Papa Francisco, na expressão Igreja em saída. Diante das atuais propostas evangelizadoras insuficientes, há um grande descompasso entre a vida pastoral e a cultura contemporânea. Isso é evidente quando se percebe o desejo de uma volta ao estilo eclesial da cristandade e o esquecimento de um novo tempo chamado pós-modernidade, tendo como desafio uma centralização do indivíduo rejeitando qualquer tipo de instituição que põe limites à individualização da vida. Numa luta contra a pastoral adoentada de manutenção, conservadora, fechada, cismática e autorreferencial, com tendências centralizadoras, autoritárias, opressoras, excludentes e combativas, plasmar-se-á uma reflexão sobre a possibilidade de uma evangelização capaz de chegar às pessoas, com suas expectativas e seu jeito de ser. E, diante duma surdez perante a voz da Igreja, onde se ignora a sua mensagem, numa postura de indiferença ou de irrelevância, faz-se necessário voltarmos às fontes do Cristianismo, aguçando a sensibilidade das pessoas, numa dinâmica pastoral conciliar. A pesquisa está circunscrita a uma metodologia de investigação bibliográfica. Do ponto de vista formal, o problema da pesquisa ficou assim formulado: quais os desafios para a evangelização duma Igreja em saída na contemporaneidade? Os resultados esperados estão circunscritos às discussões que poderão surgir e que, certamente irão lançar luzes aos desafios da Igreja em saída. Entendemos que quanto mais se provoca discussões sobre os caminhos plausíveis de uma evangelização efetiva e relevante, mais chances de aprimoramentos. Sendo assim, esta pesquisa quer acenar para um caminho que possa levar a valorização da mensagem da Igreja Católica em diálogo com as mudanças do mundo hoje, sinalizando a missão, à luz do Papa Francisco, como eixo fundamental para uma pastoral relevante, comprometida com a ética da alteridade e o discernimento dos sinais dos tempos, num espírito sinodal.

Palavras-chave: Papa Francisco. Evangelização. Igreja em saída. Hipermodernidade. Desafios.

ABSTRACT

The present research aims to investigate the challenges of the Church's evangelizing action, based on the ecclesiology of Pope Francis, in the expression “Church on the way out”. Given the current insufficient evangelizing proposals, there is a great disconnect between pastoral life and contemporary culture. This is evident when one realizes the desire for a return to the ecclesiastical style of Christianity and the forgetfulness of a new time called post-modernity, with the challenge of centralizing the individual, rejecting any type of institution that places limits on the individualization of life. In a fight against the diseased pastoral care of maintenance, conservative, closed, schismatic and self-referential, with centralizing, authoritarian, oppressive, exclusionary and combative tendencies, a reflection will be shaped on the possibility of an evangelization capable of reaching people, with their expectations and your way of being. And, faced with a deafness to the voice of the Church, where its message is ignored, in an attitude of indifference or irrelevance, it is necessary to return to the sources of Christianity, sharpening people's sensitivity, in a conciliar pastoral dynamic. The research is limited to a bibliographic research methodology. From a formal point of view, the research problem was formulated as follows: what are the challenges for the evangelization of an Outgoing Church in contemporary times? The expected results are limited to the discussions that may arise and which will certainly shed light on the challenges of the Outgoing Church. We understand that the more discussions are provoked about the plausible paths of effective and relevant evangelization, the more chances for improvements. Therefore, this research aims to point towards a path that can lead to the appreciation of the message of the Catholic Church in dialogue with the changes in the world today, signaling the mission, in the light of Pope Francis, as a fundamental axis for a relevant pastoral, committed to the ethics of otherness and the discernment of the signs of the times, in a synodal spirit.

Keywords: Pope Francis. Evangelization. Church on the move. Hypermodernity. Challenges.

LISTA DE SIGLAS

AA – Decreto Apostólico *Apostolicam Actuositatem*
AG – Decreto Apostólico *Ad Gentes*
AL – Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*
CELAM – Conferência Episcopal Latino Americana
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
ChV – *Christus Vivit*
DAp – Documento de Aparecida
DCE – Carta Encíclica *Deus Caritas Est*
EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*
EN – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*
FT – Carta Encíclica *Fratelli Tutti*
GE - Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*
GS – Constituição Apostólica *Gaudium et Spes*
Ibid. – Ibidem (mesma obra)
IL – *Instrumentum Laboris*
LG – Constituição Apostólica *Lumen Gentium*
LS – Carta Encíclica *Laudato Si'*
PO – Decreto Apostólico *Presbyterorum Ordinis*
STF – Superior Tribunal Federal
UR – Decreto Apostólico *Unitatis Redintegrati*

LISTA DE ABREVIATURAS BÍBLICAS

Ap – Livro do Apocalipse de São João

At – Livro dos Atos dos Apóstolos

Jo – Evangelho de São João

Js – Livro de Josué

Lc – Evangelho de São Lucas

Mc – Evangelho de São Marcos

Mt – Evangelho de São Mateus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
I – UMA LEITURA SOBRE A EXPRESSÃO IGREJA EM SAÍDA.....	17
Introdução.....	17
1.1 – A expressão Igreja em saída.....	17
1.2 – A origem da concepção da Igreja em saída.....	20
1.3 – Vaticano II: as bases de uma Igreja pós-conciliar.....	24
1.3.1 – Vaticano II e sua recepção.....	25
1.3.2 – A influência do Documento de Aparecida.....	28
1.3.3 – Os apelos da <i>Evangelli Gaudium</i>	30
1.4 – A Igreja a partir do Papa Francisco.....	33
1.4.1 – O rosto da Igreja em saída.....	34
1.4.2 – A superação da autorreferencialidade.....	36
1.4.3 – Modelo de saída.....	38
1.5 – A teologia do Povo do Papa Francisco.....	42
1.6 – A percepção dos sinais dos tempos.....	45
Conclusão.....	49
II – A IGREJA EM SAÍDA NA CULTURA CONTEMPORÂNEA.....	51
Introdução.....	51
2.1 – Igreja e contemporaneidade.....	52
2.2 – O conceito de hipermodernidade.....	53
2.2.1 – A experiência da fé e a hipermodernidade.....	59
2.2.2 – Mudanças de tempo.....	62
2.3 – A era das mídias digitais.....	66
2.3.1 – Papa Francisco e a tecnologia.....	71
2.4 – Civilização do consumo.....	76
2.5 – O sujeito eclesial hiperindividualizado.....	81
Conclusão.....	88
III – DESAFIOS E APELOS À EVANGELIZAÇÃO.....	92
Introdução.....	92
3.1 – Os apelos eclesiais.....	94
3.2 – Uma Igreja em saída como fonte transformadora.....	95
3.3 – Uma Igreja dos conflitos, proposta de modelo eclesial.....	99
3.4 – Os horizontes de uma Igreja dos fragilizados pobres.....	104
3.4.1 – Uma Igreja dos migrantes.....	109
3.4.2 – Uma Igreja da ecologia integral.....	113
3.5 – Uma Igreja inclusiva e cuidadora.....	116
3.6 – Igreja, escola de humanização.....	119
3.6.1 – Igreja do discernimento.....	122
Conclusão.....	124
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	130

INTRODUÇÃO

A imagem, a relevância e significância da Igreja, na eclesiologia do Papa Francisco, vêm tomando um novo horizonte, sobretudo naquilo que se refere à sua identidade missionária, nesta proposta pastoral e espiritual, da chamada Igreja em saída. Com efeito, nessa eclesiologia conciliar, percebe-se intenso vigor para uma autêntica saída presente no mundo, espaço oportuno para a gênese da cultura do encontro e do novo humanismo, como um forte movimento e impulso para um outro agir cristão. E, diante de uma realidade cada vez mais fragmentada patrocinada pela pós-modernidade, pergunta-se: é possível pensar numa evangelização missionária capaz de transformar a atual vida pastoral da Igreja que vive restrita ao subjetivismo e imersa num falso ativismo sem sentido? É possível ser cristão numa sociedade que não é mais cristã?

Com essa expressão Igreja em saída, o Papa impregna ou provoca uma Igreja vocacionada a superar seu atraso, chamado cristandade, e, na resposta aos sinais dos tempos, acolher as pessoas mais frágeis, numa busca da cura dos males e das feridas da humanidade, através da apresentação de processos de reflexão, libertação e abertura. É a busca do “ideal de uma Igreja que não permanece atrás dos muros de suas certezas em esplêndido isolamento do mundo exterior, mas sai com sacrifício e coragem para lugares onde as pessoas estão física, social, psicológica e espiritualmente tentando curar as feridas” (Halík, 2023, p. 289). Trata-se, sem dúvida, da evangelização que nasce da realidade, habilitada a contextualizar a Igreja no mundo contemporâneo, mesmo diante de suas circunstâncias e limitações.

Contrapondo à ideia de *societas perfecta*, uma Igreja em saída se define pelo desejo de partir de baixo e com um olhar para fora dela mesma, a partir do ser humano e suas fragilidades, como também do mundo contemporâneo cada vez mais individualizado, fragmentado e violento. Refere-se, indubitavelmente, como principal fonte dessa inspiração eclesiológica, o Concílio Vaticano II, quando apresenta a Igreja como Povo de Deus em caminho. Nesse sentido, questiona Ney de Souza:

No século XXI retornam perguntas antigas e novas no contexto da sociedade globalizada: Como evangelizar a sociedade atual? Como viver o Evangelho nesta sociedade? Que Evangelho anunciar a esta sociedade? E em que Igreja? O catolicismo está aberto ao diálogo com a sociedade e com as religiões? Diante da ausência de clero em várias regiões do planeta, é possível pensar em alternativas dentro de um ministério ordenado? O Vaticano II foi um ponto de partida. A comunidade católica está disposta a dialogar com as enormes diferenças que surgiram no pós-concílio na Igreja e na sociedade? Dependendo das respostas e posturas assumidas diante destes e milhares de outros questionamentos se poderá verificar, ou não, se o catolicismo já

adentrou o novo século ou permanece oferecendo respostas que não são mais adequadas, como aquelas oferecidas no âmbito do Vaticano (Souza, 2022, p. 26).

A cultura contemporânea, em suas rápidas e inesperadas mudanças, oferece diversos desafios para a evangelização que são fundamentais para a compreensão do papado de Francisco. Com efeito, enquanto grupos *intra* e *extra ecclesia* não se cansam em se opor ao atual magistério, na política da autorreferencialidade clerical, o mundo passa pela experiência de um novo ateísmo e indiferença diante da Igreja. Será que ela perdeu a sua relevância na atual conjuntura? Mesmo assim, o Papa, diante das contradições humanas e religiosas, prega um *aggiornamento* próprio da tradição cristã que caminha na busca da encarnação do Evangelho presente na história, que traz, em seu bojo, as suas peculiaridades e insuficiências.

A encarnação em Francisco expressa-se assim:

Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque, assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por monitores e sistemas que se podem acender e apagar à vontade. Entretanto, o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG, 88)

Nesse sentido, a reflexão deste trabalho procura aprofundar os documentos, discursos e mensagens do Papa Francisco, sobretudo a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que falam do propósito eclesial de uma nova forma de evangelizar e encarar a realidade hodierna, mostrando como a sua teologia missionária tem vindo a desenvolver-se em estreita relação com as transformações históricas em curso. Ou seja, uma Igreja em saída pode ser relevante para uma evangelização pertinente e libertadora, caso seja acolhida, não como mero *slogam*, mas como projeto de renovação eclesial. É um caminho teológico que favorece os anseios entre o sonho conciliar evangélico, responsável por evidenciar a força da esperança em tempos melhores, e o envolvimento corajoso com a cultura atual, ato indispensável à ação evangelizadora, num mundo pós-pandêmico, com tendências à neocristandade. Esse trabalho, também, busca lançar luzes que, possam ser capaz de iluminar a humanidade e a Igreja que, dentro da lógica da pós-modernidade, pode ser levada a desacreditar no comportamento

solidário, apresentando-o como arcaico, ineficaz e improdutivo (cf. Gutiérrez; Müller, 2014, p. 152).

A metodologia desta pesquisa bibliográfica se voltará para os documentos, discursos e mensagens do Papa Francisco, num diálogo com outros autores (religiosos ou não) que, neste interesse de produção teológica e pastoral, contribuem na temática sobre a eclesiologia, propondo uma luz sobre a missão da Igreja nos desafios do mundo de hoje e seus dramas. Especificamente, tentar-se-á confrontar a realidade de uma Igreja em saída com o pensamento de alguns sociólogos, sobretudo, o francês Gilles Lipovetsky.

Papa Francisco, ao escolher o lema de seu brasão “*miserando atque eligendo*” (“olhou-o com misericórdia e o escolheu”), apresenta esse caminho de uma Igreja mais humana acompanhada pela misericórdia de Deus. E, diante disso, a base fundamental desta pesquisa será a reflexão de uma teologia da missão, sobretudo na vida pastoral evangelizadora, pertinente neste tempo de mudanças estruturais. Em Francisco, há uma importante contribuição, pois sua eclesiologia se pauta por valores presentes na vida de Jesus de Nazaré que iluminam os seres humanos, numa proposta de provocar novos modos de proceder e conviver com os demais. Buscou-se, na pesquisa, alguns conceitos, pensamentos e afirmações de vários autores, em outras áreas do saber, que pudessem fundamentar a teologia da missão, na tentativa de ressaltar e reafirmar algumas intuições eclesiais de Francisco, como, por exemplo, a questão da alteridade e o problema do hiperindividualismo.

No primeiro capítulo, parte-se da leitura sobre a expressão Igreja em saída, tendo como eixo norteador o documento *Evangelii Gaudium*. Antes disso, urge destacar as luzes da eclesiologia do Vaticano II e do Documento de Aparecida, como fontes para tal concepção, utilizada pelo Papa Francisco. E, na abordagem do mal da autorreferencialidade eclesial, na experiência pastoral latino-americana de Bergoglio, em Buenos Aires, uma nova compreensão de Igreja se construirá, a partir da teologia do Povo e da percepção dos sinais dos tempos.

No segundo capítulo, serão apresentados alguns desafios atuais da Igreja em saída, situada numa cultura, a partir do auxílio de alguns sociólogos, sobretudo Gilles Lipovetsky, que analisam a contemporaneidade, em seus efeitos e causas, como, por exemplo, a questão da civilização do consumo. E, para isso, a noção de hipermodernidade será uma categoria indispensável para percebermos uma sociedade em que tudo é intenso e rápido (expresso na palavra “hiper”), e o sujeito entende, tornar-se assim, o centro do mundo. Neste sentido, como característica de uma sociedade tecnológica, aparece o fenômeno das mídias digitais¹ e a sua

¹ Dizemos digitais, porque de sociais elas, muito pouco ou quase nada têm.

incidência no comportamento das pessoas, bem como na vivência da sua fé.

No terceiro capítulo, percorrido o itinerário da concepção de Igreja em saída e a experiência da fé imersa numa cultura contemporânea tão desafiadora e em constante mutação, apresentarmos alguns novos apelos e provocações eclesiais, apontando possibilidades de um rosto novo para uma Igreja que evangeliza, quando resolve sair de si mesma. A saber, como fonte transformadora, essa Igreja em saída caracteriza-se por ser profética, e, portanto, estar disposta a viver conflitos, na defesa destemida e evangélica dos fragilizados e pobres. Nesta evangelização, haverá espaço privilegiado aos abandonados, pequenos, os “descartáveis”, migrantes e chagados socialmente. E, diante do projeto da casa comum, uma Igreja que grita e clama pela vida da criação, diante do sonho de uma ecologia integral.

Neste terceiro e último capítulo, existe a proposta em dar uma maior relevância à Igreja em saída, apontando para uma *práxis* cristã mais efetiva e afetiva, no levantar da bandeira de uma evangelização que seja inclusiva e cuidadora das pessoas, como prega a teologia do encontro. E, para isso, inaugura-se um possível caminho de uma Igreja missionária que eduque o ser humano a ser mais humano, uma Igreja-escola que tenha mistagogia e processos de humanização, gerando forças missionárias para discernir a realidade, no favorecimento de novas escolhas que se pautem por uma ética genuinamente cristã.

Neste sentido, o presente trabalho propõe uma reflexão teológica que, numa leitura sobre a realidade desta sociedade marcada pelo excesso do prazer, lazer e consumo, onde se impõe a cultura da imagem, do espetáculo e do virtual, evidenciam-se as identidades cada vez mais fragmentadas e vazias. Além disso, num mundo globalizado que exalta o individualismo, a secularização e o subjetivismo, uma Igreja em saída pode ser um caminho de resistência ao estável descompromisso social e humano, como também, ao pertencimento religioso flexível que rejeita qualquer vínculo com tradições religiosas. É a proposta eclesial de se levantar pra ir ao encontro de todos, numa verdadeira mobilização em direção às periferias da vida: Igreja que sai e não volta mais ao seu estado de origem, mediante a cultura do encontro, ela se transformará enriquecendo-se sempre.

Entendemos que uma Igreja missionária se torna relevante, vigorosa, servidora, humilde e serena, com os mesmos atributos de Deus, ou seja, próxima das pessoas, altruísta e amorosa. E, por se saber mãe, torna-se, portanto, fecunda. Jesus não parece ter fundado a Igreja para que ela se assentasse sobre si mesma, mas para que fosse servidora dos seres humanos no mundo (cf. Dalla-Déa, s/d, *on-line*), distante de qualquer forma de fechamento em si mesma. Ela se coloca diante dos desafios do mundo, enfrentando e superando, com coragem e ousadia, as suas paralisias próprias, na alegria da difusão do aroma da Boa Nova de Jesus de Nazaré.

I. UMA LEITURA SOBRE A EXPRESSÃO IGREJA EM SAÍDA

Introdução

A partir da leitura em torno da expressão Igreja em saída, reconhecer-se-á todo o caminho que a Igreja fez desde o evento Pentecostes. Sendo assim, vale deixar claro que essa pesquisa parta do Magistério de Francisco com sua inspiração no vaticano II e na Conferência de Aparecida. Desse modo, o primeiro capítulo apresentará o Concílio Vaticano II e o Documento de Aparecida como inspiração à nova identidade eclesial cunhada pelo Papa Francisco. A seguir, faremos um caminho de reflexão pela origem desta expressão, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

O capítulo abordará algumas importantes características da Igreja de Francisco, sobretudo sua crítica à autoreferencialidade da comunidade eclesial. E, para complementar, falará da teologia do Povo e a percepção dos sinais dos tempos. O itinerário se dará pela análise da reconstrução desta identidade de uma Igreja mais fiel à tradição evangélica e aberta ao mundo contemporâneo que se distingue da chamada *societas perfecta*, associada aos poderosos, contaminada pelo “vírus” antievangélico do individualismo, da insensibilidade social, do autoritarismo e do liturgismo, como fruto de um narcisismo que insiste em acompanhá-la num caminho de acomodação, fechamento e frieza.

1.1 A expressão Igreja em saída.

Quando o pontificado de Francisco completou dez anos, percebem-se os grandes processos iniciados e as ousadas reformas que, conseqüentemente, mudarão os rumos da instituição eclesial. Recordar-se que, no início do pontificado, como se fosse apresentando o seu plano de governo, aparece, pela primeira vez, a expressão Igreja em saída, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a alegria do Evangelho (números: 17, 24 e 46).

O papa indica, no primeiro capítulo de sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o pressuposto da reflexão que se desenvolve: a Igreja deve ser refeita missionariamente. Evocando diretamente a orientação conciliar a respeito da renovação da Igreja (UR, 6), diz que sonha com uma “opção missionária capaz de transformar tudo”, e que toda a estrutura eclesial se torne mais um canal de evangelização do que de autopreservação (Passos, 2016, p. 197).

Com isso, diante do apelo de libertação dos grandes entraves eclesiais e do

reconhecimento de que as transformações atuais exigem novas respostas e uma urgente conversão social que cura e restaura a humanidade, Francisco admoesta que o anúncio do Evangelho se torne fonte de vida nova aos cristãos católicos e diálogo salvífico com o mundo. Uma vez que, “a radicalidade do anúncio eclesial reside, no entanto, em sua alteridade em relação ao mundo. Ela desmascara a ênfase que o ser humano dá à vida neste mundo, o que, em última consequência, priva-o de sua posição fundamental própria como criatura de Deus” (Gutiérrez; Müller, 2014, p. 163).

É o reflorescimento de uma Igreja que olha para fora de si e busca dar testemunho do Evangelho, convocando a todos os cristãos, indistintamente, a serem transformadores da realidade social excludente, injusta e opressora. O cristianismo de Francisco somente será possível com esta Igreja próxima das dores e anseios sociais. Diz ele:

Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG, 20).

A Igreja necessita de credibilidade e, para isso, deve efetivamente ouvir os sinais dos tempos que estimulam sua vocação e identidade missionária. “A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DAp, 11).

Em 2013, à luz da temática sobre da alegria do Evangelho, a publicação da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* faz um grande retorno ao documento de Paulo VI, a *Evangelii Nuntiandi*, evidenciando a urgente necessidade de reafirmar o seu fundamento e identidade: a sua missionariedade. Sendo que, ao se distanciar deste seu espírito missionário, o anúncio do Evangelho ficará comprometido, uma vez que, voltada à missão, a Igreja poderá ajudar a humanidade ferida pelas estruturas injustas de morte, como também de saciar a carência de uma real e nova fraternidade universal, além de despertar um espírito efetivo de solidariedade. A Igreja só será fiel a Cristo se for missionária, como afirma Paulo VI:

A Igreja sabe-o bem, ela tem consciência viva de que a palavra do Salvador, “Eu devo anunciar a Boa Nova do reino de Deus”, se lhe aplica com toda a verdade. Assim, ela acrescenta de bom grado com São Paulo: “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho”. Foi com alegria e reconforto que nós ouvimos, no final da grande assembleia de outubro de 1974, estas luminosas palavras: “Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial

da Igreja"; tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade (EN, 14).

A missionariedade da Igreja nasce do fundamento do evangelho de Jesus Cristo. Por isso, pode-se confirmar que “a Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze. Ela é o fruto normal, querido, o mais imediato e o mais visível dessa evangelização: ‘Ide, pois, ensinai todas as gentes’” (EN, 15). A reflexão sobre a Igreja em saída consiste exatamente nesta urgente atenção à uma nova imagem de Deus a partir dos ensinamentos e da pessoa de Jesus, traduzidos numa linguagem mais amorosa, encantadora e curativa do Evangelho. “Se nossa imagem de Jesus é pobre e parcial, nossa fé será pobre e parcial; se está distorcida, viveremos a experiência cristã de forma distorcida” (Pagola, 2014, pp. 566-567). Sendo assim, uma evangelização mais libertadora poderá ecoar em todos os corações, sobretudo, os corações dos mais pobres atingidos por uma lógica opressora que exclui, fere e mata. “Crer em Deus é ser, como Ele, amigo da vida, em oposição aos companheiros da rota da morte” (Gutiérrez, 1992, p. 44).

É bom compreender que a fé cristã não é principalmente um culto de adoração à pessoa de Jesus, mas é o caminho de seguimento de Cristo. Seguir Cristo [...] é uma jornada em direção a e com Jesus (cf. Halík, 2023, p. 16); a ética de Cristo, portanto, não é ética de submissão a um poder que manda e dá ordens, mas é ética de seguimento a uma pessoa que é exemplo que atrai e dá sentido à vida, é ética da atração e sedução a Jesus e seus valores no Evangelho (cf. Castillo, 2010, pp. 180-181).

A expressão Igreja em saída é o caminho que pode nos possibilitar um mergulho numa verdadeira conversão pastoral - expressão usada no Documento de Aparecida -, onde todos “são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir ‘o que o Espírito está dizendo às Igrejas’ (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (DAp, 366). Esta teologia da missão busca entender o ser humano que procura viver uma possível e profunda alegria diante da realidade do consumismo, do relativismo, do distanciamento e da indiferença. O documento insiste nesta conversão profunda das comunidades, pois

[...] exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim será possível que “o único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial” com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária (DAp, 370).

Na teologia da Revelação, o ser humano deve viver a alegria como dom de Deus. Uma

alegria transbordante, envolvente, intensa, profunda e viável, até mesmo, no meio dos sofrimentos da vida. É na história de Jesus Cristo que se encontra a certeza do seu envio, pois viveu a alegria de ser amado e amar, e, neste amor, proclamar que a vida é mais forte do que a morte (cf. Francisco, 2019, *on-line*). Uma Igreja verdadeiramente em saída deve expressar a alegria de acolher esta certeza do amor de Deus derramado em nós e testemunhado no mundo. Jesus sempre se alegrou com a missão e sua mensagem tornou-se fonte de alegria: “manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós minha alegria, e a vossa alegria seja completa” (Jo15,11).

Uma Igreja que se volta para o autêntico e alegre anúncio do Evangelho é capaz de perceber o quanto se pode provocar um processo de construção de um mundo diferente, revelando um Deus próximo e amoroso: será um sinal de amor a preocupação de comunicar a verdade e de introduzir na unidade. Será igualmente um sinal de amor dedicar-se sem reservas e sem subterfúgios ao anúncio de Jesus Cristo (cf. *EN*, 79). E, além do mais, estimular rupturas de uma Igreja egoísta que gira incansavelmente em torno de si mesma.

1.2 A origem da concepção de Igreja em saída.

No dicionário do Concílio Vaticano II, ao discorrer longamente o verbete “Igrejas”, Cleto Caliman consegue concluir e sintetizar ricamente, dizendo:

Uma recepção criativa do Concílio, no contexto de um novo modo de inserção da Igreja no mundo, dá à Igreja uma nova figura histórica, um novo rosto, uma nova identidade, uma nova consciência eclesial que, a partir das grandes orientações conciliares, molda a Igreja do futuro em pontos basilares: a) na orientação da missão evangelizadora, articulando fé e situação histórica, fé e vida, e interpretando a missão religiosa da Igreja não simplesmente numa linha espiritualista, mas na linha da libertação integral do ser humano como um todo, corpo e espírito, ser pessoal e social; b) na reflexão sobre o “desenvolvimento integral” oferecendo outro enfoque à proposta de Paulo VI na Carta Encíclica *Populorum Progressio* (1967) de que “o desenvolvimento é o novo nome da paz”. Medellín opera uma sutil passagem do tema do desenvolvimento para o da libertação integral, como exigência da mensagem cristã (cf. Medellín, 2.1); c) na contextualização da Igreja como Igreja local. O enraizamento sociocultural na vida do povo especifica a originalidade de sua inserção no caminho dos pobres. Com os pobres ela se faz realmente ‘Igreja peregrina’ (Caliman, 2015, p. 455).

Nesta definição, percebe-se o quanto está sendo lento o processo de uma verdadeira transformação ou conversão de uma Igreja neoconservadora à uma Igreja pós-conciliar. Há, infelizmente, uma grande dificuldade em fazer-se caminho, resposta e esperança ao ser humano

atual. “A Igreja, que perdeu sua capacidade de voar pela permanência na ‘gaiola pós-conciliar’, necessita de uma fisioterapia prolongada para recuperar sua capacidade de movimentar-se, de voar e de assumir corajosamente as novas necessidades pastorais” (Suess, 2016, p. 662).

Pela hermenêutica desta concepção de Igreja inserida na vida do mundo, pode-se dizer “que a missão da Igreja consiste não só em levar aos homens a mensagem e a graça de Cristo, mas também em penetrar e atuar com o espírito do Evangelho as realidades temporais” (AA, 5). Pois, somente uma comunidade eclesial missionária será capaz de se encarnar na vida e no sofrimento do ser humano, e, num mundo marcado por insensibilidades, poderá ter alguma relevância e credibilidade em seu agir. Deste modo, é “a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade” (EN, 15).

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a alegria do Evangelho, a expressão Igreja em saída surge como expectativa de um Papa conciliar. Diante de tantos escândalos, ele refletirá a forma de dar credibilidade ao anúncio do Evangelho no mundo de hoje e o desejo de uma Igreja missionária. Interessante observar que o verbo “sair”, “ir”, traz consigo a ideia de movimento, portanto, evidentemente uma Igreja parada não evangeliza, pelo contrário, adoece. É necessário ir, com alegria, ao encontro e ao diálogo com as pessoas e a realidade. “O Senhor não procura o centro do palco, mas o coração simples de quem O deseja e O ama sem aparecer, sem se sobressair aos outros” (Francisco, 2023, *on-line*). É célebre o convite do Pontífice:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6, 37) (EG, 49).

Não há mais espaço para uma Igreja que não viva uma fé peregrina e não assuma o dinamismo de estar em saída, nas ruas, nas periferias, nas estradas, nos corações, no mundo, na pluralidade, nas artes, na literatura, nas ciências, na bioética. Se essa Igreja não estiver em saída nunca modificará suas estruturas. É imprescindível que esteja inserida num diálogo profundo

com o mundo contemporâneo e, na liberdade interior, construir pontes com a cultura do ser humano atual. Precisa ir a fundo nas interpelações com este mundo tão desafiador e marcado pela fragmentação, infocracia², polarizações, sobretudo no atual e forte contraste entre fundamentalismos e relativismos.

Para Wolff,

A “morte de Deus” anunciada nos decênios passados por tantos intelectuais deu lugar a uma estéril mentalidade hedonista e consumista, que conduz a formas muito superficiais de afrontar a vida e as responsabilidades. O risco de perder também os elementos fundamentais da fé é real. O influxo deste clima secularizado no quotidiano torna sempre mais difícil a afirmação da existência de uma verdade. Assiste-se a uma recusa prática da questão de Deus nas perguntas que o ser humano se coloca. As respostas à necessidade religiosa assumem formas de espiritualidade individualista ou formas de neopaganismo, ao ponto de se impor um ambiente geral de relativismo (Wolff, 2016, p. 28).

Mergulhado numa cultura das bolhas e da lógica do mercado, a expressão Igreja em saída é sinal profético de denúncia e resistência, uma vez que o ser humano não somente é o sujeito, mas se transforma em objeto do próprio mercado. “Num mundo frequentemente dilacerado pelos conflitos e marcado por secularismo e indiferença, todos unidos somos chamados ao compromisso de confessar Jesus Cristo, tornando-nos cada vez mais testemunhas críveis de unidade e artífices de paz e de reconciliação” (Francisco, 2016, *on-line*). Pois, em

[...] nossa época verifica-se com frequência uma atitude de indiferença em relação à fé, que deixou de ser considerada na vida do homem. Nova evangelização significa despertar no coração e na vida de nossos contemporâneos a vida de fé. A fé é um dom de Deus, mas é importante que nós cristãos que vivemos a fé de maneira concreta, através do amor, da concórdia, da alegria e do sofrimento, porque isso desperta interrogações como no início da caminhada da Igreja: por que vivem assim? O que os impele? São perguntas que levam ao cerne da evangelização, que é o testemunho da fé e da caridade. Do que precisamos, especialmente nesta época, são testemunhas de credibilidade que com a vida e a palavra, tornem o Evangelho visível, despertem atração por Jesus Cristo e a beleza de Deus (Francisco, 2013, *on-line*).

Uma Igreja em saída deve, urgentemente, despertar na humanidade, marcada pela indiferença e o esvaziamento das relações, uma fé atrativa que possa estimular um novo sentido

² Termo usado por Han Byung-Chul, em seu livro “Infocracia” (2022), que o explora como “regime de informação” em substituição ao “regime disciplinar”, ou seja, os novos detentores do poder não estão mais ligados à posse dos meios de produção, mas ao acesso à informação, como meio de vigilância psicopolítica e a previsão do comportamento individual. A infocracia seria a própria degeneração da democracia, numa real “midiocracia”, onde as notícias se tornam similares a uma narrativa. A distinção entre ficção e realidade desaparece (cf. Han, 2022, pp. 09, 27 e 29).

para a vida. Para isso, uma Igreja em direção ao outro precisará se renovar ou reformar sempre para testemunhar o rosto acolhedor e amoroso de Deus diante das novas situações socioculturais em que o ser humano está inserido. “É Deus que chama cada indivíduo às relações em que necessariamente tem de viver” (Guardini, 1957, p. 131). Portanto, pode-se afirmar que a base desta reforma, renovação e transformação é, de fato, o compromisso em assumir uma eclesiologia missionária. “Não se trata de uma nova Igreja, mas de um modo novo de ver a Igreja, que deve levar a um novo modelo eclesial” (Kasper, 2015, p. 56). Afirma Francisco, diante das atuais posturas e a vida missionária:

Os próprios meios de distração que invadem a vida atual levam-nos também a absolutizar o tempo livre, no qual podemos utilizar, sem limites, aqueles dispositivos que nos proporcionam divertimento e prazeres efêmeros. Em consequência disso, ressentem-se a própria missão, o compromisso esmorece, o serviço generoso e disponível começa a retrair-se. Isto desnatura a experiência espiritual. Poderá ser saudável um fervor espiritual que convive com a acídia na ação evangelizadora ou no serviço dos outros? (GE, 30).

A vivência e a acolhida da identidade missionária eclesial trazem naturalmente desafios e pecados. A Igreja não estará isenta de incompreensões, *Fake News* e desvirtuamentos do seu necessário empenho em se renovar. “A missão enfrenta obstáculos também: secularismo, laicismo, hedonismo, consumismo (...), comodismo, complexo de inferioridade, não querer comprometer-se” (Santos, 2014, p. 41). Tanto dentro como fora da Igreja, a ação missionária buscará ser resistente e insistente no desejo e na aventura deste novo processo de abertura, sem nunca se cansar e desistir em acolher a todos com o coração maternal. Neste sentido,

Emerge com frequência a questão se uma efetiva renovação eclesial, como quer o Papa Francisco, é possível em nossos tempos. Ele é ciente dos limites, tanto pessoais quanto estruturais, para a implementação de suas propostas. E as resistências se fazem sentir em diversas instâncias e ambientes eclesiais, nos mais variados modos. Numa tradição eclesial na qual muitos confundem tradição com tradicionalismo, estabilidade estrutural com estagnação ou centralização institucional, convicção doutrinal com imobilismo dogmático, ética e rigidez moral, clareza de linguagem com terminologia fixista e uniforme, a consciência da atual realidade eclesial não permite ufanismo, idealismo ou ingenuidade diante das propostas renovadoras e transformadoras. São conhecidas as resistências de muitos segmentos “para aceitarem a custosa evolução dos processos” (EG, 82). O papa enfrenta duras, e desrespeitosas, oposições por parte de eclesiais e de leigos/as em todo o mundo. Em geral, esses/as fazem uso permanente das mídias sociais e digitais, como *Youtubers*, pelos quais divulgam uma marcada, estreita e imprecisa interpretação dos pronunciamentos e documentos de Francisco. O espírito conservador e fundamentalista com o qual esses segmentos alimentam suas convicções, não poucas vezes expressa mais que dissenso teológico-doutrinal. Trata-se de uma verdadeira falta de comunhão espiritual, uma carência no *sentire cum ecclesia* os novos caminhos do mundo e do Evangelho (Wolff,

2021, p. 18).

De portas abertas, a concepção Igreja em saída é capaz de atingir o coração de cada ser humano, através do retorno à força encontrada no Evangelho e da interlocução com àqueles a quem é destinada esta mensagem de amor: a todos, sem exclusão. Inclusive, a própria teologia pode romper com muitos fechamentos, pois também o Evangelho “se anuncia às culturas no seu conjunto, a teologia (...) em diálogo com outras ciências e experiências humanas tem grande importância para pensar como fazer chegar a proposta do Evangelho à variedade dos contextos culturais e dos destinatários” (EG, 133). E, como na tradição bíblica, o objetivo missionário perdura em que “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho” (EG, 48) e que todos somos chamados ao anúncio: “todos somos discípulos missionários” (EG, 120). Uma vez que “a atualidade do Magistério do Papa Francisco de modo indubitável, é eminentemente evangélica pois considera, acolhe e promove a humanidade daquelas que se encontram descartados pela sociedade” (Nobre; Conceição, 2023, p. 22).

Papa Francisco quer reformar o catolicismo e aposta neste planejamento de Igreja em saída como transformação da identidade cristã: é um “sair de si” em direção às quaisquer periferias humanas. É repensar os vazios de evangelização, num olhar autêntico àqueles que não estão no horizonte pastoral. Os católicos não podem fazer desta aposta um *slogan* vazio ou um apelo sem eco, mas uma oportunidade única e histórica de impacto estimulador aos membros da Igreja católica diante do mundo contemporâneo, retomando hoje o espírito do Vaticano II: é chegado, para tanto, o momento de o cristianismo transcender a si mesmo, em seus limites mentais e institucionais (cf. Halík, 2023, p. 18).

1.3 Vaticano II: as bases de uma Igreja pós-conciliar.

É o Concílio Vaticano II (1962-1965), o grande referencial para a expressão Igreja em saída, numa real tentativa de um novo e profundo vigor teológico da vida eclesial e sua renovação pastoral. João XXIII fez o chamado *aggiornamento* (atualização) da Igreja aos novos tempos, partindo da volta às fontes da revelação e da grande Tradição da Igreja, numa autêntica abertura das portas e janelas da Igreja para o mundo. De modo que, “o Vaticano II se torna não apenas um farol para o futuro da Igreja, mas também um momento de transição” (Faggioli, 2013, p. 171).

Após a fase da Modernidade, a Igreja, mesmo tardiamente, realizou esse esforço eclesial para uma reação diante do mundo transformado, como afirma Halík:

O Concílio Vaticano II, na segunda metade do século XX, não foi apenas uma tentativa de “acordo de cavalheiros” entre a Igreja Católica e a Modernidade, mas também um esforço no sentido de passar do catolicismo para a catolicidade e na direção de um cristianismo ecumênico – uma tentativa de desideologizar a fé e desclericalizar a Igreja (Halík, 2023, pp. 90-91).

Acredita-se que na base do conceito “Povo de Deus”, visão eclesial do Papa João XXIII, está a fundamentação elementar da Igreja em saída proposta pelo Papa Francisco. Elias Wolff afirma que “o Vaticano II não foi somente um evento do passado, mas constitui, de fato, o hoje da Igreja católica, a fonte de onde a Igreja retira o sentido fundamental para sua caminhada histórica e para o diálogo com a realidade atual” (Wolff, 2014, p. 7).

A eclesiologia do Vaticano II rompe com a separação entre mundo e Igreja: “depois de ter investigado de modo mais profundo o mistério da Igreja, o Concílio Vaticano II (...) deseja expor a todos como concebe a presença e a atividade da Igreja no mundo de hoje” (GS, 2). Redescobre-se o valor da Igreja no mundo, inserida na história, pois “a mesma Igreja vai ser considerada agora enquanto ela existe neste mundo e com ele vive e age” (GS, 40). É a partir do mundo que a Igreja se compreende como “sacramento universal da salvação” (cf. GS, 45; LG, 48b). Esta Igreja

[...] parte da história da humanidade e, portanto, que a relação com o mundo é parte de sua identidade teológica, é preciso estabelecer com clareza o estatuto teológico do mundo, que relação a Igreja deve manter com ele e como ler os acontecimentos da história (Passos; Sanchez, 2015, p. 454).

Karl Rahner, um dos teólogos mais importante do Concílio, afirma que “o Concílio é um início, não um fim. É a introdução de uma tendência, não seu ponto de chegada” (Rahner, 2004, p. 24). E, com isso, a expressão Igreja em saída atualiza o desejo do Concílio Vaticano II em viver essa comunhão com o mundo real em que a Igreja tenha um novo jeito de ser, uma nova consciência de si diante dos apelos e sinais dos tempos, assumindo o dinamismo da história, cuja recepção do Vaticano II se efetiva.

1.3.1 Vaticano II e sua recepção³.

O Concílio Vaticano II abordou questões fundamentais na vida da Igreja, sobretudo

³ É um termo sistematizado por vários autores da teologia, popularizado, principalmente, pelo teólogo Cardeal Yves Congar, que entendeu a recepção como: “processo pelo qual um corpo eclesial torna sua, na verdade, uma determinação que ele próprio não se concedeu, ao reconhecer, na medida promulgada, uma regra apropriada à sua existência” (Congar, 1997, p. 254).

quando apresentou assuntos relacionados à doutrina, liturgia, eclesiologia e a interação com o mundo moderno. Entretanto, ainda hoje, percebe-se grandes resistências quanto à sua recepção, devido ao surgimento de neoconservadores, fundamentalistas e às novas práticas de fechamento diante do apelo de uma Igreja em saída. Aliás, vive-se um momento histórico tão incrível com Francisco, mas, ao mesmo tempo, fica cada vez mais exposta a polarização crescente entre um número absurdo de ultraconservadores que querem empurrar a Igreja para a Idade média e um povo que sempre sonhou com um líder franciscano tão próximo dos sofrimentos humanos, restaurando e renovando com vigor a sua Igreja.

Interessante a análise política feita por Conceição, Nunes e Nobre, sobre o ressurgimento das teocracias que revelam uma nova onda conservadora, na afirmação de que

[...] a presença do conservadorismo abriga o intransigentismo católico e o fundamentalismo evangélico como movimentos de conservação do poder político-ecclesiológico de ultradireita. Entende-se que a ascensão desses movimentos no cenário político nacional e internacional é resultado da crise político-econômica neoliberal. Em tempos de crise, governos e movimentos com características conservadoras, fascistas, integralistas e totalitaristas recorrem aos sistemas teocráticos com o objetivo de conservar o poder hegemônico. [...] os movimentos conservadores intransigentes encontram, em sistemas teocráticos, um ponto de unidade ou conveniência que naturaliza e justifica sua volta de tempos em tempos, especialmente nos momentos de crise da sociedade. [...] São carregados de intolerância religiosa, moralismo, xenofobia, racismo, negacionismo, machismo e totalitarismo (Conceição; Nunes; Nobre, 2023, p. 13).

O impacto na compreensão da missão da Igreja foi extremamente importante para que se mudasse o paradigma de uma busca da conversão dos não-católicos e do domínio da Igreja católica à uma visão mais ampla e abrangente aos ensinamentos de Jesus. No documento “*Ad Gentes*”, aprovado pelo Concílio em 1965, a missão entra em estreita relação com a evangelização, enfatizando a importância de levar a mensagem cristã a todos os povos, respeitando suas culturas e tradições, e reconhecendo que outras religiões podem conter elementos de verdade e ingestão: “tomem conhecimento dos homens no meio dos quais vivem, e conversem com eles, para que, através dum diálogo sincero e paciente, eles aprendam as riquezas que Deus liberalmente outorgou aos povos” (AG, 13). Esta mudança marcou a Igreja em relação à sua abordagem mais inclusiva e respeitosa às outras religiões.

Interessante perceber que, numa leitura de Massimo Faggioli, a volta ao neoconservadorismo pode ser considerada uma rejeição ao processo de recepção e atualização do Concílio Vaticano II, impossibilitando a reforma e a renovação da Igreja, pois três questões são importantes para a recepção deste Concílio, a saber: (a) a compreensão do Vaticano II como

o fim ou o começo da renovação; (b) a visão da dinâmica dos textos conciliares em sua posição com respeito ao desenvolvimento da teologia católica e; (c) a questão da mudança e da historicidade na Igreja e na teologia (cf. Faggioli, 2013, p. 169).

Uma Igreja em saída, à luz do Concílio Vaticano II, assume a responsabilidade da luta pela justiça social e dos direitos humanos. Isto evidencia-se no documento *Gaudium et Spes*, onde a Igreja se vê diante da missão em anunciar a paz, fomentar a dignidade humana e a luta pela justiça social. Ou seja, há uma nova compreensão de uma Igreja que inclui, respeita e se compromete com o mundo, focada não na conversão religiosa, mas no envolvimento com a promoção do bem-estar humano, da justiça e da paz. “A Igreja, em virtude do Evangelho que lhe foi confiado, proclama os direitos do homem e reconhece e tem em grande apreço o dinamismo do nosso tempo, que por toda parte promove tais direitos” (GS, 41).

É mister perceber que o continente Latino-americano e Caribenho, em suas conferências episcopais, caminhou nas orientações do Concílio Vaticano II, assumindo-o na perspectiva de uma *práxis* teológica da libertação do “Povo de Deus”. “A América latina foi um laboratório fecundo de recepção do Concílio Vaticano II” (Passos, 2016, p. 75). Neste sentido, ele pôde fazer a experiência dos avanços e retrocessos no processo de mudanças e renovação das estruturas e organismos eclesiais. De fato, a América Latina construiu uma nova face da Igreja com um novo rosto, plasmado evangelicamente na recepção criativa deste Concílio: o rosto dos pobres e excluídos do hemisfério sul (cf. Brighenti, 2019, p. 12).

Diante disso, para Francisco,

[...] está claro, que a saída missionária é como que a alma da reforma de que a Igreja necessita no tempo atual. Ele espera que a Igreja em saída seja formada por cristãos conscientes de serem povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo, em sintonia com a eclesiologia neotestamentária, retomada pelo Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium*, ou seja, evangelizadores com a marca da Trindade (Dalló, 2020, p. 22).

Nesta perspectiva, vale lembrar que, “Francisco toma como referência o Concílio Vaticano II e sua proposta eclesiológica, foca sua preocupação na ação pastoral da Igreja e traz para a Igreja universal aquilo que era próprio da Igreja latino-americana” (Manzatto, 2015, p. 183). Percebe-se, assim, em Francisco, que “o Vaticano II repensou a Igreja, o mundo e a relação entre os dois; repensou a si mesma na relação com as diferenças sociais, políticas, culturais e religiosas que compunham a realidade da época” (Passos, 2018a, pp. 46-47).

Segundo Brighenti, Papa Francisco é a síntese da caminhada da Igreja da América Latina iluminada pelo farol conciliar:

Seu rosto próprio vem da busca de uma Igreja toda ela ministerial, da superação do binômio clero-leigos, de uma Igreja organizada em Comunidades Eclesiais de Base, do testemunho dos mártires das causas sociais ou da inserção profética dos cristãos no seio de uma sociedade excludente, como cidadãos (Brighenti, 2019, p. 13).

A Igreja respira um novo tempo com o pontificado do Papa Francisco, revivendo as intuições do Papa João XXIII e tornando-se o papa da fase da recepção do Concílio Vaticano II, ou até mesmo, a fase pós-conciliar, diferentemente dos dois últimos papados. E, como alguém que viveu profundamente a experiência e os anseios da Conferência de Aparecida, leva a sua influência para a Igreja Universal.

Entretanto, diante da oposição à reforma de Francisco e as orientações do Concílio Vaticano II:

A Igreja vivencia de modo claro e ativo magistérios paralelos. Na fase de oposição, o tradicionalismo posicionado fora da Igreja oficial assim se declarava por definição; negava o Vaticano II como continuidade da longa tradição e, portanto, seguia sua própria tradição. Na fase atual, dissolvidos e assimilados e com a autonomia possibilitada pelas redes sociais virtuais, os magistérios dos líderes curtidos e seguidos constituem suas bolhas eclesiais autossuficientes dentro da Igreja, na medida em que seus seguidores se declaram católicos, porém reproduzem posicionamentos contra o magistério extraordinário e contra o magistério papal (Passos; Sanchez, 2024, p. 160).

1.3.2 A influência do Documento de Aparecida.

O Documento de Aparecida (DAp)⁴ nasce de um eixo fundamental da vida eclesial: a missão. A missionariedade do discípulo e o discipulado do missionário será o foco deste documento, onde todos são chamados a serem discípulos missionários de Jesus: “discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma moeda” (DAp, 146). Com este documento, desabrocha um movimento missionário continental e permanente. Francisco, nesta inspiração na dinâmica da conversão missionária refletida na Igreja da periferia latino-americana, faz com que esse movimento seja assumido por toda a Igreja. Da periferia do mundo nasce o projeto reformador para uma nova eclesiologia, um caminho sem volta para toda a Igreja.

Em Aparecida, a palavra de ordem foi “missão”. Esta expressão aparece mais de cem

⁴ O Documento de Aparecida é o documento fruto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe – CELAM. Reflete a caminhada de milhares de comunidades do Brasil e demais países da América Latina e Caribe. Foi elaborado pelos Bispos reunidos em Aparecida-SP de 13 a 31 de maio de 2007, cuja participação de Francisco enquanto ainda cardeal de Buenos Aires se fez notar.

vezes nas diferentes dimensões ou tarefas específicas. Reafirmou-se, para tanto, a natureza missionária da Igreja, “pois tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo desígnio do Pai (DAP, 347). Sendo assim, uma evangelização decididamente missionária é capaz de superar modelos de Igreja ultrapassados e os privilégios eclesiais descabidos em tempos pós-conciliares (cf. Manzatto, 2019, p. 08):

Aparecida constata um processo de redução dos católicos em números absolutos (DAP, 100a). Esse fato, chama a atenção para a multidão de batizados não suficientemente evangelizados (DAP, 293). *Aparecida* quer transformar o conjunto dos batizados, sobretudo os que se tornaram vítimas da secularização (DAP, 185; 264), do relativismo (DAP, 177; 479; 503s), ou da migração religiosa para outras denominações, em discípulos missionários. Justamente num momento em que se redescobriu a natureza missionária da Igreja, surgem alguns questionamentos: como propor a fé aos cristãos que receberam essa fé no interior de uma tradição cultural, sem decisão pessoal, e como comprometê-los com a transformação do mundo (DAP, 278e)? Como abrir os olhos dos batizados diante da realidade do nosso continente, marcado por grandes mudanças (DAP, 33), e despertar a sua responsabilidade (DAP, 14; 33)? A estrutura da Igreja promove e permite os serviços, ministérios, colegialidade dos batizados, especialmente leigos (Dalló, 2020, p. 41).

Como redator deste documento, o então cardeal Jorge Mario Bergoglio, depois como Papa Francisco, pôde cunhar a sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e a expressão Igreja em saída (EG, 17; 19; 24 e 46) como base para enfatizar a importância dessa Igreja estar ativamente envolvida nas comunidades e na sociedade em geral, saindo de suas estruturas físicas e buscando estar presente no serviço às pessoas em suas reais necessidades espirituais e materiais. É uma abordagem renovada da missão da Igreja, uma vez que insiste no caminho de saída: os fiéis católicos são impelidos a saírem para os ambientes e realidades do mundo, levando a mensagem de esperança do Evangelho e do amor de Deus a todas as pessoas. Num olhar voltado às origens cristãs, o documento diz que o modelo eclesial está:

[...] nas primitivas comunidades cristãs (cf. At 2,42-47), que souberam buscar novas formas para evangelizar de acordo com as culturas e as circunstâncias. Ao mesmo tempo, motiva-nos a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, o caminho sinodal no pós-concílio e as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Como Jesus nos garante, não esqueçamos que ‘onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles’ (Mt 18,20) (DAP, 369, p. 169).

Papa Francisco, neste entendimento do resultado da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, traça o seu projeto de governo eclesial no reforço da ideia de uma Igreja em saída que busca ser alegre testemunha do Evangelho e promotora da justiça social, da solidariedade e da paz mundial. “Não haveria Papa Francisco sem *Aparecida*”

(Brighenti, 2019, p. 13). O conceito Igreja em saída, portanto, reflete a visão contemporânea da Igreja sobre sua responsabilidade missionária e seu papel imprescindível na construção de um mundo mais justo e compassivo, até porque “o que mais interessa a Deus não é a religião, mas um mundo mais humano e amável. O que Ele busca é uma vida mais digna, sadia e feliz para todos, a começar pelos últimos” (Pagola, 2014, p. 568).

De fato, para compreender as intenções eclesiológicas do Papa Francisco é preciso conhecer e aprofundar as linhas fundamentais do Documento de Aparecida. E para ampliar os horizontes de “Aparecida”, é preciso se debruçar no estudo da *Evangelli Gaudium* e, com ela, para os escritos, pronunciamentos, entrevistas e demais atitudes do pontífice que inspiram um o sonho de uma Igreja renovada, como estão expressos na *Evangelli Gaudium*.

1.3.3 Os apelos da *Evangelli Gaudium*.

A exortação apostólica *Evangelli Gaudium*⁵ é o ponto de partida para o uso da expressão Igreja em saída. A sua principal fonte inspiradora foram as conclusões da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em outubro de 2012, com o tema “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”. Entretanto, não se tornou uma exortação ‘pós-sinodal’, mas programática, ou seja, um programa de governo do pontificado de Francisco, fruto de um amadurecimento e de sua experiência pastoral. Desde o início de sua Exortação, Francisco quer “indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG, 1). Segundo Agenor Brighenti, “o paradigma da Igreja em saída inspira, mas não sem contradições, a possibilidade de um novo agir pastoral do encontro e da proximidade entre Povo de Deus e Igreja hierarquicamente estruturada. A Igreja em saída está substituindo o paradigma da Nova Evangelização” (Brighenti, 2019, p. 15).

Em 1985, Papa Paulo VI já tinha se preocupado com a vocação missionária da Igreja na exortação apostólica *Evangelli Nuntiandi*, entretanto, saindo da linguagem curial vaticana e superando a visão *intra eclesial*, Papa Francisco faz da *Evangelli Gaudium* um dos documentos mais importante para o futuro da Igreja ao convocá-la a uma verdadeira conversão pastoral: ultrapassar o comodismo e colocar-se “em saída”. Estes são alguns termos que soaram com intensidade, neste documento: “primeirar; envolver-se; ter o cheiro das ovelhas” (cf. EG, 24).

A V Conferência de Aparecida torna-se a mais indicada em todo o conjunto da exortação apostólica *Evangelli Gaudium*, sobretudo em 13 momentos (EG, 10, 15, 25, 103,

⁵ *Evangeli Gaudium* – EG – (“Alegria do Evangelho”), primeira Exortação Apostólica Pós-Sinodal escrita pelo Papa Francisco. Publicada no encerramento do Ano da Fé, em 24 de novembro de 2013.

123-124, 181 e 198). Sem o Documento de Aparecida não há Igreja em saída. Nesta exortação, a expressão Igreja em saída, além de ser contemplada com um título no Capítulo I (EG, 20-23), aparece em 4 ocasiões (EG, 17, 19, 24 e 46). O uso da palavra “saída” se dá em 8 números da EG, a saber: 20, 24, 27, 30, 46, 97, 179 e 261.

As expressões acima revelam a nova etapa que Francisco aponta para toda a Igreja católica: o movimento missionário. As suas iniciativas, seus gestos e palavras revelam este movimento de que é necessário partir, é preciso sair. Inclusive, em sua primeira homilia como Papa eleito, na capela Sistina, no dia 14 de março, ele afirmou: “Nestas três leituras vejo que há algo em comum: é o movimento. Na primeira leitura o movimento no caminho; na segunda leitura, o movimento na edificação da Igreja; na terceira, no Evangelho, o movimento na confissão. Caminhar, edificar, confessar” (Francisco, 2013a, *on-line*).

Ao conceber uma Igreja em saída como realidade que se desdobra em direção do outro, fica evidente que, muita mais do que transmitir a fé na difusão de doutrinas e dogmas, Francisco quer suscitar o verdadeiro testemunho de fé em Cristo, sobretudo no meio dos deserdados, fragilizados, perdidos, discriminados e chagados pelo sofrimento e a dor de uma época tão violenta e excludente. Ele espera que os cristãos sejam luzes e esperanças de um mundo novo, na luta contra o fechamento autorreferencial ou em grupos elitizados.

A renovação eclesial de Francisco, a partir do Concílio Vaticano II, é marcada por esta lucidez na leitura dos acontecimentos e pela intensidade e abertura na busca por novas respostas evangélicas, tendo como horizonte o atual aprimoramento da Igreja dentro do seu processo de vitalidade histórica. É o tempo de viver o espírito missionário. E, para tanto, é relevante dizer que a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* apresenta, em toda sua redação, 41 números com o termo “missão”⁶.

Os apelos missionários da *Evangelii Gaudium* são referências da reforma eclesial que a era Francisco insiste: a Igreja deve decididamente assumir o primado da missão. Na perspectiva bergogliana, o que está em questão é a identidade cristã, que é vida, testemunho, conversão permanente e ação missionária. O espírito de superação da evangelização será a ordem pastoral:

O Papa Francisco pensa a Igreja como de ‘saída’, onde sua estrutura e atividade se torne ‘um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à sua autopreservação’ (EG, 27), sabendo sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG, 20). Os evangelizadores devem contagiar-se do ‘cheiro das ovelhas’ (EG, 24). Daí o apelo à renovação de toda a sua pastoral (EG, 11), que pressupõe ‘uma conversão pastoral e missionária’ na linha do

⁶ EG, 10, 12, 13, 18, 20, 21, 25, 27, 28, 31, 32, 35, 40, 43, 79, 80, 81, 97, 102, 121, 122, 131, 133, 143, 156, 167, 173, 176, 179, 181, 184, 185, 188, 201, 262, 265, 268, 273, 275, 279 e 285.

Documento de Aparecida' (DAp, 25). Por isso, o desafio de romper com a inércia do *status quo*, onde pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral, 'fez-se sempre assim' (Dalló, 2020, p. 45).

A Igreja da *Evangelii Gaudium* quer atingir o coração das pessoas, especialmente aos destinatários da mensagem da Salvação: os pobres, os marginalizados, os descartáveis, os rejeitados, os pequenos e sofredores. Até porque é “Cristo vivo presente no outro, Cristo sofredor que sofre na dor do pobre e do sofredor, Cristo encarnado presente na carne do outro” (Passos, 2018a, p. 72). Que essa Igreja saia e dialogue com o mundo tão fragmentado e violento, pois “a Igreja do Vaticano II dialoga com o mundo, com as culturas, com as ciências, com os diferentes grupos sociais, com as diversas tradições eclesiais e com as religiões” (Wolff, 2014, p. 42), por mais que, alguns tradicionalistas, violentamente, achem que “o Concílio Vaticano II se afastou da Tradição e ensinou heresia” (Faggioli, 2013, p. 57).

A Igreja do futuro é aquela que se insere, de forma consciente e encarnada, na preocupação própria e séria com o ser humano concreto, fazendo desta, o ponto mais importante de reflexão em suas várias dimensões: social, política, econômica e etc. Como apresenta Passos:

A Igreja em saída é a Igreja do provisório e não do definitivo; a Igreja que dentro da História que muda inevitavelmente é capaz de discernir a si mesma e renovar-se no anúncio de Jesus Cristo encarnado: presente por seu Espírito na precariedade do tempo, nas culturas, nas religiões, nas conquistas das ciências e presente sacramentalmente nos pobres e na Igreja (Passos, 2016, p. 197).

A concepção da Igreja em saída é, em primeira instância, um “sair de si” em busca do outro, em busca de vida, percebendo nele, um sacramento. É uma oferta e uma procura, portanto, uma relação de interlocução, de diálogo e interação. E, neste sentido, “o diálogo é a palavra-chave que coloca o povo de Deus na postura de acolhimento, discernimento e parceria com as diferentes formas de cultura (EG, 132-134) e com as diferentes interpretações, posturas e estratégias em prol da vida humana e da vida planetária (LS, 163-200)” (Passos, 2018a, p. 85). O outro é alimento para a Igreja em saída. Ao sair, a Igreja sai de si em direção ao outro como aprendiz e não como dona da verdade. Neste sentido, é fato observar que os destinatários na vida missionária são caracterizados pela diversidade e pluralidade da modernidade. É, portanto, um desafio esse caminho missionário da Igreja a partir do Magistério de Francisco.

1.4 A Igreja a partir do Papa Francisco

Desde 2013, num verdadeiro destaque da importância e força da teologia latino-

americana, Francisco faz com que os ventos do sul soprem sobre a Igreja de forma que haja uma nova conjuntura eclesial de acordo com sua abordagem mais progressista e conciliar, sem perder o seu foco naquilo que considera essencial na identidade e na vocação da Igreja. Francisco governará e pensará a Igreja em estado permanente de renovação e conversão, interior e exterior, numa profunda ruptura com o *modus operandi* de uma Igreja que, até então, buscava ser centralizada e centralizadora.

Segundo João Décio Passos,

O papa do fim do mundo foi se expressando em um discurso tecido de modo novo com conceitos clássicos, assim como, tecido de modo novo com conceitos novos. Evidentemente, posturas renovadas pedem sempre discursos renovados, e discursos renovados pedem conceitos renovados. Portanto, a pessoa de Francisco não se separa dos discursos de Francisco. Pessoa-ministério-ensinamento constituem uma sequência direta e coerente, expressam um mesmo projeto renovador da Igreja assumido e conduzido por Francisco (Passos, 2018a, p. 14).

Ele trabalhará incansavelmente por concretizar seu sonho: o nascimento de uma Igreja servidora de todos e serva dos últimos que se baseia no acolhimento amoroso, de portas abertas, como porto de misericórdia e fonte de vida fraterna, pois “uma centralização excessiva, em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária” (EG, 32). Uma Igreja que rejeite qualquer imagem associada à uma prisão, museu, fortaleza, alfândega, e abraça a libertadora imagem de lar acolhedor, aberto a todos. Neste sentido, torna-se importante a seguinte crítica:

A concepção eclesiológica vigente até o Concílio Vaticano II é aquela que foi definida pelo teólogo Yves Congar (1904-1995) com a expressão “Eclesiologia hierarcológica”, isto é, uma eclesiologia que valorizava o aspecto institucional, visível, piramidal e hierárquico da Igreja. Segundo o teólogo dominicano, ‘uma concepção inteiramente piramidal da Igreja como uma massa totalmente determinada por seu ápice [...]’. Ainda segundo este autor, a eclesiologia por séculos esteve estagnada, simplesmente para salvaguardar sua dimensão visível e hierárquica (Pereira; Souza, 2023, p. 228).

A Igreja, a partir do Papa Francisco, nascerá desta simbiose entre espírito conciliar do Vaticano II, experiência eclesial latino-americana, carisma dos jesuítas e sangue argentino. E, a seu modo e tempo, definirá o caminho do seu governo: um autêntico romper com a estagnação eclesial. Isso resultará em algumas características e aspectos que modelarão esta nova identidade: uma Igreja simples, alegre, misericordiosa, compassiva, ecumênica, samaritana, inclusiva, sinodal, acolhedora, pobre e dos pobres, promotora da paz, cuidadora da Mãe terra e

atenta aos abusos de toda ordem.

O caminho da Encarnação é o caminho da Igreja em saída, como indica Papa Francisco, ao falar dos pobres e da periferia:

A Igreja nasceu precisamente aqui, na periferia da Cruz, onde se encontram tantos crucificados. Se a Igreja se desentende dos pobres, deixa de ser a Igreja de Jesus; revive as velhas tentações de se converter numa elite intelectual ou moral. A única palavra aplicável à Igreja que se torna estranha para os pobres é “escândalo”. O caminho das periferias geográficas e existenciais é o caminho da Encarnação: Deus escolheu a periferia como lugar para revelar, em Jesus, Sua ação salvadora na história (Francisco, 2020, p. 131).

Uma Igreja de portas abertas que faça a opção pelos pobres nasceu com a renúncia do Papa Bento XVI e a eleição de seu sucessor, Papa Francisco. E, nesta clareza de opção eclesial, “o povo de Deus foi afirmado como sujeito eclesial primordial quando, antes de sua primeira bênção pontifical, pediu que o povo rezasse por ele” (Passos, 2018a, p. 76). Retoma-se a possibilidade de respirar os desejos fundantes do Vaticano II e na escolha pela teologia indutiva que parte da realidade concreta do Povo de Deus, fazendo a experiência da Igreja em constante saída para as periferias do seu território, ou para os novos âmbitos socioculturais (cf. *EG*, 30), numa postura de abertura constante a todos, sem exclusões.

1.4.1 O rosto da Igreja em saída

A Igreja tem um rosto: “em saída”. Por mais que a maneira de falar seja abstrata, ela tem raízes efetivamente históricas, situada num tempo e espaço. Com isso, percebe-se que muitos dos seus discursos não convencem mais e nem comprometem, por serem demasiadamente abstratos e clericalistas. Revelar o seu rosto é desvelar a sua disposição em sair, em vista da evangelização, como comunidade dos batizados em direção à humanidade sofredora que espera vida em abundância.

Segundo Brighenti, a concretude desta Igreja se traduz na necessidade em assumir os sete verbos: abrir, sair, caminhar, converter (transformar), priorizar, despojar, diversificar na unidade do Espírito Santo (cf. Brighenti, 2019, p. 115) para uma eclesiologia atualizada e encarnada. É o mover próprio da eclesiologia de Francisco.

Olhar para o rosto da Igreja em saída é enxergar uma Igreja ativa e comprometida com o mundo, especialmente voltada para as periferias e os necessitados. É ter um estilo pastoral que seja movimento e uma abordagem que atraia pelo testemunho e beleza da sua fidelidade a Jesus e o anúncio do seu Reino. O rosto da Igreja de Francisco evangeliza e é evangelizada (cf.

EN, 15). Teologicamente,

[...] espera-se da Igreja em saída que ela seja formada por cristãos e cristãs conscientes de serem Povo de Deus - Corpo de Cristo - Templo do Espírito, em sintonia com a eclesiologia neotestamentária, retomada pelo Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium*. Portanto, evangelizadores com a marca da Trindade! O rosto trinitário da Igreja em saída descortina para os missionários um largo horizonte de ação (Vitório, 2016, p. 35).

Cuidar deste rosto é apresentar ao mundo uma Igreja aberta para atingir a todos, combatendo qualquer tipo de preconceito, fechamento ou discriminação. Ela precisa ser o espaço onde se encontra apoio espiritual, emocional, social em qualquer momento que a pessoa esteja passando, sobretudo em situações de crise de qualquer ordem. Só dependerá do esforço eclesial para que este rosto possa brilhar ou não com maior nitidez em diálogo com o mundo que pede um rejuvenescimento de esperança. Como afirma Brighenti, a Igreja deve estar em:

[...] permanente saída para os outros, especialmente para as periferias existenciais, que grassam no mundo inteiro. Ela deve servir de alento, infundir esperança e mostrar um Cristo que veio para nos ensinar a viver como irmãos e irmãs, no amor, na igualdade, na justiça, abertos ao Pai que tem características de Mãe de misericórdia e de bondade (Brighenti, 2019, p. 9).

Em vista disso, indaga-se: o que realmente vejo quando olho para a Igreja? Ela poderia ser vista como um grande refúgio humano ou um sinal de consolo às pessoas feridas que buscam conforto, orientação e solidariedade em tempo de doenças, conflitos e tantas adversidades do mundo? Pode-se dizer que seria uma comunidade pronta para servir nas dificuldades das pessoas oferecendo apoio, conselhos e assistência? São questões importantes em todos os tempos e lugares. Um rosto de que procura amparar e curar o ser humano de tantas estruturas de opressão e morte. Para Brighenti, uma Igreja adequada à atual fase planetária da humanidade é chamada a encarnar-se nas várias culturas e construir aí um novo rosto a partir da riqueza inesgotável do Evangelho (cf. Brighenti, 2019, p. 9).

É necessário revelar o rosto da compaixão, da solidariedade e do cuidado com a dor do próximo, que é o rosto do próprio Cristo, no avanço de uma “imagem ideal de Igreja [...] com o rosto real” (cf. EG, 26). “Para os cristãos, a solidariedade expressa um amor eficaz por todos e em particular pelos mais indefesos da sociedade (Gutiérrez; Müller, 2014, p. 152). Uma vez que, “o futuro da Igreja começa por uma pastoral convidativa e humana que apresenta a fé de modo esclarecedor e cria espaço para que as pessoas possam experienciar, em sua situação particular, o amor e a misericórdia de Deus” (Augustin, 2019, p. 98).

1.4.2 A superação da autorreferencialidade

A Igreja a partir do Papa Francisco é “em saída”, portanto, aquela que se movimenta em direção à alteridade e à gratuidade. “A gratuidade é condição para valorizar o outro em seu modo de ser, de crer e de viver. O outro é a dimensão interpeladora da vivência espiritual. A perspectiva cristã colhe essa interpelação desenvolvendo a sua essência comunitária, que propõe o diálogo, a reconciliação, a comunhão” (Wolff, 2016, p. 43). Sair de si e ir ao encontro é a dinâmica desta Igreja pós-conciliar. É a resposta à desafiadora tentação da autorreferencialidade eclesial. A novidade chamada Francisco se torna fonte para um novo agir pastoral do encontro e da proximidade entre Povo de Deus e Igreja hierarquicamente estruturada (cf. Brighenti, 2019, p. 111). Neste sentido, pode-se compreender as palavras do cardeal Bergoglio, pouco antes de sua eleição:

Evangelizar supõe zelo apostólico. Evangelizar supõe na Igreja a *parresía* de sair de si mesma. A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias, não apenas geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, da dor, das injustiças, das ignorâncias e recusa religiosa, do pensamento, de toda miséria. Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar torna-se autorreferencial e então adoece (conforme a mulher encurvada sobre si mesma do Evangelho). Os males que, ao longo do tempo, se dão nas instituições eclesiais têm raiz na autorreferencialidade, uma espécie de narcisismo teológico. No Apocalipse, Jesus diz que está à porta e bate. Evidentemente, o texto se refere ao fato de que Jesus bate do lado de fora da porta para entrar... Mas penso nas vezes em que Jesus bate do lado de dentro para que o deixemos sair. A Igreja autorreferencial quer Jesus Cristo dentro de si e não o deixa sair. A Igreja, quando é autorreferencial, sem se dar conta, acredita que tem luz própria; deixa de ser o *mysterium lunae* e dá lugar a esse mal tão grave que é a mundanidade espiritual (segundo De Lubac, o pior mal que pode sobrevir à Igreja). Esse viver para dar-se glória uns aos outros. Simplificando: há duas imagens de Igreja: a Igreja evangelizadora que sai de si – a *Dei Verbum religiose audiens et fidenter proclamans*, ou a Igreja mundana que vive em si, de si e para si (Ortega, 2013, *on-line*).

Impressiona, em Francisco, a abertura e acolhida aos divorciados, a luta corajosa pela defesa dos refugiados e migrantes, o apelo incansável à comunidade internacional pela busca da paz, o alerta pela destruição do meio ambiente e a emergente situação climática, a proposta de uma nova economia humanizante e justa. Enfim, estas e outras decisões nascem do “sair de si”, deixando de ser o centro e abandonando o lugar cômodo e confortável, num “ir além” de si (cf. EG, 49).

Na verdade, é necessário lutar contra “uma Igreja pautada pelo eclesiocentrismo de uma instituição que se crê o único meio de salvação, regida por princípios ideais e integrada por fiéis que se enquadrariam nos inúmeros requisitos preestabelecidos pelas leis canônicas” (Brighenti,

2019, p. 189). A Igreja em saída não admite qualquer forma de discriminação ou marginalização por motivo legal ou normativo, dos chamados “irregulares ou impedidos” da comunidade, uma vez que a posição eclesial justamente se dará na periferia e não no centro, como afirma Wolff:

A partir do Vaticano II, a Igreja deixa de ser uma realidade centrada em si mesma e entende-se cada vez mais centrada em Cristo e seu Evangelho, com abertura para o mundo. De Cristo e do seu Evangelho, a Igreja recebe a sua identidade e missão; do mundo, ela recebe as interpelações para a missão. De Cristo, a Igreja recebe o Espírito que a fortalece no testemunho; do mundo, ela recebe as ocasiões concretas para testemunhar o Evangelho (Wolff, 2014, p. 97).

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco utiliza da expressão “autorreferencialidade” por três vezes (EG, 8, 94 e 95) para, diante da espiritualidade missionária, denunciar a postura egocêntrica eclesial que faz de si o ponto de saída e chegada da reflexão ou a primeira e a única referência da verdade no mundo. A mentalidade fechada e burocrática da Igreja precisa ser questionada a tal ponto de impulsionar um retorno às raízes do evangelho que tanto insistiu nesta saída para encontrar o outro. Taxativamente, o Papa chama isso de doença (EG, 263) ou de um narcisismo teológico, como afirmou o cardeal Jaime Ortega. Até porque,

[...] no mundo estão as outras Igrejas e as religiões, de modo que a Igreja não “autorreferenciada”, descentrada de si e centrada em Cristo com abertura para o mundo, realiza, a partir de Cristo e no meio do mundo, a relação com outras formas de crer, no cristianismo e nas religiões [...] É a Igreja que se configura a partir do diálogo e no diálogo (Wolff, 2014, p. 97).

A superação da autorreferencialidade é fundamental para que a Igreja em saída possa ter forças para olhar o mundo moderno que avança no confronto com as diversidades e, por conseguinte, na busca de consensos, supere os conflitos e garanta direitos iguais (cf. Brighenti, 2019, p. 29). O “voltar-se para si” ou “reproduzir-se sobre si mesma” impossibilita a Igreja de viver o seu chamado ou a sua identidade, pois direciona o tempo, atenção e recursos para consigo mesma e não com os preferidos do Reino de Deus. Fica fora do tempo. É urgente “fazer as pequenas coisas de cada dia com um coração grande aberto para Deus e os outros; é valorizar as coisas pequenas dentro de grandes horizontes, os do Reino de Deus” (Borghesi, 2018, p. 37).

Neste sentido, para Pagola, é urgente viver para o Reino, por meio das seguintes tarefas apontadas por Jesus:

Introduzir no mundo a compaixão de Deus; levar a humanidade a olhar para os últimos; construir um mundo mais justo, começando pelos mais esquecidos; semear gestos de bondade para aliviar o sofrimento; ensinar a viver confiando em Deus Pai, que quer uma vida feliz para seus filhos e filhas

(Pagola, 2014, p. 569).

A instituição e as lideranças eclesiais precisariam refletir e aprofundar a tendência da autorreferencialidade entendida como realidade de uma concentração inspirada em si mesma, em seus rituais, estruturas e preocupações internas, uma vez que sua missão é para o mundo externo, servindo a Deus e à humanidade. E, certamente, o antídoto à autorreferencialidade está na opção pelas periferias existenciais:

Constata-se um novo clima na igreja, favorável para atualizá-la aos tempos atuais; há esforço de discernimento dos sinais dos tempos, buscando entender o melhor modo de pregar e viver o Evangelho. Espera-se a continuidade desse processo, sustentado na consciência que a igreja tem necessidade de ‘sair’ de si mesma, provocando rupturas com toda tendência à ‘autorreferencialidade’ (Wolff, 2021, p. 30).

Urge uma nova educação ou catequese de Igreja em saída que forme cristãos que se voltem para o outro, para o coletivo, num mundo marcado por tantos conflitos. Ao contrário, perpetuar-se-á uma desconexão com os problemas do mundo real, como a perda de relacionamento social e a falta de engajamento com as questões contemporâneas.

O destaque da força e da alegria do Evangelho poderão transformar a autorreferencialidade eclesial em aproximação na busca do bem dos outros, tocando suas feridas num efetivo compromisso de ações em favor destes. A Igreja em saída, na atitude de “primeirizar”, retira a pessoa desse voltar-se a si, revelando a riqueza de viver para o outro, como fez Jesus em seu projeto de vida.

1.4.3 Modelo de saída

A eclesiologia de Francisco, nos trilhos dos sonhos de João XXIII, tem como inspiração o modelo de uma Igreja “Povo de Deus”, ou seja, uma Igreja que saiba viver o espírito do serviço, de forma misericordiosa e que se afasta da autorreferencialidade para ir a todos, como Igreja decididamente “em saída” que supera a sua letargia.

Este modelo deixa claro o afastamento de uma eclesiologia hierárquica, clericalista e pré-conciliar, e, como denuncia Kloppenburg, a vitória de uma Igreja como pirâmide, onde Papa, bispos, sacerdotes, que presidem, ensinam, santificam, governam, com autoridade e poder; e na base está o povo cristão, passivo e receptivo parecendo ocupar o lugar nitidamente inferior e secundário (cf. Kloppenburg, 1971, p. 239). Francisco resgata a força do espírito sinodal, da participação, de comunhão e inspiração conciliar de uma Igreja “Povo de Deus”,

pois,

[...] o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à Tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar (EG, 116).

Diante do modelo e práticas de uma Igreja fechada, autocentrada, adormecida e indiferente à realidade sofrida das pessoas, viver um novo caminho eclesial e uma nova prática pastoral é reacender a esperança de que ainda a Igreja católica pode ter algo relevante a dizer ao mundo em conflito e violento. “Uma Igreja fechada, determinada por uma disciplina estrita e exigente, pode dificilmente ser missionária. Vontade não falta. Mas a própria rigidez das estruturas faz com que a mensagem seja inassimilável” (Comblin, 1980, p. 89).

É necessário superar a visão tradicionalista da Igreja que congela e eterniza modelos do passado no presente, o que faz ver, por ilusão da imaginação ou abstração da mente, certo fato de certa época como evento definitivo (cf. Passos, 2014, p. 62). Neste sentido, é interessante observar que o cientista político francês Gaël Brustier propôs a ideia do *tradismatiques* (“tradismático”) para acentuar o surgimento de um novo modelo eclesial conservador gerado pela fusão entre o modelo eclesial pentecostal e o tradicional, que de forma ativa e curiosa, difundiu-se nas redes midiáticas (cf. Brustier, s/d, *on-line*). Essa é a oposição eclesial ao modelo de Francisco.

O processo de efetivação do modelo de Igreja em saída poderá ser um instrumento facilitador das relações, entre os vários organismos, agentes e forças vivas e atuantes nas comunidades em constante diálogo com o mundo cada vez mais distante das estruturas católicas. Destarte, o modelo eclesial atual já não responde mais e o retorno ao passado, pode ser o sepultamento de um grande processo histórico da Igreja católica, sobretudo, do sonho conciliar de João XXIII. É como afirma Passos:

A fuga do mundo presente ou o conformismo individualista em suas estruturas e dinâmicas constituem estratégias políticas falsas e, na ótica da fé, um desvio moral por negar o outro e fechar-se ao Espírito que remete a Igreja para além de si mesma na direção do mundo. A busca de modelos do passado ou o conformismo seguro na instituição ou em grupos isolados traem em igual medida o propósito conciliar. A Igreja, sinal de salvação no mundo, é uma grandeza histórico-mística que se realiza na própria história e aí cumpre sua missão e concretiza sua identidade sacramental. E o mesmo Espírito que a faz comunidade una e diversa a lança para o mundo na busca da verdade e do bem em diálogo com crentes e não crentes (Passos, 2016, p. 127).

Papa Francisco é uma seta que aponta para uma Igreja alegre por viver o Evangelho de

Cristo. É a partir do interior da própria Igreja (conversão), numa busca incansável em curar os seus males, na função samaritana e dialogal de suas iniciativas, no reforço de uma sinodalidade que abre perspectivas de um outro mundo possível, que se constrói credivelmente uma nova forma de compreensão desta Igreja. Ele fala da Igreja que tenha como modelo o poliedro:

O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros, têm algo a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos (EG, 236).

Com esta proposta de poliedro, Francisco apresenta a dinâmica profunda das relações na Igreja universal, entre as Igrejas locais, e, em cada Igreja local entre as suas diversas realidades. É o diálogo e a inculturação das diversas experiências eclesiais que exprimem o rosto de uma única Igreja, “Povo de Deus” (cf. Coda, 2019, p. 52). Até porque “a Igreja é o ‘nós’ na fé [...] e a fé contém o ‘nós’ no seu conjunto” (Guardini, 1957, p. 133).

Na afirmação sublime da dignidade da pessoa e do diálogo, na promoção e no incentivo do humanismo nas relações humanas, na economia e na educação ecológica, empenha-se o surgimento de uma Igreja renovada e inserida no mundo que busca encontrar a todos, indistintamente, como sal, luz ou fermento. “Encontramos o modelo paradigmático dessa renovação comunitária nas primitivas comunidades cristãs (cf. At 2,42-47), que souberam buscar novas formas para evangelizar de acordo com as culturas e as circunstâncias” (DAp, 369).

A resposta duma Igreja em saída é o novo modelo de evangelização num mundo em mudança que empurra a um necessário abandono das práticas eurocêntricas fracassadas pelo atraso, por uma Igreja intelectualizada e distante das pessoas comuns. Em vez de normas e obrigações a serem cumpridas, a missão da Igreja será oferecer uma vivência de um encontro pessoal, profundo e transformador com a pessoa e a vida de Jesus. Uma “evangelização – tarefa central da Igreja – nunca será suficientemente ‘nova’ e eficaz se não penetrar na dimensão profunda da vida humana e da cultura humana, que é o *habitat* da espiritualidade” (Halík, 2023, p. 233).

O modelo eclesial apresentará uma Igreja com o coração misericordioso e samaritano de Jesus, que faz a clara opção pelas pessoas crucificadas em suas várias formas de exclusão, sobretudo a economia criadora de famintos e injustiçados. “A obra da evangelização pressupõe

no evangelizador um amor fraterno, sempre crescente, para com aqueles a quem ele evangeliza” (EN, 79). Em Cristo, a Igreja desperta-se para sair do conforto, do enrijecimento medieval, do comodismo e da cristalização para acolher todas as vítimas da violência, do ódio, do poder, da miséria e da solidão. É como afirma o Concílio:

Com efeito, ao dar a conhecer Cristo, a Igreja revela, por isso mesmo, aos homens a genuína verdade da sua condição e da sua integral vocação, pois Cristo é o princípio e o modelo da humanidade renovada e imbuída de fraterno amor, sinceridade e espírito de paz, à qual todos aspiram (AG, 8).

Francisco muda a perspectiva da evangelização, colocando a Igreja em saída como ponto de partida ao anúncio do Evangelho e uma exigência da transformação estrutural da Igreja. Ele mesmo, por exemplo, presidirá o Dicastério para a Evangelização para expressar a importância desta conversão pastoral e estrutural. Somente uma Igreja que assume ser “em saída” enfrentará corajosamente a rígida e insistente centralidade estabelecida e autorreferencial que anula a sua capacidade de responder, com dinâmica e de forma atrativa, as atuais questões que geram esperança e angústia na humanidade (cf. GS, 4).

A Igreja itinerante de Francisco insistirá neste movimento de saída permanentemente missionária até a configuração íntima com Jesus, o itinerante, pois “fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares e, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo, a alegria é para todo povo. Ninguém pode ficar excluído” (EG, 23). O modelo de saída será sempre Jesus, pois “mais uma vez estamos sendo desafiados hoje, e em todas as épocas, a seguir o modelo dele; a transformar as estruturas, para que estas se convertam conforme o modelo dele; de ser fermento que incomoda, transforma e inspira à conversão” (Blank, 2001, p. 166). Neste sentido,

[...] na missão “em sair” ao encontro dos pobres e dos que sofrem, o próprio Jesus é o nosso modelo. O Papa Francisco nos exorta a superar a tentação de nos distanciarmos das cicatrizes do Senhor. Quando, no seguimento de Jesus, tocamos nas feridas dos pobres, é nas cicatrizes do próprio Jesus que tocamos (Augustin, 2019, p. 89).

Dentro do contexto deste rico impulso antropológico e teológico, a nova proposta de Francisco convidará a uma retomada da inspiração conciliar de diálogo, com olhos a uma concreta conversão às necessidades reais do mundo atual. A derrota ou o fracasso dos modelos ou sistemas antigos é um dado inquestionável para o pontífice. O aceno da Igreja em saída é um voltar-se às questões que surgem como novas provocações e perspectivas no hoje dos sujeitos eclesiais, obedecendo ao dinamismo da história.

1.5 A teologia do Povo do Papa Francisco

Em 1969, Joseph Ratzinger, num clima pós-conciliar, era um jovem teólogo que fazia conferências radiofônicas na Alemanha e, desde então, já profetizava o futuro da Igreja: a Igreja de Francisco, seu legítimo sucessor. A publicação é de origem norte americana e tenta responder à realidade da Igreja nos anos 2000:

Da crise de hoje surgirá a Igreja de amanhã; a Igreja que tem perdido muito. Ela se tornará pequena e terá que começar de novo mais ou menos a partir do início. Ela não mais terá condições de habitar muitos dos edifícios que ergueu em tempos de prosperidade. Como o número de seus membros diminuirá, ela perderá muitos de seus privilégios sociais. [...] Ela descobrirá novas formas de ministério e ordenará para o sacerdócio cristãos aprovados que já possuam alguma profissão. [...] Será difícil ir à Igreja, pois o processo de cristalização e clarificação lhe custará uma energia muito valiosa. Isso fará com que ela seja pobre e se torne a Igreja dos humildes (Ratzinger, 2009, pp. 105-106).

De fato, eleito como grande síntese conciliar e o porta-voz do Espírito, Papa Francisco restaura e resgata a fidelidade da Igreja à Aliança, buscando inspiração em São Francisco que, em seu tempo, fez o antigo ser novo. Entretanto, não é o surgimento de uma nova Igreja, mas de um novo modo de vê-la, sob a tônica da teologia do “Povo de Deus”. É o “novo modo de ver a Igreja, [...] o novo modelo eclesial” (cf. Kasper, 2015, p.56). Pois,

[...] com a Igreja em saída, o Papa Francisco ressignifica o conceito “povo de Deus”, ou seja, retoma a compreensão do Vaticano II, que a Constituição sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, definiu: primeiramente como mistério, porque nasce do coração do Cristo, de onde vem e recebe a sua missão do próprio Deus, e é conduzida pela força do Espírito. Em segundo lugar, o Concílio definiu a Igreja como povo de Deus, fortalecendo a dimensão batismal e o sacerdócio comum de todos os fiéis, compreendendo a Igreja não mais de forma piramidal, mas na comunhão de todos os batizados que, tem o Cristo como seu centro, e a Ele e por Ele exercem o seu ministério. Uma vez que, ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai, isso implica ser fermento de Deus no meio da humanidade (Dalló, 2020, pp. 59).

A teologia do Povo (*Teologia del Pueblo*) ou da cultura nasceu no período da formação acadêmica de Bergoglio, tempo do auge do Concílio Vaticano II. Ela se caracteriza pelo destaque à religiosidade popular, pela inclusão social e a vivência entre os mais pobres (*Pueblo*) e trabalhadores. Com esta carga e a influência da escola jesuítica e, de Romano Guardini, Papa Francisco elabora a sua teologia e o seu pensar sobre o futuro de uma Igreja em saída comprometida com um mundo novo.

A Igreja de Francisco está além de ser uma mera instituição orgânica e hierárquica. Ela deverá ser concebida como “Povo de Deus” a caminho para Deus, povo peregrino, solidário e evangelizador. Aqui, subjaz uma crítica à tendência ao clericalismo que se distancia desta realidade de participação de todos na vida da Igreja, uma vez que “anula a personalidade dos cristãos e subestima e diminui a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração de nosso povo, e esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus e não só a poucos eleitos e iluminados” (Passos, 2018a, p. 79). É o desejo de uma Igreja que exale o cheiro de ovelha e não clericalizada, mundanizada, repleta de ministros profissionais do sagrado, gestores sacros ou funcionários da fé. Papa Francisco deseja uma Igreja “Povo de Deus” onde cada um possa se sentir incluído nela (cf. Kasper, 2015, p. 57). E,

[...] no início do pontificado, o Papa Francisco deixou claro seu modo de ver a Igreja e como desejava que fosse identificada, ao declarar: “Ah, como eu gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres”. A Igreja pobre faz contraponto à milenar Igreja constantiniana: rica, poderosa, autoritária, impositiva, arrogante, discriminadora, doente do complexo de superioridade, dona da última palavra, em total dissintonia com o Evangelho. Francisco entendeu bem que só uma Igreja pobre e despojada poderá seguir os passos de quem não tinha onde repousar a cabeça (Mt 8,20), nasceu pobrezinho em Belém e, ao morrer, seus últimos pertences foram sorteados entre os algozes (Jo 19,23-24). Daí não ter custado a Jesus compreender que seu lugar natural encontrava-se no meio dos pobres e dos desprezados pela religião, a ponto de escandalizar os adversários, que o acusavam: ‘Este homem recebe os pecadores e come com eles’ (Lc 15,2) (Vitório, 2016, p. 36).

Francisco, ao assumir a grandes linhas eclesiológicas centradas no desejo de uma Igreja firmemente missionária, enriquece a noção bíblica e conciliar “Povo de Deus” (cf. *LG*, 9-17) ou santo Povo fiel de Deus (cf. *EG*, 95 e 130). É na experiência bíblica que a Igreja em saída poderá anunciar Cristo pobre aos pobres, encontrando a sua identidade e vocação para ser servidora e querigmática. “Se há um sinal que nunca deve faltar entre nós é a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora. Aqui se joga e se mede a autenticidade, a fidelidade e a credibilidade evangélicas da Igreja” (Brighenti, 2019, p. 166).

Segundo Dantas,

Francisco é o Papa que traz consigo a teologia do povo, com um discurso globalmente eficaz, construído a partir da sua experiência com o povo-pobre-trabalhador-migrante, como sacerdote, bispo e cardeal na Argentina. É da Igreja da periferia, marcada pelo sofrimento secular da colonização e da exploração econômica gestadas no hemisfério norte, encarnada nas condições reais dos povos do continente latino-americano, corajosa em sua luta pela justiça e atrevida em sua criatividade, que saiu Francisco. A posição política de Bergoglio lhe oferece as bases concretas de sua hermenêutica geral da

realidade e, de modo particular, de sua hermenêutica da Igreja. A periferia chegou ao centro e pode, agora, refazer suas estruturas e seus modos de funcionamento, sem qualquer interesse corporativo (Dantas, 2019, p. 47).

Sabe-se que, nesta novidade de uma Igreja “Povo de Deus”, há uma exigência duma sincera mudança de rumo. A partir de agora, como fruto da experiência pastoral argentina do Cardeal Bergoglio, a Igreja será cada vez mais evangélica, peregrina, evangelizadora, integradora e de comunhão, num olhar que nasce da periferia. “Em Bergoglio, o mundo visto da América do Sul tornar-se-á o mundo visto da periferia, das favelas, das Villas de miséria, das infindáveis metrópoles da América Latina” (Borghesi, 2018, p. 57).

A teologia do Povo não se refere diretamente a uma doutrina ou sistema teológico formal estabelecido, mas uma abordagem teológica que se concentra nas experiências da vida das pessoas em sua raiz cotidiana. É uma atenção, um “ouvir” as vozes do povo, compreendendo as lutas e os desafios, conectando-se com suas vidas. A Igreja não pode mais estar alheia ao mundo das pessoas, portanto, deve deixar de ser apenas teórica ou burocrática e encarnar pastoralmente no cotidiano de cada pessoa. É necessário “se encarnar nas diversas realidades humanas para tudo transformar na perspectiva do reino de Deus, que é preciso historicizar” (Manzatto, 2019, p. 41). Esta teologia do povo, para tanto, destacar-se-á por alguns aspectos fundamentais da vida de Jesus: a simplicidade, a misericórdia, a compaixão e a experiência do encontro.

Os pobres, os imigrantes e marginalizados e àqueles que vivem em condições de vida desumanas nunca deveriam ser esquecidos por qualquer instituição e jamais deveriam ser considerados descartáveis por ninguém. Hoje, infelizmente, “os pobres são anônimos e parecem fadados a um anonimato ainda maior, pois nascem e morrem sem se fazer notar. Peças descartáveis em uma história que se lhes escapa das mãos e os exclui” (Gutiérrez; Müller, 2014, p. 129).

Passos afirma que esta teologia do Povo,

[...] acolhe direta ou indiretamente a noção moderna de povo e permite à Igreja não somente pensar a si mesma numa nova configuração sociocomunitária interna, fundada em seu mistério mais fundamental – a unidade e a diversidade do Deus Uno e Trino, das quais decorrem a unidade e a diversidade da comunidade eclesial –, mas também a sua missão dentro do mundo na relação com outros povos, à sua maneira inseridos no plano salvífico de Deus (Passos, 2016, p. 95).

Tocado e provocado pelo Evangelho da alegria, Francisco viveu para os pobres e os defendeu em terras argentinas e, agora, sabiamente crê nesta Igreja em saída chamada a levar o

amor e alegria de Jesus a todos, antecipando-se às distintas situações, ou seja, saindo de sua autorreferencialidade, sob o impulso de ser uma Igreja de todos, do Povo fiel de Deus. Para Nobre e Elizeu, ele “atualiza a sinuosa missão evangelizadora, obedecendo ao dinamismo da história da salvação” (Nobre; Conceição, 2023, p. 22).

A teologia do “Povo de Deus” apresenta uma Igreja inserida na vida das pessoas, como servidora, de modo especial, aos empobrecidos, marginalizados, invisíveis sociais, massas sobrantes, carentes de um olhar e de uma postura misericordiosa. É seguir a forma de Deus agir no meio do seu povo. É (re) fazer os passos messiânicos de Jesus. A Igreja, segundo Halík, como Povo de Deus, caminha ao longo da história; esta imagem representa a Igreja em movimento e em processo de constante mudança. Deus molda a forma da Igreja na história, revelando-se nela e a ensina por meio dos acontecimentos da história (cf. Halík, 2023, p. 284).

1.6 A percepção dos sinais dos tempos.

Os sinais dos tempos foi um conceito-chave discutido amplamente no Concílio Vaticano II, presente em vários documentos como *Gaudium et Spes* (GS, 4, 11, 44), *Presbyterorum Ordinis* (PO, 9); *Unitatis Redintegratio* (UR, 4) e na *Apostolicam Actuositatem* (AA, 14). Ele se refere à ideia de que a Igreja deve interpretar e responder aos desafios e às mudanças da sociedade contemporânea. Papa Francisco assume o método “ver-julgar-agir” com a perspectiva de olhar a realidade, uma vez que esta é mais importante do que a ideia, pois ela é complexa, plural, conflitiva e opaca, e, precisa ser descoberta através de um discernimento (cf. EG, 194). Interessante observar que a realidade deve ser vista a partir dos fatos históricos concretos e que “não pode ser decifrada, de cima para baixo, e para o mundo inteiro – nem o Papa nem a Igreja possuem o monopólio da interpretação da realidade” (Brighenti, 2019, p. 205).

Neste sentido, olhando a realidade mais carente, afirma Domezi:

[...] o exercício de diagnosticar, especialmente através do método ver-julgar-agir, legitimado pelo Concílio Vaticano II com a categoria teológica sinais dos tempos, nos ajuda a ter senso crítico e sensibilidade para enxergar as novas situações da pobreza no mundo e os novos rostos dos pobres (Domezi, 2014, p. 58).

É, efetivamente, uma atenção eclesial às questões mais emergentes, como desenvolvimentos científicos, os avanços tecnológicos, as mudanças nas estruturas sociais, questões éticas e morais, as aspirações humanas, a fim de se comunicar de maneira eficaz com

as pessoas e, ao mesmo tempo, cumprir sua missão. E sem complexidades, segundo Comblin,

[...] a interpretação dos sinais dos tempos nunca poderá ser uma tarefa complicada, nunca poderá exigir oficinas, comissões, administração. Os sinais estão ao alcance dos mais simples. Por isso Deus encarregou os mais simples e deu-lhes a missão de mostrar aos missionários o verdadeiro caminho. Cabe a nós compreender o que dizem essas pessoas desprezadas, recuperar as lições que elas nos dão, e experimentar o mesmo caminho para realizar a nossa tarefa (Comblin, 1980, p. 33).

Uma Igreja em saída faz da leitura dos sinais dos tempos a sua forma de proceder ou o seu discernimento diante de um mundo exigente por novos e atualizados modos de compreender a Boa Nova, sentindo-se atraído por Jesus e sua proposta de esperança numa sociedade conflitiva. A Igreja não é uma realidade pronta e imutável como se em nada precisasse mudar para se aperfeiçoar imaginando já ter atingido o máximo de sua realização enquanto instituição mediadora da vivência da graça de Cristo e sinal do Reino no mundo (cf. Wolff, 2021, p. 15).

A *Evangelii Gaudium* apresenta as interpelações de Francisco que analisa os sinais dos tempos fazendo uma autocrítica da situação real da Igreja. A percepção destes sinais ajudará numa sincera e profunda conversão eclesial que poderá favorecer o encontro das pessoas com o Evangelho e a mudança de rumo da própria Igreja. Não se pode negar alguns sinais dos tempos *intra eclesial*, como, por exemplo, o afastamento das pessoas na participação na vida da Igreja (êxodo católico); a dificuldade em compreender a finalidade da instituição eclesial; o espírito constante da crítica à Igreja; a maioria dos católicos não participa nos sacramentos; o analfabetismo religioso está muito disseminado; muitos dos que trabalham na Igreja não procuram alcançar as suas verdadeiras metas; muitos membros da Igreja só abordam temas marginais (cf. Augustin, 2019, p. 31). Há, por sua vez, outros temas ou sinais dos tempos fora da realidade eclesial em que o Papa se debruça: direito dos trabalhadores, a dignidade da mulher, a causa pela paz, a dignidade dos pobres e marginalizados, a família e seus dramas, os divorciados, as vítimas de abusos de pedofilia, a homossexualidade, a ecologia, a juventude, a Amazônia, os migrantes e refugiados (cf. Xavier, 2018, p. 153).

Este discernimento acerca dos sinais dos tempos conduzirá a dinâmica de um olhar dentro e fora da realidade eclesial, contudo deverá se deter em especial atenção às situações mais vulneráveis que ameaçam a vida e os pobres do Reino. Contudo, o pressuposto básico deste método teológico de leitura dos sinais dos tempos se dará pela noção de mudança: tempos novos e novos tempos.

Segundo Souza e Módena, os sinais dos tempos tinham como primeira constatação a vivência de uma “mudança de época”, chamada de pós-modernidade e/ou hipermodernidade,

que foi e continua sendo sentida em todos os campos e aspectos da vida social, econômica, política, religiosa, ou seja, a toda cultura entendida no seu sentido antropológico. Diferentemente de outras épocas, essas mudanças tiveram um alcance mundial, por isso passaram a ser compreendidas como uma dinâmica global (cf. Souza; Módena, 2021, pp. 149-150).

O resgate desta importante percepção dos sinais dos tempos faz do Papa Francisco aquele que verdadeiramente consegue captar a realidade do mundo, num processo profundo de discernimento destes sinais. Ao discernir e auscultar os apelos de Deus, evangelicamente, revela quais são os melhores caminhos a serem trilhados, levando em conta a condução e o destino das suas decisões papais. Dantas confirma esse pensamento quando diz:

A forma como Francisco discute as questões pertinentes à Igreja tem como eixo central o diálogo fraterno e responsável, que visam levá-la a um melhor entendimento de si mesma, bem como das questões que têm implicações diretas na sua prática pastoral. Nesse sentido, em todos os documentos do Papa, a última palavra de Francisco é: discernimento. Ou seja, ele convida a Igreja a trilhar um caminho constante de reflexão a fim de entender os sinais dos tempos e responder com plausibilidade aos anseios de um povo que espera da Igreja não só a aplicação rígida de uma doutrina fechada nela mesma, mas que ela seja uma Igreja aberta e sensível à realidade e à história de cada pessoa (Dantas, 2019, p. 117).

O momento eclesial será do movimento em ir em direção ao mundo real e, como uma casa de portas abertas, acolhendo o outro, de modo especial, pobres e excluídos. O imobilismo eclesial não está na pauta ou no espírito papal, uma vez que, somente uma Igreja ativa, renovada e renovadora conseguirá descobrir Cristo no mundo, no outro e no sofredor. É assumindo o mundo como lugar de vivência e anúncio da fé que a Igreja reviverá sua missão e vocação, onde se revela Deus, na pessoa de Jesus Cristo, encarnado na História, solidário com a humanidade (cf. Passos, 2016, p. 197). Em Francisco, “a Igreja povo de Deus é a Igreja inserida, na sociedade, a Igreja comunhão é a Igreja em diálogo, a Igreja mistério é a Igreja que se mostra concretamente na História e nela se encarna” (Passos, 2016, p. 197).

A atualização e renovação da Igreja, pensada desde o Concílio Vaticano II, faz com que o atual espírito missionário de uma Igreja em saída seja fervorosamente acolhido nas mais variadas comunidades eclesiais como esperança de tornar a Igreja compreensível e viva ao ser humano hodierno, fazendo-o interlocutor e não mero receptor da fé. Se a Igreja não se renovar, deixará de viver a sua própria natureza: “a Igreja, reunindo em seu próprio seio os pecadores, ao mesmo tempo santa e sempre necessitada de purificar-se, busca sem cessar a penitência e a renovação” (LG, 8). Como portador da mensagem de esperança e alegria, Paulo Suess afirma

que:

Francisco procura olhar nos olhos do outro, procura ver o peso nas costas do pobre e os rumos dos caminhos de todos. Seu ponto de partida para a missão da Igreja é a alegria da mensagem que resiste aos momentos depressivos embutidos na realidade, ao sofrimento e ao desamparo concreto das pessoas e da natureza, à indignação com a fome e a ganância, com a solidão e o abandono, com a falta de solidariedade e com a negação de reconhecimento da alteridade (Suess, 2018, p. 6).

Francisco soube fazer um perfeito diagnóstico do mundo e da Igreja, identificando nos sinais dos tempos caminhos que possam mudar o rumo desta História. Em vários momentos, discursos e documentos, apresentou profeticamente o seu ponto de vista a respeito da sociedade atual, sobretudo questionando o domínio do medo, vingança, guerra, ódio, populismos e nacionalismos. Nesta hermenêutica, não mediu esforços para mostrar o percurso de uma Igreja inserida que tem relevância social na busca do bem e do futuro da humanidade. Aliás, “se a Igreja quer ir além de seus limites e servir a todos, então esse ministério deve estar ligado ao respeito pela alteridade e liberdade daqueles a quem ela se dirige” (Halík, 2023, p, 299).

É no diálogo, na participação, na convivência, na intuição, na inserção com a realidade que a Igreja em saída estará em sintonia com os novos sinais dos tempos, tendo os pés no chão e sabendo para onde a comunidade eclesial poderá caminhar, sem medo do futuro (cf. Dalló, 2020, p. 85).

Celia Maria Ribeiro procura relacionar sinais dos tempos e Igreja em saída, quando diz que:

Os sinais dos tempos estão atrelados ao contexto historicamente experienciado e às suas particularidades geográficas haja vista as diferenças culturais e fideístas entre territórios. A Igreja em saída certamente reunirá maiores condições de conhecê-los e identificá-los para ser em si mesma canal da presença divina e humana entre nós, sem prejuízo à atividade missionária. [...] O objetivo é a liberdade na abertura de coração, por vezes, escravizado pelo fechamento em si mesmo e o corrosivo incentivo cultural, econômico e midiático ao egoísmo (cf. Ribeiro, 2021, p. 130).

Com Francisco, a Igreja em saída olha os sinais dos tempos com misericórdia diante de uma humanidade tão frágil e conflitiva, propondo uma leitura que leve em conta o discernimento, a criticidade e o profetismo, e, ao mesmo tempo, construindo comunhão dentro duma Igreja tão ricamente plural e diversificada. É a Igreja que se torna próxima às angústias e esperanças da humanidade (cf. Zacharias; Millen, 2020, p. 48) e “um horizonte que nos faz caminhar em meio a pedras e sonhos” (Brighenti, 2019, p. 124). E, “quanto mais forem lançadas luzes apoiando as iniciativas do Papa Francisco, tanto maiores serão as chances de proporcionar

um bem e contribuir para um mundo melhor, favorecendo o sonho de uma genuína fraternidade universal” (Conceição; Nunes; Nobre, 2023, p. 13).

Conclusão

Como conclusão deste capítulo, a expressão Igreja em saída é um apelo de conversão para uma nova forma de relação entre a vivência do Evangelho e a estrutura hierárquica eclesial, tendo como inspiração as atitudes do próprio Papa Francisco, agente conciliar que olha a periferia da humanidade e lê os sinais dos tempos em diálogo (“uma Igreja de portas abertas” – cf. *EG*, 46) com o mundo contemporâneo num desejo à revolução da ternura, a partir dos pobres e sofredores. Afirma Halík:

Acredito que o cristianismo de amanhã será sobretudo uma comunidade de uma nova hermenêutica, uma nova leitura, uma nova e mais profunda interpretação das duas fontes da revelação divina, a Escritura e a Tradição, e especialmente da palavra de Deus nos sinais dos tempos (Halík, 2023, p. 97).

Muito mais do que um jargão eclesial, a expressão Igreja em saída provoca um retorno às fontes evangélicas, encontrando no mundo e na cultura de fora da Igreja, um ensinamento do que é ser o modo de Jesus. Será um exercício de humildade “ouvir” os de fora do ambiente eclesial, como fez Cristo que não ficou no Templo, mas fez o cristianismo nascer na periferia da vida, fora do centro religioso, com espiritualidade *kenótica*, “livre de quaisquer reivindicações de poder e livre da estreiteza clerical” (Halík, 2023, p. 177).

Na quebra da zona do conforto clerical, do imobilismo hierárquico e do comodismo pastoral, Igreja em saída provoca essa preocupação com as pessoas, no sentido de oferecer respostas aos problemas da contemporaneidade, sem fundamentalismos, conservadorismos, tradicionalismos e moralismos geradores de uma cultura de feridos e marginalizados na fé. É a proposta do sentir a misericórdia nas pessoas, sem julgamentos desumanos.

Segundo Halík, “o tradicionalismo é uma ‘desordem infantil’ temporária ou um disfarce para pessoas psicologicamente desequilibradas” (Halík, 2023, p. 104). Também, é interessante a observação negativa acerca de atuais grupos tradicionalistas, feita por João Décio Passos:

O tradicionalismo se configura de modo rápido como tendência que angaria adeptos dentro da Igreja e ganha legitimidade com seus grupos virtuais e com seus “pastores particulares”, ocupando um lugar de reprodutores da verdade, muitas vezes em confronto direto com o magistério local e com o próprio magistério papal (Passos, 2020, p. 11).

Francisco leva a sério o senso dos fiéis e a realidade do mundo, a partir dos pequenos (de baixo/olhar do Sul) acreditando que, nesta Igreja em saída, a luz de Jesus será irradiada de tal forma que sua mensagem tenha relevância e abra-se o coração de todas as pessoas. É o tempo de semear a esperança e ser sinal de vida numa humanidade tão carente e onipotente. Ele diz:

[...] devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada, sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus. O abrir-se ao outro tem algo de artesanal, a paz é artesanal (EG, 244).

Desta forma, a partir do Vaticano II, do Documento de Aparecida e da *Evangelii Gaudium*, uma Igreja em saída se torna um processo restaurador e renovador da missão da Igreja atualmente, pois na provocação e em sua desinstalação, abre-se uma etapa de pluralidades culturais, de inclusão e diálogo fraterno que desafiam o contexto atual (sinais dos tempos), principalmente em tempos de intolerância, violência, ódio e crise. É o tempo da sinodalidade que cria redes, união, participação numa Igreja constantemente em saída, libertadora e pobre. Este conceito ilumina e orienta o novo estilo de anúncio do Reino de Deus na contemporaneidade, sobretudo direcionando o olhar aos frágeis e vulneráveis do mundo de hoje. Mas, como redescobrir uma Igreja mais humana diante numa sociedade tão consumista, midiática, imersa numa cultura da hipermodernidade?

II. UMA IGREJA EM SAÍDA NA CULTURA CONTEMPORÂNEA.

Introdução

Percorrido o caminho da fundamentação conceitual e da busca da realidade eclesial da Igreja em saída, tendo como horizontes as influências do Concílio Vaticano II e a prática pastoral latino-americana de Francisco, pretende-se analisar alguns elementos sociológicos do mundo contemporâneo que, evidentemente, perpassam e são pertinentes à vivência da fé e à compreensão de Deus. Nesta reflexão, pode-se levar em consideração o que Comblin já afirmava sobre a realidade religiosa, dizendo que “estamos assistindo a mudanças extraordinárias no contexto material da vida (economia, política, cultura)”, onde “a vivência das religiões desde já tornou-se irreconhecível: processos de secularização incontroláveis não deixam nenhuma realidade religiosa intacta” (Comblin, 1980, p. 75).

Neste segundo capítulo, a reflexão versará sobre as características de um mundo que se distanciou do Evangelho e produziu uma religião cada vez mais diferente do seu Fundador, permeada mais de dogmas e doutrinas do que a preocupação com o outro e suas necessidades.

Para isso, a abordagem buscará expressar a mudança de época que refazem as escolhas e decisões humanas, principalmente o modo de vida, os relacionamentos, a comunicação, a reflexão, a compreensão e vivência da fé e da ciência. Sabendo que o centro da teologia da Igreja em saída é o ser humano que se coloca em movimento, em vista disto pergunta-se: quais seriam as características do ser humano diante das indagações do novo tempo?

Apoiado em Gilles Lipovetsky⁷ e autores com uma leitura antropológica em relação a Igreja e ao mundo, o capítulo fará a proposta de uma análise da realidade social e eclesial a partir da categoria da “hipermodernidade”. E, a partir disto, observar-se-á a lógica das mídias digitais e da cultura extremamente consumista em detrimento de um compromisso com a vida do outro. Encerra-se com a abordagem do protagonismo do ser humano enquanto sujeito eclesial hiperindividualizado, com a seguinte questão: onde está Deus?

⁷ Nascido em Millau, sudoeste da França, em 24 de setembro de 1944, conhecido principalmente pela sua teoria da hipermodernidade. Graduado em filosofia pela Universidade de Grenoble, França, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* em diversas universidades pelo mundo, incluindo a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no Brasil.

2.1 Igreja e a contemporaneidade

O mundo passa por um processo acelerado de mudanças e, se a evangelização não levar em conta esta realidade com abertura e escuta, será impossível viver o evangelho dentro dos novos cenários do mundo. Não se pode negar o momento efetivamente marcado por uma mudança de época e dos paradigmas da vida; há de se reconhecer que as coisas mudaram profundamente na sociedade (cf. Codina, 2003, p. 377). O anúncio do Reino de Deus só será relevante se a Igreja compreender a sua emergente necessidade de atualização e renovação de suas ações pastorais nas novas situações das pessoas, destacando-se, principalmente, o fenômeno migratório das regiões metropolitanas do mundo.

É inegável não sentir que o mundo está diferente. E a aceleração das mudanças promove insegurança e medo. A Igreja não pode ignorar a mudança de época ou muito menos esperar que se volte no passado para se viver um mundo melhor. Infelizmente, a resposta para muitos está em um retorno: há uma luta para restaurar certas liturgias, vestes e pregações (muitos estão conseguindo e sobrevivendo disso), evidenciado e motivado pelas redes midiáticas. A opção saudosista por uma Igreja obsoleta será uma tragédia que se opõe e nega a cultura do diálogo de Francisco e os elementos eclesiais do Concílio Vaticano II. E, nesta batalha eclesial, num mundo de mudanças, a Igreja em saída precisa prosseguir, a exemplo de Moisés que nunca desistiu de dizer que a Terra Prometida é mais adiante (cf. Js 1,1-9).

Neste sentido, verifica-se que dentro do mundo contemporâneo, a fé pode ainda ser vivenciada de uma forma que se volte aos valores do Evangelho e da vida de Jesus com ousadia e fidelidade, sem medo e com criatividade. Já passou da hora de parar de lutar contra o processo de mudança, contra a realidade ou contra o tempo. Não se retrocede porque o mundo mudou ou ficou mais perigoso para se viver, até porque os rios não correm para trás, somente para frente. Diante dessas condições, a evangelização precisará acolher este tempo novo, diferente, plural e incerto. Dizem os bispos do Brasil:

O cenário atual, é ambíguo, marcado por luzes e sombras. Entre outras características, pela emancipação do sujeito, a pluralidade, o avanço de novas tecnologias que permitem cuidar melhor da vida, entre outros. Constata-se por outro lado, a globalização, pelo secularismo, pelo relativismo, pela liquidez, pelo indiferentismo. Neste contexto, a igreja enfrenta um desafio que está diretamente relacionado com sua missão: a transmissão integral da fé no interior de uma cultura, em rápidas e profundas transformações, que experimenta forte crise ética com a relativização do sentido de pecado (CNBB, 2019, p. 27).

Numa memória da história de Israel, talvez tenha chegado a hora de atravessar o deserto

do fechamento, de pôr-se a caminho de um novo mundo marcado por tantos desafios, mudanças e dificuldades. É preciso entendê-lo, pois é na descoberta de novas perspectivas que se refaz as opções pastorais com mais propriedade e profundidade frente a uma humanidade cada vez mais multiétnica, multirracional e multicultural.

Na evangelização, Francisco exorta que:

A Igreja semeia o pequeno grão de mostarda através do testemunho, mas fá-lo no próprio cerne das culturas que se vão gerando no seio das cidades. O testemunho concreto de misericórdia e de ternura, que procura estar presente nas periferias existenciais e pobres, incide de forma direta sobre os imaginários sociais, gerando orientação e sentido para a vida urbana. Desta maneira, como cristãos, nós contribuimos para construir uma cidade na justiça, na solidariedade e na paz (Francisco, 2014, *on-line*).

O desejo é por uma Igreja em saída em conexão com o mundo contemporâneo na qual a sociedade possa respeitar os direitos humanos e não haja acúmulo nas mãos de uma minoria e nem um consumismo do descarte, num intenso desejo de gerar mais humanidade. Que haja inclusão daqueles que estão relegados à margem, pois é inadmissível exclusões e discriminações, preconceitos e indiferenças. E, na retomada do projeto do Reino de Deus, reacender a luz da esperança para enfrentar os obstáculos que poderão ser superados facilmente, sobretudo na experiência de uma fé que leve a sentir a presença de Deus-Emanuel e a compartilhar a vida com tantas outras pessoas que estão no mesmo caminho.

2.2 O conceito de hipermodernidade.

A partir da leitura da reflexão do filósofo e sociólogo francês, Gilles Lipovetsky, o conceito de “hipermodernidade”, surgido entre 1950 e 1970, expressa a situação atual da sociedade humana, uma vez que o termo “hiper” conota a exacerbação dos valores nascidos na modernidade e que estão além de uma simples pós-modernidade. É o exagero ou o poder exponencial dos novos tempos que revelam um grau elevadíssimo de certas características ou elementos do tempo atual, onde se preza pela ditadura do “aqui e agora”. Segundo Lipovetsky:

A sociedade moderna era conquistadora, crente no futuro, na ciência e na técnica; instituiu-se em ruptura com as hierarquias de sangue e a soberania sacralizada, com as tradições e os particularismos, em nome do universal, da razão, da revolução. Esse tempo desfaz-se diante dos nossos olhos; é em parte contra tais princípios futuristas que as nossas sociedades se estabelecem, nessa medida, pós-modernas, ávidas de identidade, de diferença, de conservação, de descontração, de realização pessoal imediata; a confiança e a fé no futuro dissolvem-se, nos amanhãs radiosos da revolução e do progresso já ninguém

acredita, doravante o que se quer é viver já, aqui e agora, ser-se jovem em vez de forjar o homem novo. Sociedade pós-moderna significa, neste sentido, retração do tempo social e individual precisamente quando se impõe cada vez mais a necessidade de prever e organizar o tempo coletivo, exaustão do impulso modernista dirigido para o futuro, desencanto e monotonia do que é novo, esgotamento de uma sociedade que conseguiu neutralizar na apatia aquilo que a fundamenta: a mudança (Lipovetsky, 2022, pp. 30-31).

Se há uma hipermodernidade, há um hiperindivíduo, fruto desta cultura e sociedade contemporânea. Ele se caracteriza por elementos que marcam os tempos atuais, como: o hiperconsumo na necessidade extrema e imediata de consumir; o hedonismo; a realização individual e o amor-próprio antes do coletivo e do bem comum; a cultura do excesso; o efêmero e a ideia do descartável; e, entre outras, a necessidade de satisfação pessoal (cf. Di Fiore, 2022, p. 20). Nasce uma nova sociedade que rompe com a lógica da modernidade, como afirma Gilles Lipovetsky:

Sinônimo de desencantamento dos grandes projetos coletivos, o parêntese pós-moderno envolveu-se, no entanto, de uma nova forma de reencantamento ligado à individualização das condições de vida, ao culto do Eu e das felicidades privadas. Já não estamos mais nessa fase: eis agora o tempo do desencantamento da própria pós-modernidade, da desmistificação da vida presente confrontada como está com o aumento das inseguranças. [...]. É sob os traços de um composto paradoxal de frivolidade e de ansiedade, de euforia e de vulnerabilidade, de lúdico e de temor, que se delinea a modernidade do segundo gênero. Neste contexto, a etiqueta *pós-moderno* que anunciava um nascimento tornou-se, por sua vez, num vestígio do passado, um “lugar de memória” (Lipovetsky; Charles 2020, pp. 67-68).

Este conceito ajuda a compreender a dimensão da vivência de um novo tempo em que a Igreja se encontra: a hipermodernidade. E, diante disso, está impelida a rever a sua forma de estar e ser na vida das pessoas, sobretudo, como mencionado acima, na pastoral urbana das grandes metrópoles que concentra a incorporação do liberalismo globalizado dos modos de vida e da individualização galopante.

A sociedade hipermoderna se caracteriza pela cultura do excesso, onde tudo se torna intenso e urgente. E, dentre muitas novas expressões, algumas revelam o rosto desta cultura: hipermercado, hipersônico, hipervalorizado, hiperconsumo, hipertexto, hipercorpo, hiper-realidade etc. Nesta sociedade intensa, há um movimento constante e as mudanças acontecem num compasso quase esquizofrênico e de forma efêmera. O ser humano acaba buscando na flexibilidade e fluidez uma estratégia para tentar acompanhar esta velocidade do tempo. E, segundo Di Fiore,

Gilles Lipovetsky, ao refletir sobre a sociedade e o indivíduo contemporâneo,

analisa seus comportamentos e características, propondo a ideia da hipermodernidade, uma época dinâmica que se pauta na moda, consumo, mercado e capitalismo, que revela algumas particularidades como o hiperconsumo, uma prática de “aquisição obsessiva de produtos manufaturados, que mantenham ativa e crescente a fabricação de mercadorias”; a busca pelo prazer numa sociedade que “pende para o hedonismo e o consumismo”; a realização individual e o amor-próprio; a cultura do excesso; o efêmero e a ideia do descartável; e, entre outras, a necessidade de satisfação pessoal experiencial (Di Fiore, 2022, p. 22).

Neste sentido, o conceito de hipermodernidade expõe o fenômeno de uma sociedade que intensificou suas experiências, exaltando o indivíduo e suas escolhas pessoais em detrimento ao coletivo e à alteridade. Para tanto, este termo social descreve uma fase avançada da pós-modernidade, e, em certa medida, uma extensão da ideia de “modernidade líquida” desenvolvida pelo sociólogo Zygmunt Bauman⁸, que afirma:

É numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascina e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (Bauman, 2013, p. 21).

Além desta concepção de Bauman, para abordar a mudança deste cenário sócio-histórico contemporâneo, alguns outros pensadores sociólogos também contribuíram para o estudo da nova configuração ou novo paradigma da sociedade, como, por exemplo: Antony Giddens⁹ na ideia de “modernidade tardia” ou “alta modernidade”; Marc Augé¹⁰, com a perspectiva de “supermodernidade”; ou Jean Paul Willaime¹¹ na inspiração do conceito de “ultramodernidade”. São inspirações que revelam a necessidade da reflexão antropológica acerca da perplexidade do ser humano e sua cultura em constante mudança, e, com isso, perceber que será exigida da Igreja, novas respostas, a novas perguntas. Bauman, neste sentido,

⁸ Zygmunt Bauman, sociólogo polonês nascido em 19 de novembro de 1925 e falecido em 09 de janeiro de 2017, teórico da categoria da modernidade líquida. Destaque para as obras “Modernidade Líquida”, traduzida para o português por Plínio Dentzien e publicada no Brasil pela Editora Zahar, em 2001; e “Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, traduzido para o português por Carlos Alberto Medeiros e publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras, em 2004.

⁹ Anthony Giddens (18 de janeiro de 1938, Londres) é um sociólogo britânico, renomado por sua teoria da estruturação. Considerado por muitos como o mais importante filósofo social inglês contemporâneo, figura de proa do novo trabalhismo britânico e teórico pioneiro da Terceira via, tem mais de vinte livros publicados ao longo de duas décadas.

¹⁰ Marc Augé (2 de setembro de 1935 - 24 de julho de 2023, França) foi um etnólogo e antropólogo francês.

¹¹ Jean-Paul Willaime (nascido em 1947 em Charleville-Mézières, Ardenas) é um sociólogo francês especializado em protestantismo contemporâneo, ecumenismo cristão, secularismo e religiões, teorias e métodos na sociologia das religiões.

define bem, ao dizer que o “mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sessão de episódios fragilmente conectados” (Bauman, 2005, p. 18).

A hipermodernidade é a expressão que define claramente a velocidade das mudanças e do ritmo acelerado da vida atual, consequências dos avanços tecnológicos (internet e mídias digitais) e da famigerada ganância. O individualismo, a incerteza, o consumismo, a fragmentação e o deslocamento do tempo e espaço definem, agora, o ser humano hipermoderno, pois caracteriza a imagem perfeita de um momento mais hedonista, narcisista, instável, inseguro, interconectado (hiperconectado) etc. É, portanto, uma expressão que explora uma maneira de compreender as complexas transformações desta sociedade contemporânea (cf. Lipovetsky, 2022, p. 32-38). “Se a hipermodernidade é metamodernidade, ela apresenta-se igualmente com os traços de uma meta-tradicionalidade, de uma meta-religiosidade sem fronteiras” (Lipovetsky; Charles, 2020, p. 104).

Nesta era hipermoderna, o indivíduo precede a modelo da sociedade hipermoderna quando se torna o seu centro emergente, sobretudo na valorização da busca imediata da satisfação pessoal e dos prazeres individuais. Isso evidencia-se em muitos sinais, como: no desespero pela saúde ou pelo estado indolor das pessoas (surgimento de milhares de redes de farmácias e o lucro crescente das empresas de medicamentos); no culto ao corpo e à imagem (redes franquizadas de academias e clínicas de estéticas); no excesso de lazer e viagens (bombardeamento de propagandas de pacotes, redes hoteleiras e resorts); e na perda de sentido dos referenciais sociais e morais coletivos e individuais das estruturas, em processo de ilegitimidade e irrelevância, como Igreja, escola, sindicatos, partidos políticos etc. A cultura na hipermodernidade dança entre a dinâmica do sentir prazer e do eliminar a dor ou sofrimento, configurando uma sociedade cada vez mais indolor, insolúvel e volátil.

O sociólogo Lipovetsky, diante deste tempo hipermoderno, sugere o nascimento da era do processo da personalização¹², ou seja, a transição do individualismo limitado para o seu extremo. E, como prioridade máxima, pretende designar uma linha diretriz para estabelecer um diferente modo de vida, incidindo fortemente no processo da história, nas instituições, nas aspirações e, finalmente, nas personalidades. Com isso, “a pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação

¹² Segundo Gilles Lipovetsky, o processo de personalização que procede de uma perspectiva comparativa e histórica, determina a linha diretiva, o senso do novo, o tipo de organização e de controle social que nos liberta da ordem disciplinar-revolucionária-convencional que prevaleceu até o decorrer da década de 1950. O processo de personalização, basicamente, consiste na passagem do individualismo limitado para o ilimitado (cf. Lipovetsky, 2022, pp. 10-13)

individual se desmoronam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos singulares, da realização pessoal, de estima por si” (Lipovetsky; Charles, 2020, p. 25). Neste sentido, afirma:

O processo de personalização impulsionado pela aceleração das técnicas, pela gestão, pelo consumo de massa, pelos *media*, pelos desenvolvimentos da ideologia individualista, pelo psicologismo, leva ao seu ponto culminante o reino do indivíduo, faz explodir as últimas barreiras. A sociedade pós-moderna ou, por outras palavras, a sociedade que generaliza o processo de personalização em ruptura com a organização moderna disciplinar-coerciva, realiza de algum modo, no interior do quotidiano e através de novas estratégias, o ideal moderno da autonomia individual, ainda que esta se revele, até à evidência, de um teor inédito (Lipovetsky, 2022, p. 49).

Diante disso, é nítida que “a cultura mudou de forma e de estatuto, sob o efeito simultâneo e convergente de cinco fatores: o capitalismo planetário, as indústrias culturais, o consumismo, o impacto da mediatização e a generalização das redes digitais” (Lipovetsky, 2022, p. 22). Situações novas que marcam ligeira e abruptamente a cultura contemporânea e exigências que merecem uma séria análise da vida eclesial e sua resposta aos novos apelos, pois deste modo, pode se descobrir uma bonita sustentação para o futuro da evangelização de uma Igreja em saída, evitando fundamentalismos, anacronismos e omissões.

Portanto, o pensamento lipovetskyano, ao falar desta hipermodernidade, consolidação máxima da pós-modernidade, retrata a época do individualismo (hiperindivíduo) numa expressão de forma mais intensa e suprema. É a época da cultura dos extremos. É a pós-modernidade em seu auge, potência e amplificação em todos os valores e máximas, outrora a modernidade já havia proposto e massificado. No fundo, “em nossa sociedade globalmente interconectada, modos de vida pré-modernos, modernos, hipermodernos e pós-modernos coexistem e, por vezes, colidem de forma surpreendente” (Halík, 2023, p. 67).

Observa Lipovetsky, em sua obra acerca da era do vazio, o paradoxo entre indivíduo e relação:

Quanto mais a cidade desenvolve as possibilidades de encontros, mais sós se sentem os indivíduos; quanto mais livres e emancipadas das coações antigas as relações se tornam, mais rara se faz a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por toda parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si (Lipovetsky, 2022, pp. 117-118).

As obras de Gilles Lipovetsky revelam a frustração humana diante da sociedade da hipermodernidade com a síntese de que a religião não é capaz de impedir o sofrimento, a dor, as penas e amarguras. O indivíduo, afogado em suas decepções, não busca hábitos de vida de

iedade ou das convicções prontas e acabadas, artifícios que, até agora, colaboravam para amenizar as dificuldades, tristezas e desgostos da vida. E, com isso, “as ‘técnicas’ reguladas de forma comunitária pelo mundo da religião deram lugar a ‘fórmulas paliativas’, diversificadas e desreguladas, do universo individualista da livre-opção” (Lipovetsky, 2007a, p. 7).

É um tempo da liberdade, de um indivíduo *cool*, num modelo que frisa a flexibilidade e rebate as formas de obrigações e qualquer rigidez: é a era da sociedade narcísica, hedonista, libertária, consumista, tudo ao mesmo tempo. A hipermodernidade apresenta, como acena Lipovetsky, a instalação da era do vazio, que não deve ser encarada como momento trágico e nem apocalíptico (cf. Lipovetsky; Charles, 2020, p. 25). “O homem *cool* [...] assemelha-se mais ao telespectador que experimenta para ver, um a um, todos os programas da noite, ao consumidor que enche seu carrinho de supermercado, ao veraneante que hesita entre uma estadia nas praias espanholas e o campismo da Córsega” (Lipovetsky, 2022, p. 71); o tempo se define pelo “desenvolvimento de estruturas fluidas moduladas em função do indivíduo e dos seus desejos, a neutralização dos conflitos de classe, a dissipação do imaginário revolucionário, a apatia crescente, a dessubstancialização narcísica” (Lipovetsky, 2022, p. 161).

Para Veliz, o momento é redigido por um sistema

Organizado de acordo com o isolamento suave, “*cool*”, os ideais públicos não têm outra alternativa a não ser o enfraquecimento, permanecendo apenas a busca do ego e dos próprios interesses por parte do indivíduo. Um hiperinvestimento do privado e uma desmobilização do espaço público (Veliz, 2018, p. 16).

A Igreja em saída, para tanto, é chamada a enfrentar os apelos desta nova realidade da hipermodernidade que podem originar crises e atitudes de revisão em relação à evangelização, à espiritualidade e à religião. Surgem, naturalmente, as seguintes interrogações: como ser Igreja que dialoga com o mundo hipermoderno do império do prazer, do egocentrismo, da indiferença pelo bem comum, do cancelamento, da ausência de confiança no futuro, do declínio da legitimidade das instituições? Numa era das religiões “*a la carte*”, dos grupos e redes espirituais que mesclam tradições orientais e ocidentais, de uma religião como meio de realização subjetiva dos fiéis, como revelar os compromissos das narrativas evangélicas? E, ainda, diante do excesso da individualização, da disseminação e da emocionalização das crenças e das práticas, como elaborar um novo cenário para a vida eclesial missionária? (cf. Lipovetsky; Charles, 2020, pp. 98-99). Como conjugar contemporaneidade e fé cristã na qual possam coabitarem sem se excluírem?

2.2.1 A experiência da fé e a hipermodernidade.

Seguindo o pensamento de Gilles Lipovetsky, o hiperindivíduo fará sua experiência religiosa com rupturas e deslocamentos: uma ruptura com a modernidade de uma fé institucionalizada e coletiva, e um deslocamento de desejos, expectativas e aspirações. O eixo motivador será a satisfação das necessidades do hiperindivíduo gerando uma fé do consumo ou mercadológica. A fé hipermoderna será individualizada, sem preocupação com regras institucionais. É a lógica da dinâmica da escolha do indivíduo: crê o que deseja crer e segue o que quer seguir. Não há absolutização, adesão e exclusividade religiosa, pois no escopo está uma escolha permanentemente renovável que satisfaça a necessidade do consumo espiritual.

Nesse sistema, a experiência religiosa será como um produto a ser consumido e buscado de acordo com as leis da oferta e procura, tendo como fim a felicidade individual dentro de um sistema narcísico. No uso da linguagem do mercado e das estratégias de *marketing*, a espiritualidade se conjuga como produto de compra e venda: Deus é um produto que deve gerar o bem-estar pessoal. Pode se dizer que, enquanto, no passado, uma religião era baseada na salvação para além deste mundo, na hipermodernidade, a salvação está na busca da felicidade intramundana, nos prazeres deste mundo.

A fé do hiperindivíduo, para tanto, estará ligada a uma espiritualidade que responda aos seus constantes anseios subjetivos, no estímulo de suas sensações (emoções), favorecendo o seu conforto e bem-estar pessoal. Esta experiência de fé torna-se um risco à alteridade, distanciando o outro como oportunidade e espaço para o encontro: o fazer o bem ao outro será substituído pelo bem-estar de si mesmo. Lúcia faz um alerta:

Não sobrevivemos sem os outros, sem a natureza, sem o cosmos. A própria filosofia da alteridade, hoje, olha o ser humano em sua necessidade da alteridade, constitutiva da identidade. A autonomia se dá por meio do outro (Ricoeur, Levinás, Kristeva). O outro me convoca, me tira do fechamento em mim mesmo e, precisamente assim, permite um acesso a mim mesmo. O outro não é necessariamente uma agressão, um 'inferno' (Sartre), mas graça e salvação. A autonomia não se conquista na recusa do outro, mas na relação (Pedro-Pádua, 2014, p.135).

Inclusive, quando se pensa na ordem moral da hipermodernidade, evidencia-se neste novo tempo uma mudança no sistema de justificação moral, substituindo-o por uma legitimação do tipo estético, sobretudo na valorização das sensações, das fruições do presente, do corpo, do prazer e da leveza da vida consumista. O hiperindivíduo, diante desta situação da exaltação e preocupação consigo próprio, definirá a sua felicidade. E, segundo Lipovetsky, esta felicidade é paradoxal porque:

a civilização hipermoderna, remetendo cada vez mais o indivíduo apenas a si, fornece mais motivo para que ele sinta seus tormentos. A explosão das depressões e das ansiedades, os sintomas de degradação da autoestima assinalam a nova vulnerabilidade do indivíduo, inseparável da civilização da felicidade. Os olhares negativos sobre si, os questionamentos do valor de sua existência presente, o sentimento de ter estragado sua vida constituem cada vez mais uma das tendências do individualismo reflexivo: aí reside o malogro da felicidade paradoxal (Lipovetsky, 2007, p. 106).

Percebe-se, à luz da reflexão da felicidade paradoxal, que o caminho construído pela sociedade hipermoderna gera uma pergunta questionadora e um impasse crucial: é possível que a fé ou a religiosidade humana torne-se instrumento de maior infelicidade da pessoa, uma vez que dentro desta cultura consumista e materialista há um significativo aumento do medo, da sensação de perigo planetário, das angústias, das crises, da solidão, das distrações, da comunicação ilimitada e da dúvida sobre si mesmo? Se na hipermodernidade, a felicidade é regrada pela capacidade de consumo do indivíduo, a experiência religiosa estará condicionada à necessidade pessoal de felicidade. Nunca houve tanta produção e consumo de oferta religiosa e não se percebe um ser humano mais feliz por isso (cf. Lipovetsky, 2007, p. 209). Entretanto, este indivíduo (valor supremo e absoluto desta época) infeliz, sinal da fragilidade da hipermodernidade, gera uma sociedade de frustrados ou fracassados, como fruto de uma intensa culpabilidade do não “se sentir-se sempre bem”. Com isso, faz bem recordar a insuficiência e o limite da felicidade humana egoística, e, no fundo, irreal:

Por um instante, imaginemos nosso mundo livre da “tirania” da felicidade. Os homens seriam por isso realmente mais felizes? Podemos duvidar disso. Não sofreremos porque um mecanismo perverso nos convenceu de que era preciso ser feliz: o fracasso, solidão, as mágoas sentimentais, o tédio, a pobreza, a doença, a morte de nossos próximos, todas essas experiências trazem consigo a infelicidade, a despeito de toda imposição ideológica e do “dever de felicidade” em particular. A partir do momento em que o indivíduo se desprende das coerções comunitárias, sua busca irresistível da felicidade não pode senão tornar problemática e insatisfatória sua existência: esse é o destino do indivíduo socialmente independente que, sem apoio coletivo e religioso, enfrenta só e desamparado as provações da vida (Lipovetsky, 2007, p. 210).

A evangelização cristã em tempos de hiperconsumidores da fé e diante da ideologia da felicidade, seja espiritual (amorosa) ou material (consumista), precisará dialogar e se integrar às novas formas de religiosidade que pregam aperfeiçoamentos pessoais e autoaperfeiçoamentos espirituais. Não se pode fechar os olhos para o aumento do interesse pelos novos veios espiritualizantes, tradições místicas, literaturas espirituais, filosofias etc. É o tempo em que, numa clara bandeira de desburocratização e desinstitucionalização da religião,

o homem contemporâneo busca atitudes espirituais intimistas que tragam equilíbrio interior, uma harmonização entre corpo e espírito. Nesta vivência atual da fé, desenha-se uma nova preocupação das lideranças religiosas: a troca da luta pelas mudanças no mundo para uma única e emblemática mudança: a do próprio indivíduo (cf. Lipovetsky, 2007, pp. 216-217). É bem como afirma Lipovetsky: “o que vem a luz é uma microutopia psicoespiritual, redesenhando a mitologia da felicidade individualista no coração da sociedade de hiperconsumo” (Lipovetsky, 2007, p. 217).

O atual modelo de Igreja revela que há mais consumidores do sagrado do que discípulos livres de Jesus, uma vez que reduz sua atividade evangelizadora mais em seus cultos e ritos litúrgicos do que o compromisso ético com o Evangelho. Sendo que, “a tarefa evangelizadora da Igreja deve fazer com que as pessoas sejam efetivamente livres. Livres para amar” (Gutiérrez; Müller, 2014, p. 143). Oferta-se mais espetáculos religiosos do que uma profunda comunhão com Jesus. Aliás, este parece ter sido expulso de certos espaços cristãos e, em outros, mencionado quando se torna objeto de *marketing*. Uma Igreja em saída oferecerá a pessoa algo que o mercado nunca poderá lhe dar: seu valor como pessoa livre, em vez de um mero valor como empregado ou consumidor (cf. Francisco, 2020, p. 119).

A religião do individualismo, portanto, será a do consumismo cultuado permanentemente na satisfação dos prazeres imediatos e na autonomia pessoal, levando a concluir que, qualquer tipo de religião que toque na experiência da dor, do sofrimento ou do sacrifício será limitada, rejeitada ou até sepultada, caso não seja convertida para a construção de uma espiritualidade privatizada, marcada por narrativas de um indivíduo cada vez mais livre, autônomo, leve e informal.

Marcio Bolda reforça a ideia da determinação por uma religião do subjetivismo:

O individualismo não é apenas a tendência do momento, mas o processo de intuição e de criação, dentro do qual as expressões religiosas são produzidas como incontável avalanche de modismos místicos, de experiências de fé personalizada. No contexto em que se centralizam a força e o papel determinante da individualização, o que vale como referencial de afirmação é a experiência direta e subjetiva. A adesão religiosa se converte em questão de opção privada, cujo traço distintivo representa a forma mais versátil de subjetivismo (Silva, 2010, p. 168).

A alegria de viver e a busca por uma vida melhor do indivíduo, nesta lógica da hipermodernidade, entrarão como caminhos preciosos na construção de um novo jeito de ser Igreja, não ignorando aquilo que é mais precioso eticamente: o compromisso com a promoção da vida de cada pessoa inserida num mundo criado para a felicidade de todos. Desta forma, a

prática do bem comum deverá sobrepor ao espírito do simples bem-estar individual ou de uma vida cheia de emoções que não leva ao envolvimento coletivo, numa espécie de cinismo ou insensibilidade social. Como viver a fé virando o rosto à dor daquele em situação permanente de rua e não tirando os olhos das incansáveis séries dos *streamings* do cotidiano? Como conviver com essa cultura do agora e do imediato?

2.2.2 Mudanças de tempo.

Reconhece-se, ao longo dos últimos anos, um novo tempo marcado por profundas mudanças e transformações socioculturais e religiosas e que, num ritmo acelerado, determinam a história do mundo e da Igreja (cf. DAp, 44 e EG, 52). Diante deste mundo, afirma Agenor Brighenti:

Entre as características das transformações atuais está o caráter intenso, ou seja, a velocidade com que as mudanças acontecem. O mundo pré-moderno antigo e medieval era voltado para as essências, era quase estático. Por milênios o cavalo foi o meio de locomoção mais rápido. No mundo contemporâneo já não basta fazermos de vez em quando mudanças de mentalidade. Ou somos portadores de uma mentalidade de mudança, ou literalmente ficamos para trás, como dinossauros da história (cf. Brighenti, 2003, p. 535).

Nas atuais análises de conjuntura eclesial, a secularização, a individualização da crença (mobilidade religiosa), a imanentização da fé, a pluralidade religiosa e o crescimento de religiões “*a la carte*” são expressões mais contundentes que apontam para uma crise de alteridade, do aumento do poder da exclusão e da espoliação ambiental (cf. Codina, 2003, p. 381). “O homem pós-moderno vive a religião ‘*a la carte*’, de tipo ‘*self-service*’” (Benedetti, 2000, p. 4). A Igreja, mergulhada neste processo de transformação e movimento, é chamada a ler as realidades na preocupação com a evangelização do mundo, no mundo e para o mundo (cf. GS, 4). O individualismo deve ser combatido, como afirma Papa Francisco:

O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade. Nem pode sequer preservar-nos de tantos males, que se tornam cada vez mais globais. Mas o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ilude. Faz-nos crer que tudo se reduz a deixar à rédea solta as próprias ambições, como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum (FT, 105).

Há fortemente a sensação de que a Igreja não está mais conseguindo estar em sintonia com o mundo e nem consigo mesma, frente ao crescimento do secularismo e da

individualização da fé. Há uma dificuldade em compreender a mudança de tempo. Segundo Antonio Dalló, a esperança estaria na experiência missionária das comunidades, pois “a mudança de era exige uma nova evangelização, e ela não pode ser primordialmente intelectual, porque a racionalidade ocidental está em crise” (Dalló, 2020, p.18).

Neste sentido, a ideia lipovetskyana de hipermodernidade pode se tornar o motor, mesmo simples, limitado e frágil, para tentar compreender o ser humano, o mundo, a família, a religião e tudo que deriva disso: a era da individualização. E que, segundo Byung-Chul Han, constitui a elevação da própria autonomia ao primeiro lugar na lista de valores, relegando, explícita ou implicitamente, a alteridade a níveis inferiores (cf. Han, 2017, pp. 7-21).

Nesta configuração de um mundo em mudanças, Papa Francisco, ao condenar a valorização do individualismo voraz e consumista que faz emergir a “indiferença globalizada” (cf. *EG*, 54), acomodada e fria (cf. *FT*, 30), em muitos de seus discursos e documentos, fomenta o valor do encontro como remédio para estabelecer a alteridade e a ética. Infelizmente, “o indivíduo desembarçou-se das relações imediatas de comunidade para se tornar independente” (Guardini, 1957, p. 129). Situação que pode ser entendida como a era da imposição do *ego* e o distanciamento do *alter*, do indivíduo em detrimento das relações. Eis o desafio evangelizador: como agir pastoralmente diante da supervalorização do indivíduo e da urgente necessidade relacional, superando a tendência para certos extremos, como: pelagianismo¹³, fundamentalismos reativos, relativismos, reformismos ou fanatismos? Francisco adverte:

Reaparece a tentação de fazer uma cultura dos muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas. E quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade (*FT*, 27).

Será que o espírito evangelizador da Igreja em saída, diante do perigo da perda da identidade eclesial pelo turbilhão da mudança de época, assumirá a sua missão num novo contexto histórico e sociocultural, reconhecendo os motivos desta reconfiguração epocal ou continuará correndo o risco de patinar pastoralmente, falando para as paredes? Qual será a

¹³ O pelagianismo assume hoje, como reitera o Papa Francisco, características modernas: o individualismo da cultura moderna (“eu sei, eu quero, eu posso, eu consigo, eu faço!”); a autossuficiência liberal-capitalista; a ambição do progresso absoluto; a ênfase no sucesso a todo custo; a pretensão do poder e do controle da mente; o interesse pelos movimentos neo-gnósticos, como o espiritismo; o planejamento controlado; a ética civil; a idolatria do mercado; o mercantilismo religioso. No campo eclesial e pastoral fazem-se presentes: a moral do legalismo, do ritualismo e do juridicismo; expressões jansenistas de rigorismo; o carreirismo e o clericalismo eclesiásticos; devocionismos de tendência mágico-fundamentalista; o apelo fácil aos exorcismos; a satanização da vida; o apego às tradições e leis do passado; o hiperativismo; a confiança nos planos e projetos humanos, que fazem crer que a Igreja é resultado da ação humana etc (Feller, 2015, pp. 54-55).

estratégia missionária para uma transmissão de uma ética cristã que valorize a presença da alteridade e da relacionalidade num mundo hipermoderno?

Diante de tudo isso, primeiramente, é preciso reconhecer que há uma mudança de época determinante na experiência de fé do ser humano e que nada se resolverá através de nova e simples doutrinação ou, mesmo de um combate ao tempo atual em constante e rápido movimento. Chegou o momento de um novo processo aonde a formação é interlocução e o ser humano passa necessariamente pelo aprender a aprender, de uma conscientização livre à luz da fé. A evangelização da Igreja em saída deve dialogar para que sobressaia o valor, a relevância e a atratividade das experiências de vida, tanto pelo indivíduo quanto pelo coletivo, como sinal e dom da totalidade da vida.

É possível conduzir a experiência de comunidade-relacional ao hiperindivíduo, quando a Igreja sai em direção às periferias existenciais e, ali, permanece para romper com o processo da individualização suicida, do isolamento desumano e da centralização narcísica da pessoa. É tempo de admitir que a beleza da vida impera na cultura do encontro, onde é possível a proximidade das existências, como fez o próprio Deus ao se revelar pela necessidade de vir ao encontro da humanidade.

É plausível a consideração feita por Victor Codina quando apresenta as mudanças do tempo com uma reflexão sobre a pós-modernidade, afirmando que se faz necessária quatro novas posturas diante desta nova realidade:

1º. Não se vive somente de pão, mas também de flores, de estética, de cultura. Diz um provérbio chinês: “Se tens duas moedas, gasta uma com pão e a outra com flores”; 2º. Recuperar as dimensões de cultura e religiosidade, de festa, de gratuidade, de experiência religiosa, de mistério, de transcendência, que a modernidade tinha esquecido, caindo na pura imanência; 3º. Recuperar o sentido do corpo, da sexualidade, da felicidade e do prazer, do cosmo, da ecologia, do holístico; 4º. Aceitar os rostos diferente entre os pobres: mulheres, crianças, anciãos, indígenas, afro-americanos, doentes, tóxico-dependentes, alcoolizados... Os pobres não são somente clamor, têm rosto e têm nome (Codina, 2003, p. 381).

Será um desafio eclesial a vivência da fé hipermoderna, centrada no indivíduo, pois revelar-se-á em novos veios espiritualizantes sem compromissos éticos e sociais, numa busca pela realização pessoal, do bem-estar, do conforto e da felicidade. Não haverá adesão de comprometimento algum. Numa mudança de tempo, esses veios se transformarão em produto de consumo ofertado de várias formas, inovando as mais diferentes práticas religiosas básicas de acordo com a procura ou a necessidade pessoal pelo sagrado. Ao evangelizador, será fundamental a síntese entre a conjugação desta tendência religiosa leve e flexível da

hipermodernidade com o evangelho de Jesus, no anúncio do Reino de Deus.

Olhando para as bases da fé cristã contidas no Evangelho, observa-se que, dentro desta mudança de tempo, a própria ética cristã estará submetida às novas nuances da acelerada hipermodernidade, fundamentalmente, na forte influência hedonista como fator determinante das ações e decisões humanas. É como diz Pe. Darci Luiz Marin, em seu texto “Ética de Jesus”:

Nosso tempo é marcado por uma sociedade líquida e defensora de comportamentos leves e superficiais, na qual o pensamento é débil. Somos continuamente bombardeados por um modo de ser hedonista. Precisamos de permanentes novidades, alimentadas pela publicidade. O modo de vida pautado em fundamentos que exigem fidelidade ao longo do tempo é questionado pela velocidade da contínua mudança de (des) valores. Prega-se a ética para fora, enquanto na vida privada há hedonismo a comandar as ações (Marin, 2018, *on-line*).

À luz da fé e na força do Espírito Santo, uma evangelização da Igreja em saída, inserida nos desafios da hipermodernidade, não deverá ter medo de perder a sua identidade missionária e os valores irrenunciáveis do Evangelho, em diálogo e abertura com as mudanças dos novos tempos (cf. Codina, 2003, p. 383). Eis o tempo eclesial histórico que forçará uma saída das identidades fechadas e certas posturas seguras ou acomodadas numa direção da renovação da Igreja no mundo.

Conforme os imperativos da *Evangelii Gaudium*, a palavra de ordem será mudança, ou seja, a mudança de mentalidade, estilo, linguagem, conduta, ideias, perspectivas e, principalmente, coração. A vida da Igreja não conseguirá adentrar esta mudança de era e muito menos alargará o horizonte da sua importância e expressão na humanidade, sem a acolhida do novo tempo. Como afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

As novas circunstâncias atingem a própria vida religiosa. Por um lado, um sentido crítico mais apurado purifica-a da concepção mágica do mundo e de certas sobrevivências supersticiosas, e exige cada dia mais uma adesão pessoal e operante à fé; desta maneira, muitos chegam a um sentido mais vivo de Deus. Mas, por outro lado, massas crescentes praticamente se afastam da religião (GS, 7).

Neste sentido, as mudanças eclesiais não poderão ser parciais, periféricas e anacrônicas (cf. Wolff, 2021, p. 17), pois exigirão, *a priori*, a mentalidade de que há uma mudança de tempo marcado por contrastes, conflitos e pluralidades que deverão gerar novas estruturas eclesiais e religiosas, fruto de novas hermenêuticas, narrativas, discursos e práticas pastorais, ou seja, a Igreja em saída se plasmará pela consciência de sua permanente mudança.

2.3 A era das mídias digitais

É na transformação da sociedade contemporânea, numa constante mudança de paradigmas, num mundo multifacetado, sob o signo de um tempo da hipermodernidade, que se vislumbra a necessidade de repensar a transmissão da fé. Uma Igreja em saída é provocada a encontrar-se neste novo tempo, acolhendo os novos valores, tendências e condutas sociais e eclesiais que se impõem naturalmente na vida cotidiana dos indivíduos e da sociedade. Ou seja, esta não poderá esquecer os novos ambientes e canais de evangelização, especialmente o espaço das mídias digitais.

O ambiente digital é um dos novos espaços da ação pastoral da Igreja que, numa dimensão profética, deve assumi-lo na afirmação de não há mais separação entre o ambiente físico e o digital. O ser humano de hoje se encontra no mundo permanentemente conectado, numa performance *on-line/off-line* que transforma o mundo, incita novas realidades numa teia de interpretação informacional da vida humana, da sociedade e do mundo.

No destaque do Documento de Aparecida, ao afirmar que “em meio à realidade de mudança cultural, emergem novos sujeitos, com novos estilos de vida, maneiras de pensar, de sentir, de perceber e com novas formas de se relacionar” (DAp, 51), já se desenhava novas exigências pastorais e evangelizadoras. E, diante da hipermodernidade, exige-se uma nova forma de linguagem ou abordagem religiosa, inclusive e, principalmente, a midiática.

Neste turbilhão de novidades, há um risco de se viver um cristianismo midiático onde a Igreja se torna mais empresa comercial do que propriamente uma vida eclesial, construindo um certo humanismo decadente em razão do paradigma da indiferença. Este tipo de cristianismo, sem discernimento e bom senso, pode ser um espaço de retorno à uma Igreja do passado recente (2º. Milênio) ou de promoção do clericalismo. Urge este discernimento capaz de julgar de forma lúcida e comprometida a realidade virtual, revelando aquilo que gera comunhão daquilo que é desigual.

Positivamente, este espaço tecnológico das mídias digitais também pode impulsionar um renovado testemunho da fé no Ressuscitado que faz morada em cada ser humano, oferecendo um caminho de presença consoladora e de vida nova. Ao mesmo tempo, faz-se urgente um sério acompanhamento que leve em consideração o aumento da falta de convivência entre as pessoas fisicamente, prejudicando o desenvolvimento social, intelectual e emocional, e gerando outros malefícios a saúde humana, como apresenta Óscar Armando:

A Igreja deveria considerar a tecnologia – em particular a Internet – como um

terreno fértil para a Nova Evangelização [...]. Em segundo lugar, a Igreja deveria voltar sua atenção para a crise generalizada da pornografia, incluindo os abusos de menores na internet, o *cyberbullying* e os prejuízos que isso traz para a humanidade (Sayago, 2019, p. 275).

Frente ao surgimento de novas mídias e mesmo diante das análises dos avanços da tecnologia contemporânea, há, como afirmado acima, pontos positivos e negativos que exigem diálogo e revisão. Consta-se o surgimento de novos negócios, da comunicação em tempo real, do mercado digital, da produtividade econômica e da gestão inteligente das empresas, ao mesmo tempo, percebe-se uma carência de interações físicas, uma forte insegurança digital da informação, a desinformação, o risco de inteligências artificiais competidoras etc.

Francisco adverte:

Que o rápido desenvolvimento de formas de inteligência artificial não aumente as já demasiadas desigualdades e injustiças presentes no mundo, mas contribua para pôr fim às guerras e conflitos e para aliviar muitas formas de sofrimento que afligem a família humana. Possam os fiéis cristãos, os crentes das várias religiões e os homens e mulheres de boa vontade colaborar harmoniosamente para aproveitar as oportunidades e enfrentar os desafios colocados pela revolução digital, e entregar às gerações futuras um mundo mais solidário, justo e pacífico (Francisco, 2024, *on-line*).

Nestes avanços, qual seria o trajeto ético-ecclesial de uma possível evangelização virtual para um mundo cada vez mais conectado e distante socialmente? Rogério Gomes, ao refletir sobre o poder da tecnologia, afirma:

Talvez o pior de todos os males resultantes da ambiguidade da técnica é o esvaziamento antropológico, causado pelo tecnicismo. A absolutização da técnica, de modo que essa se torna uma tecnocracia, cega o ser humano e despreza toda a dimensão ético-axiológica. Para o mundo pós-moderno, o conceito de desenvolvimento muitas vezes não está na capacidade real que uma nação tem de acolher os seus membros humanamente, e sim na quantidade da técnica, de tecnologias, de eficiência e de progresso (Gomes, 2021, p. 187).

As mídias digitais, neste caminho de potencializarem a comunicação contemporânea, passam de um simples meio de relacionamento e entretenimento entre os usuários para um canal poderoso de informação capaz de mobilizar e promover mudanças em qualquer sociedade. Elas, como fonte de pesquisa e notícias, promovem além da interatividade e a participação dos seus usuários, a possibilidade não só do acesso à informação, mas o poder em decidir o modo de como publicá-las.

Byung-Chul Han, em sua obra *Enxame*, fala desta vida digital como uma estrutura de indivíduos isolados capazes de agirem em conjunto, mas sem perspectivas de viverem em

grupo, apenas se comportando como parte do enxame (cf. Han, 2018, p. 27). Para isso, ele utiliza a expressão *homo digitalis*¹⁴, ou seja, um indivíduo que compete e se expõe para ser visto em aglomerados, mas preservando sua identidade e vida privada hiperindividualizada. O seu pensamento apresenta a existência da cultura dos nativos digitais. E, para Han, a comunicação digital

[...] destrói o espaço público e aguça a individualização do ser humano. [...] A técnica digital não é a técnica do amor ao próximo. Ela se mostra, muito antes, como uma máquina de ego narcisista. E ela não é uma mídia dialógica, ao invés disso, provoca coações de desempenho, resultando numa autoagressividade (Han, 2018, p. 86).

É interessante analisar que a preocupação ética com as mídias digitais invade muitas esferas da sociedade, desde o ambiente familiar ao mundo científico. Sendo, inclusive capaz de eleger um presidente da República ou destruir a reputação de um artista famoso. Com isso, é interessante o discurso do Ministro do STF, Luís Roberto Barroso, quando prega a urgente e inadiável regulamentação das publicações na internet:

A desinformação, os discursos de ódio, os assassinatos de reputações e as teorias conspiratórias que circulam pela internet e pelas mídias sociais tornaram-se sérias ameaças à democracia e aos direitos fundamentais das pessoas. [...] As *fakes News* têm sido utilizadas como instrumento do extremismo político, acirrando a polarização política, fomentando a intolerância e, em última análise, a violência (Barroso, 2023, *on-line*).

Com isso, percebe-se o quanto a hipermodernidade paradoxalmente tende a viver um exagero de uma subjetividade que desemboca na configuração de uma certa crise do antropocentrismo moderno que, na era das mídias digitais, revela uma redução do ser humano livre e autêntico, pois este torna-se dependente dos seus desejos e escravo de si mesmo: a cultura das bolhas. E, neste sentido, a dimensão da fé não está imune a esses desafios.

Segundo a análise sobre a crise cultural nas instituições, o psicólogo William Cesar Castilho Pereira afirma que:

Os dispositivos midiáticos e o consumo vigoram como produtores de uma subjetividade fluída, hedonista. Hoje, encontramos-nos na economia psíquica do excesso, que corresponde à mutação cultural de nos supormos liberados de qualquer referência. Vivemos segundo o império do prazer, realizável graças à capacidade tecnológica de obtermos todos os objetos de forma rápida, imperiosa e inadiável. Devorar, consumir e destruir. [...] A fim de superar a

¹⁴ Para Byung-Chul Han, o termo “*homo digitalis*” se refere ao “homem digital” que se apresenta frequentemente, de fato, anonimamente, mas não é um ninguém, mas sim alguém, a saber, um alguém anônimo (cf. Han, 2018, p. 12).

angústia ou o sentimento de vazio e impotência, o ser submete-se ao objeto e imagina-se em contato com suas qualidades: sente-se forte, inteligente, corajoso e seguro. Perder o objeto significa perder a si mesmo (Pereira, 2021, p. 146).

Papa Francisco aponta que “a positividade da técnica, quando bem orientada, em relação ao dado antropológico está em contribuir à própria humanização do ser humano e melhorar sua qualidade de vida” (LS, 103). É notável, portanto, que o poder técnico em todos os seus sentidos – positivo e ambivalente – forjou a mudança de horizonte antropológico e cosmológico (cf. Gomes, 2021, p. 185).

As atuais mídias digitais vêm transformando a realidade do conhecimento e da captação mental do tempo e espaço, como afirma Óscar:

Do ponto de vista antropológico, a irrupção das tecnologias digitais está começando a ter impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si, dos outros e do mundo, no modo de comunicar, aprender, informar-se. Uma abordagem da realidade que privilegia a imagem em vez da escuta e da leitura está mudando o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico (Sayago, 2019, p. 200).

Com o impacto do coronavírus, o modo *on-line/off-line* obrigou o catolicismo a rever o nível da participação e da vivência da fé dos seus membros. Neste impulso, as mídias digitais e a virtualização da vida cristã, tornaram-se espaço da nova evangelização da Igreja e um risco aos fundamentos dela, no que tange à experiência da convivência e da vida fraterna. Outros sujeitos ocuparam os lugares de formação e diálogo do que a base da fé e da ética cristã. Além disso, os conteúdos ficaram sob o controle de um pequeno grupo, aqueles que dominam a audiência ou os *likes* (cf. Nentwig, 2020, p. 11). Na evangelização no mundo digital, Roberto Nentwig afirma:

O mundo digital tem uma nova relacionabilidade. Mudaram as regras de relação intrapessoal e interpessoal. Existe uma forte coletivização, traduzida pelos termos em voga: aldeia global, globalização, conexão em redes... Termos que traduzem um fato: estamos todos conectados. Por outro lado, impera a cultura do individualismo, pois a rede pode aproximar as pessoas, mas, igualmente, afastá-las umas das outras. Vive-se só em um universo marcado pela ubiquização, ou seja, um mundo que possibilita que estejamos em toda parte, ao mesmo tempo. Pode-se acessar uma imagem em tempo real da *Time Square* ou de um estádio de futebol. É possível se conectar com vários grupos virtualmente, mesmo com pessoas que vivem distantes. Por outro lado, aumenta o sentimento de solidão (Nentwig, 2020, p. 11).

Compete à Igreja em saída refletir e discutir com este novo mundo tecnológico, transformando os espaços das mídias digitais em caminho para uma vivência saudável de

comunidade pautada nos valores de Jesus. Neste sentido, torna-se necessário um diálogo paciente e confiante (FT, 134). É interessante frisar que será um desafio eclesial a vida virtual dentro desta realidade da computação ubíqua que conecta o mundo digital (*on-line*) ao mundo humano, de forma a criar uma necessidade constante e indispensável (cf. Tavares, 2019, p. 136), como algo viciante, dependente e natural.

Neste mundo digital, no qual o conteúdo é oferecido nos *stories* e *reels*, até o conhecimento é gerado de forma mais superficial e, num total contraste, o acesso à informação é amplo e raso. Há um grau de dissonância cognitiva nas novas gerações. Antonio Spadaro, no seu estudo sobre ciberteologia, reflete o pensamento sobre o cristianismo nas redes, dizendo:

As tecnologias digitais não são mais somente *tools*, isto é, instrumentos completamente externos ao nosso corpo e à nossa mente. A rede não é um instrumento, mas um ambiente no qual vivemos. Talvez até mais, sendo um verdadeiro tecido interligado da nossa experiência da realidade (Spadaro, 2012, p. 05).

As mídias digitais, conforme o pensamento de Zygmunt Bauman, podem fazer com que haja uma “fragilidade das relações humanas quando afirma que ‘as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha’” (Bauman, 2004, p. 14), isto é, uma sociedade midiática pode forçar uma ideia de hipermodernidade em que todos estão permanentemente conectados e paradoxalmente isolados. Nesta dinâmica, “substituímos os poucos relacionamentos profundos por uma profusão de contatos poucos consistentes e superficiais” (Bauman, 2005, p. 76). É o contraste, apontado por Sayago:

É paradoxal que o homem contemporâneo tenha alcançado metas importantes no conhecimento das forças da natureza, da ciência e da tecnologia e, ao mesmo tempo, seja carente de projetos para uma convivência pública adequada, a fim de tornar a existência de todos, e de cada um, aceitável e digna (Sayago, 2019, p. 140).

Neste modelo atual de sociedade virtual, há o risco de se distrair da realidade em sua natureza divina e humana, pois o ser humano é geneticamente constituído para interagir solidariamente com o próximo. Estas mudanças sociais podem transformar as pessoas em sujeitos cada vez mais individualistas e solitários que preferem o distanciamento, a superficialidade e as interações virtuais baseadas em *likes*, *emojis* e *unfollows*. Inclusive, familiarmente, num “modo de vida *child-free*” (Lipovetsky, 2022, p. 164).

Torna-se fundamental a constituição, a formação e o envio de evangelizadores digitais que possam sair ao encontro dos habitantes digitais (sejam nativos ou não) pelas redes

mediáticas. Isso exigirá, conforme atesta Papa Francisco, uma renovação de costumes, estilos, horários e de linguagem de toda a estrutura eclesial evangelizadora, abrindo, necessariamente, mão do seu espírito de autopreservação (cf. *EG*, 27).

Neste sentido, em seus pronunciamentos e posturas, Papa Francisco vem apontando caminhos que possam superar estes riscos e limites de um mundo vazio, carente de um novo humanismo, pois um autêntico progresso tecnológico estará em perfeita harmonia com o progresso ético no mundo digital.

2.3.1 Papa Francisco e a tecnologia

A tecnologia gerou variados problemas práticos na vida cristã que não poderão ser resolvidos com uma única visão de mundo, uma vez que a própria hipermodernidade traz em seu bojo realidades pluralistas e poliédricas. Sem diálogo, não há esperança de uma fé cristã encarnada. Neste sentido, Francisco propõe pensar numa ética cristã capaz de contribuir com um mundo tecnológico mais educativo e inclusivo. No documento *Laudato Si'*, o Papa expressa sua preocupação com as consequências da tecnocracia, como diz Gomes:

Por isso, na *Laudato Si'* a reflexão sobre a tecnologia é apresentada como um fator de desequilíbrio ecológico na originalidade do termo e tudo o que isso implica. [...] não deveria surpreender que, juntamente com a onipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, desenvolva-se nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto, há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social (Gomes, 2021, p. 184).

A antropologia apresentada por Papa Francisco em seus gestos, linguagem e escritos revela a forte preocupação com a exclusão social, as periferias existenciais e o amanhã da humanidade. Ele “indica-nos o caminho do discernimento: é preciso examinar o que existe dentro de nós, mas também o que há fora de nós, escutando os sinais dos tempos, então podemos separar, escolher, decidir” (Nentwig, 2020, p. 15). Uma nova cultura, na era tecnológica, permeada por uma educação integral constituirá um novo humanismo à prova desta aceleração destrutiva das relações.

Somente na promoção da cultura do encontro e da proximidade, poder-se-á testemunhar a vida de fé. Afirmo Francisco:

Apraz-me definir este poder da comunicação como ‘proximidade’. Não basta

circular pelas ‘estradas’ digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos nos amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação (Francisco, 2014a, *on-line*).

Roberto Nentwig reforça o desejo em criar comunhão:

Se o mundo digital gera separação, solidão e individualismo é preciso criar “espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas” (EG, 73). Eis a missão da Evangelização: nesse mundo virtual, não bastará uma boa publicidade, mas a proximidade. O grande desafio é não perder o horizonte da importância de se criar relações - a cultura do encontro (Nentwig, 2020, p. 16).

Num mundo manipulado pelas redes virtuais e movido por *influencer*, Papa Francisco se dirige prudentemente às novas gerações que estão sendo envolvidas por esta tecnocracia que gera cansaço, indiferença e tristeza. Inclusive, ele afirma que “com todo o nosso progresso, e com todo o nosso bem-estar, tornamo-nos deveras uma ‘sociedade do cansaço’” (Francisco, 2022, *on-line*).

Neste profetismo, Papa conclama a Igreja e a humanidade a capacidade de erradicar os males da indiferença, afirmando que é “preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença” (LS, 52). Ao mesmo tempo, é preciso:

Garantir a transmissão dos valores; caso contrário, transmitem-se o egoísmo, a violência, a corrupção, nas suas diversas formas, a indiferença e, em última análise, uma vida fechada a toda a transcendência e entrincheirada nos interesses individuais (FT, 113).

Além de falar desta globalização da indiferença e da sociedade do cansaço, visivelmente características de um ser humano cedido às leis e padrões da era da tecnologia, ele também aponta outra variante do mundo das conexões: a tristeza. Constata-se que

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada (EG, 2).

Indiferença, cansaço e tristeza, revelam o descompasso do avanço da tecnologia e o descrédito na própria evolução da humanidade. Inclusive, o Papa se volta aos jovens com

veemência para que lutem pela esperança de um mundo novo, onde possa imperar a cultura do amor e do encontro. Em sua preocupação, diz que toda vitalidade que há nos jovens traz consigo um desafio: é preciso que haja interação do mundo virtual com a realidade (cf. *ChV*, 90), pois o mundo real está muito além do virtual. Eis aí o atual perigo da intoxicação virtual, do controle midiático e das doenças mentais e neuronais. No ambiente virtual, o ser humano é um super-homem, na vida real, apenas um ser frágil. Para Sayago,

Os jovens estão cientes da presença de riscos: “A tecnologia tem mostrado uma outra face, aquela de certos vícios. Este perigo se manifesta de diversas formas como isolamento, preguiça, desolação e tédio. É evidente que os jovens de todo o mundo estejam consumindo excessivamente produtos eletrônicos. Embora vivamos em um mundo *hiperconectado*, a comunicação entre os jovens permanece limitada a grupos de pessoas que pensam como eles [...]. O advento das redes sociais trouxe novos desafios em relação à enorme influência que as empresas do setor exercem sobre os jovens” (*RP*, 4). Tal fato dificulta o amadurecimento da capacidade de um sereno confronto e diálogo com a diversidade e, no que se refere aos jovens, representa um verdadeiro desafio educativo (Sayago, 2019, p. 275).

A partir disso, Papa Francisco, leitor atento aos sinais dos tempos, apresenta a volta à prática de Jesus como luz para dissipar a possível cegueira da hipermodernidade. É na denúncia profética que ele apresenta suas críticas aos fenômenos desta insensível cultura tecnológica. Em Lampedusa, contemplando a morte de mais de 130 imigrantes ilegais e um significativo número de desaparecidos, o Papa diz:

A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas, mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa! Reaparece a figura do “Inominado” de Alexandre Manzoni. A globalização da indiferença torna-nos a todos “inominados”, responsáveis sem nome nem rosto (...) Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de ‘padecer com’: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar! (Francisco, 2013b, *on-line*).

Na superação de um mundo que gera alienação, cansaço, desigualdade social e desencantamentos, a tecnologia e o mundo da informação poderiam servir à uma Igreja em saída que anseia por um caminho da comunicação de uma vida mais comprometida com valores éticos e sociais.

Segundo Rogério Gomes, a tecnologia

[...] pode tornar as pessoas vulneráveis, pois cria uma cadeia, produz um

objeto, cria necessidade e desejos e alimenta o consumismo. A velocidade em que as coisas mudam – tudo envelhece rapidamente, é descartável – garantia da vida do próprio sistema que sobrevive a partir da finitude do produto que introjetado na vida das pessoas, faz com que estas não possam sobreviver sem consumo. O sistema técnico artificializa as pessoas e as transforma em bens de consumo e à medida que não podem mais corresponder à lógica mercadológica, são descartadas para garantir a sobrevivência do sistema técnico. Ele vulnerabiliza as pessoas, mas não suporta seres vulneráveis (Gomes, 2021, pp. 188-189).

Pensar numa eclesiologia missionária em tempos de tecnologia e no espaço das mídias digitais, é optar por uma espécie de profetismo ético que seja capaz de discernir, questionar e estimular a libertação de toda e qualquer forma de alienação que possa entorpecer e anestesiá-la a consciência do ser humano. “A tecnologia pode ser nociva à dignidade humana se não for usada com conhecimento e prudência: a dignidade humana deve sempre guiar o uso da mesma” (Sayago, 2019, p. 191). Com isso, a meritocracia, o narcisismo, a tecnocracia, dentre outros males gerados no mundo digital, deverão ser afrontados permanentemente, pois defendem uma lógica perversa, desumanizante, que descarta o vulnerável e produz violência, numa carnificina virtual.

Ao falar dos caminhos nefastos, Francisco condena o desânimo, o pessimismo e o narcisismo. Para ele, este narcisismo

Conduz à cultura do espelho, a olhar para si mesmo e a centrar tudo na sua figura, que assim se torna a única coisa que você vê. Você se enamora tanto dessa imagem que se afoga nela. As notícias só são boas se o beneficiam; se são más, então você é a principal vítima (Francisco, 2020, p. 22).

Observa-se, na cultura midiática, uma nova onda de violência que vem assolando as relações interpessoais, sociais e internacionais. As situações de violência vão-se multiplicando cruelmente em muitas regiões do mundo, a ponto de assumir os contornos daquela que se poderia chamar uma terceira guerra mundial por pedaços (cf. *FT*, 25). Impossível não presenciar tanta guerra e sofrimento. É neste mundo marcado pelo medo e desespero, que cresce a falta de respeito pelo outro e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente (cf. *EG*, 52). Como um mundo avança tanto tecnologicamente e regride em suas relações mais básicas e essenciais?

O mundo evoluído está em crise nos seus valores mais essenciais, como apresenta Araújo:

Fato é que o processo civilizatório da modernidade trouxe como consequência a possibilidade de guerra nuclear, calamidade ecológica, explosão

populacional incontrolável, colapso do câmbio econômico global. Trouxe também: urbanização caótica e desumanizante, industrialização a serviço do consumismo e produtora de desemprego, técnica a serviço da guerra e da violência mortífera, destruição do meio ambiente, especulação financeira, atividade econômica movida exclusivamente pelo lucro, prática corporativista da política, desmobilização das estruturas reguladoras do Estado, medicina espoliadora da dignidade humana etc. A tomada de consciência desses efeitos funestos levou a uma crítica do próprio processo da Modernidade, a qual os gerou (Araújo, 2007, p. 71).

Papa Francisco não se cansa em levantar a bandeira da cultura da não-violência em defesa da paz e de um mundo mais fraterno e justo, entretanto, não deixa de analisar e julgar a realidade de forma profética:

Entre os componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos laborais dalgumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo da energia e doutros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade. São alguns sinais, entre outros, que mostram como o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida. Alguns destes sinais são ao mesmo tempo sintomas duma verdadeira degradação social, duma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social (*LS*, 46).

Desta forma, não adianta elogiar e ou se prostrar diante da tecnologia que se mostra altamente sinal de um ser humano inserido plenamente na modernidade ou hipermodernidade, uma vez que cresce desenfreadamente a cultura da violência e o mundo aparenta estar cansado, esgotado, vazio e triste.

Potencializa-se o que é bom nessa cultura digital, neutralizando seus efeitos maléficos, numa educação e formação do seu uso consciente e responsável. Aliás, nesta era digital, tem-se a impressão de que as pessoas não tem tido tempo para conversar com leveza, intensidade e profundidade. Uma das vozes que contrapõe e apresenta um caminho alternativo continua sendo a de Francisco, que, com audácia e sabedoria, gestos e testemunho, comunica um outro futuro possível com empenho social e conversão das estruturas a partir da ética de Jesus, uma vez que ninguém está imune a essa cultura digital.

Uma tecnologia antiética, portanto, favorece um novo estilo cultural, social e eclesial da sociedade fruto do momento histórico duma civilização que se pode denominar como a do consumo hipermoderno e que é desafiada a abraçar os valores do Evangelho, combatente da famigerada civilização consumista.

2.4 Civilização do consumo

Com os desafios desta hipermodernidade e os avanços da tecnociência, da informação globalizada da “era da infocracia” e do poder econômico excludente e opressor, percebe-se o surgimento sutil de um grande risco: uma civilização centrada somente no desejo do indivíduo.

É neste horizonte que Papa Francisco permanece na insistente luta contra uma cultura que opta pelo consumismo irracional, inclusive gerando uma religião do mercado¹⁵, esvaziando as relações humanas e fortalecendo a insensibilidade social diante do sofrimento dos pequenos, desfavorecidos e abandonados.

Na reflexão sobre a reforma interior da Igreja, Lúcia apresenta algumas características negativas que podem solapar uma evangelização da Igreja em saída:

Dentre as características da globalização excludente geradora de rupturas das relações fundamentais, o magistério de Francisco tem enfatizado o individualismo anestesiante; o consumismo que solapa as dimensões mais solidárias da humanidade, gera isolamento e tristeza; o sistema financeiro e econômico regido pelas forças do mercado globalizado; a mentalidade tecnocrática que reduz o humano e a natureza à utilidade que possam oferecer (Pedrosa-Pádua, 2021, p. 57).

Na dominação do mundo pelas forças deste mercado globalizado, do sistema financeiro e econômico excludente que determina até o humor e a vida das pessoas, percebe-se a transformação do homem e da natureza em objetos de consumo deste mercado que está atento aos desejos mais profundos de cada ser humano: imóveis, investimentos, férias, viagens, celulares, conforto, dentre outros prazeres que a vida atual possa oferecer. É nesta sociedade do

¹⁵ A partir das definições do Dicionário de Economia, pode-se analisar a expressão “mercado”, “consumo” e “sociedade de consumo”. Em relação ao verbete “mercado”, traz a obra que “em sentido geral, o termo designa um grupo de compradores e vendedores que estão em contato suficientemente próximo para que as trocas entre eles afetem as condições de compra e venda dos demais. Um mercado existe quando compradores que pretendem trocar dinheiro por bens e serviços estão em contato com vendedores desses mesmos bens e serviços. Desse modo, o mercado pode ser entendido como o local, teórico ou não, do encontro regular entre compradores e vendedores de uma determinada economia. Concretamente, ele é formado pelo conjunto de instituições em que são realizadas transações comerciais (feiras, lojas, Bolsas de Valores ou de Mercadorias etc.). Ele se expressa, entretanto, sobretudo na maneira como se organizam as trocas realizadas em determinado universo por indivíduos, empresas e governos”, p. 378. Em se tratando do termo “consumo”, aponta o referido dicionário como: “utilização, aplicação, uso ou gasto de um bem ou serviço por um indivíduo ou uma empresa. É o objetivo e a fase final do processo produtivo, precedida pelas etapas de fabricação, armazenagem, embalagem, distribuição e comercialização”, p. 126. Por fim, em relação ao verbete “sociedade de consumo”, a seguinte definição é apresentada: “situação própria dos países altamente industrializados, caracterizada pela produção e pelo consumo ilimitado de bens duráveis, sobretudo artigos supérfluos. [...] Atualmente, a crítica à sociedade de consumo e ao consumismo que ela engendra, e do qual depende produtivamente, parte de uma análise das próprias características do capitalismo em sua fase monopolista: a mercantilização de toda a atividade humana e de suas necessidades materiais e espirituais. Nesse contexto, toda a ação produtiva e consumista tem como alvo o indivíduo e não o grupo social”, p. 570 (Sandroni, 1999).

hiperconsumo que há a relação do estado da economia marcado pela centralidade do consumidor (cf. Lipovetsky, 2007, p. 9).

É nesse ambiente mercadológico que a Igreja em saída encontra seu maior desafio evangelizador, pois se vive a lógica inconsciente do consumismo que identifica o homem e a própria sociedade hipermoderna. Como, diante disso, fomentar o espírito cristão da gratuidade e da entrega, no amor desinteressado ao próximo e ao pequeno, sem oportunismos, proselitismos e espetáculos sociais?

Neste sentido, condena Francisco:

O consumismo hedonista pode-nos enganar, porque, na obsessão de divertir-nos, acabamos por estar excessivamente concentrados em nós mesmos, nos nossos direitos e na exacerbação de ter tempo livre para gozar a vida. Será difícil que nos comprometamos e dediquemos energias a dar uma mão a quem está mal, se não cultivarmos uma certa austeridade, se não lutarmos contra esta febre que a sociedade de consumo nos impõe para nos vender coisas, acabando por nos transformar em pobres insatisfeitos que tudo querem ter e provar. O próprio consumo de informação superficial e as formas de comunicação rápida e virtual podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo o nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos. No meio deste turbilhão atual, volta a ressoar o Evangelho para nos oferecer uma vida diferente, mais saudável e mais feliz (GE, 108).

Diante de algumas reflexões antropológicas acerca do homem hipermoderno, este que vive uma busca de identidade e realização pessoal, pode-se afirmar que há uma mudança de paradigma que o transformou num verdadeiro objeto e sujeito do mercado, configurando uma nova forma de escravidão, pois há um constante desejo de soberania pessoal.

Segundo Gilles Lipovetsky, o conceito de “*homo consumericus*” que se rege pelo imperativo “compro, logo sou!”¹⁶, torna-se importante para a compreensão da antropologia atual. Ele é enfático:

Uma nova modernidade nasceu: ela coincide com a “civilização do desejo” que foi construída ao longo da segunda metade do século XX. Essa revolução é inseparável das novas orientações do capitalismo posto no caminho da estimulação perpetua da demanda, da mercantilização e da multiplicação indefinida das necessidades: o capitalismo de consumo tomou o lugar das economias de produção. Em algumas décadas, a *affluent society* alterou os gêneros de vida e os costumes, ocasionou uma nova hierarquia dos fins bem como uma nova relação com as coisas e com o tempo, consigo e com os outros. A vida no presente tomou o lugar das expectativas do futuro histórico e o hedonismo, o das militâncias políticas; a febre do conforto substituiu as paixões nacionalistas e os lares, a revolução. Sustentado pela nova religião do melhoramento contínuo das condições de vida, o maior bem-estar tornou

¹⁶ cf. Lipovetsky, 2007, pp. 8, 28, 43, 80, 82-83, 86, 99, 110, 142 e 180.

se uma paixão de massa, o objetivo supremo das sociedades democráticas, um ideal exaltado em todas as esquinas. Raros são os fenômenos que conseguiram modificar tão profundamente os modos de vida e os gostos, as aspirações e os comportamentos da maioria em um intervalo de tempo tão curto. Jamais se reconhecerá tudo que o homem novo das sociedades liberais “deve” a invenção da sociedade de consumo de massa (Lipovetsky, 2007, p. 8).

Apresenta-se, também, o chamado consumo emocional, marcado pela paixão por marcas no qual o corpo molda o desejo das pessoas. O “consumo emocional aparece como forma dominante quando o ato de compra (...) passa para uma lógica desinstitucionalizada e intimizada, centrada na busca das sensações e do maior bem-estar subjetivo” (*Ibidem*, p. 28). Há, portanto, uma relação do consumidor e o tempo, pois a experiência vivida na satisfação imediata pelos desejos subjetivos alcançados gera um rejuvenescimento, “por aí se vê que o consumo mantém relações íntimas com a questão do tempo existencial. (...) O importante já não é tanto acumular coisas quanto intensificar o presente vivido” (*Ibidem*, p. 43). É uma nova relação que faz emergir uma espécie de fetichismo da mercadoria, onde a vida é alimentada por produtos, no imperativo “eu compro, é meu!”. É como se fosse uma espiritualidade do consumo, como afirma Wolff:

Muitos cultivam espiritualidades de consumo, sintonizadas com a lógica do mercado neoliberal, que propõe o triunfalismo a qualquer custo, o individualismo e a exclusão social. São espiritualidades que asseguram a prosperidade e buscam espiritualizar a realidade. Afirmam-se como propostas de autossalvação e buscam conjugar elementos religiosos, filosóficos, éticos e econômicos que centram a crença no humano. Tais espiritualidades “podem estar travestidas como religiosas, mas ser formas meramente culturais ao perderem o núcleo central da fé para ganhar formas culturais mais acessíveis de comunicação e de mercado (Wolff, 2016, p. 25).

Gilles define a sociedade da hipermodernidade com a expressão civilização do desejo e do consumo:

A sociedade do objeto apresenta-se como civilização do desejo, prestando um culto ao bem-estar material e aos prazeres imediatos. Por toda parte exibem-se as alegrias do consumo, por toda parte ressoam os hinos aos lazes e as férias, tudo se vende com promessas de felicidade individual. Viver melhor, “aproveitar a vida”, gozar do conforto e das novidades mercantis aparecem como direitos do indivíduo, fins em si, preocupações cotidianas de massa. Espalha-se toda uma cultura que convida a apreciar os prazeres do instante, a gozar a felicidade aqui e agora, a viver para si mesmo; ela não prescreve mais a renúncia, faz cintilar em letras de neon o novo Evangelho: “Comprem, gozem, essa e a verdade sem tirar nem pôr”. Essa é a sociedade de consumo, cuja alardeada ambição e liberar o princípio de gozo, desprender o homem de todo um passado de carência, de inibição e de ascetismo. Não mais injunções disciplinares e rigoristas, mas a tentação dos desejos materiais, a celebração dos lazes e do consumo, o sortilégio perpetuo das felicidades privadas. Há

um individualismo de massa, hedonista e consumista (*Ibidem*, p. 63).

A Igreja na contemporaneidade poderá ser uma luz de esperança, diante das relações fragmentadas, para reconstruir uma nova possível civilização, lutando pela sobrevivência humana e toda criação, contra a lógica consumista. A valorização das relações será o eixo fundamental nesta nova civilização, pois “é o sujeito ou pessoa humana quem, no concreto, se realiza nas relações, consigo mesmo, como mundo da natureza, com os outros seres pessoais e, na dimensão mais profunda, com Deus” (Garcia Rubio, 2006, p. 312).

A civilização do consumo traz em seu bojo a plena realização dos desejos mais profundos do ser humano, que, na cultura mercadológica, transforma-os em *comodities*. Até mesmo, a religião se torna *comodities*, comércio, *marketing*. A fé, portanto, é instrumentalizada e sofre um desejo individual por detrás, convertendo-se em uma religiosidade da estética, da aparência e da beleza em detrimento do compromisso ético cristão: é necessário apenas apresentar uma imagem de bondade e justiça. Uma real substituição da ética pela estética, porta de entrada para o surgimento do narcisismo religioso e do clericalismo eclesial.

Segundo João Batista Libânio, em sua reflexão sobre a ética na hipermodernidade:

A modernidade e, mais acintosamente, a pós-modernidade acentuam a fragmentação. E nisso afundam a ética em terrível crise. A unidade se quebra. O ser humano vê-se dilacerado por dentro. Dizem-lhe que atuam nele um *id* e um *superego* que lhe escapam da consciência reflexiva. Ele chega a duvidar se realmente tomou determinada decisão e dela se faz responsável. Até onde agiu no espaço da ética? E comportamentistas extremados julgam-no reflexo de condicionamentos externos. Biotecnólogos de última geração vão mais longe. Reduzem as ações humanas a procedimentos orgânicos. Lá se foi a unidade do ser humano. A beleza se dissocia do bem e da verdade. Vale por ela mesma. Cria o próprio código, independente de referência ao bem e à verdade. Concursos de beleza, a indústria cinematográfica hollywoodiana, a moda e propaganda tecem os parâmetros da beleza e elegância de corpos masculinos e femininos. Em função deles, jovens chegam à morte por anorexia. A estética substitui o bem e a verdade. Cria-se uma ética que já não responde aos ditames fundamentais de valores absolutos. Portanto, não merece o nome de ética. Rompeu-se o elo que ligava beleza e bem e verdade, base primeira da ética (Libânio, 2008, *on-line*).

Constata-se que, nesta espiritualidade consumista da hipermodernidade, o hiperindivíduo, na exaltação de si mesmo e na busca de prazeres pessoais, poderá cultuar-se da seguinte forma: no corpo, pagando-se caro na ditadura da aparência jovial e na frequência em academias; no psicológico, pagando-se terapeutas (endeusamento aos psicólogos e *couching*); na saúde, pagando-se caro para não sentir dor em farmácias e tratamentos; e na *internet*, pagando-se para obter curtidas e seguindo *influencers*; pois:

Em tempos de valorização do vazio, do efêmero e da leveza superficial, o que se tem como ético facilmente transforma-se em bolha de sabão. Decisões duradouras e exigentes são logo preteridas. Hoje há a tendência de valorizar comportamentos mercantilizadores da vida. A conversa regeneradora em casa acaba sendo substituída pela ida ao psicólogo, a caminhada diária para a manutenção da saúde é, não raro, trocada pela academia – ao menos para os que têm condições financeiras. Da gratuidade passou-se ao que é pago! Nesse caminho, a ética do evangelho acaba tendo grandes obstáculos diante de si. (Marin, 2018, *on-line*).

A identidade do ser humano hipermoderno é este consumir, como afirma Bauman quando diz que “nessa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, dever ser e tem que ser um consumidor” (Bauman, 2008, p. 73); a referência primeira e crucial será o consumismo. A religião poderá ser um reforço à necessidade, à vocação e ao desejo deste consumo de felicidade, conforto e bem-estar, fazendo dele, sujeito e objeto de uma economia de mercado que tem como centralidade o indivíduo consumidor. Pode-se viver uma Igreja ou religião como um grande mercado de possibilidades e experiências que visa a satisfação do fiel, seu cliente.

A religião, segundo Lipovetsky,

Se deixou levar pelo processo de vazio: a gente acredita, mas de certa maneira, acreditando em tal dogma e eliminando outro, misturando o Evangelho com Corão, o *zen* ou o budismo; a espiritualidade se colocou na era caleidoscópica do supermercado e do sirva-se-você-mesmo ou *self-service* (Lipovetsky, 2022, pp. 167-168).

Encerrando a abordagem sobre a proposta de uma sociedade hiperconsumista que solapa a ética da responsabilidade com o próximo e a preocupação moral pelo outro, a missão de uma Igreja em saída será uma proposta de um retorno ao ideal de Jesus: a pastoral do cuidado e do encontro, numa verdadeira revolução do amor fraterno. O avanço credível e encarnado eclesial se dará no cuidado, no acolhimento, na escuta, na fraternidade e na comunhão com todos, como caminho de salvação. Ninguém se salva sozinho, por mais que alguns achem e desejem isso. Até porque, segundo Lipovetsky, pode-se notar e confirmar os limites e os resultados de uma civilização do consumo que pleiteia uma falsa e paradoxal felicidade individualista:

Dispomos de um número incessantemente aumentado de objetos e de lazeres: não se vê a sociedade mais radiante por isso. Consome-se três vezes mais energia que nos anos 1960: a quem faremos crer que somos três vezes mais felizes? A ideia é justa: o Produto Interno Bruto não é a Felicidade Nacional Bruta, a vida boa não pode ser confundida com o avanço consumista (Lipovetsky, 2007, p. 215).

Neste sentido, a eclesiologia do Papa Francisco e a reflexão sobre a civilização do consumo avassalador que desconstrói a ética cristã e impede a formação de pessoas mais

fraternas, animadas, comprometidas com a vida e a dignidade humana, podem apontar a um senso de responsabilidade e cuidado com o meio ambiente, a casa comum. Mas quem é o sujeito eclesial capaz de ser protagonista e artífice de uma comunidade eclesial mais fiel aos ensinamentos de Jesus e atento aos novos sinais do tempo?

2.5 Sujeito eclesial hiperindividualizado

A Igreja de Francisco é a Igreja do sujeito eclesial, seja de forma direta ou indireta, pois seus discursos, pronunciamentos, documentos e encaminhamentos pastorais apontam para o protagonismo e responsabilidade do batizado como centro da missão evangelizadora, como indicou o Concílio Vaticano II, ou seja, teologicamente, o leigo não é mais objeto receptor/passivo do anúncio, mas sujeito eclesial na Igreja e, sobretudo, no mundo hipermoderno, com toda a sua tecnocracia midiática e seu consumismo acachapante. É como afirma Pereira e Souza:

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco deu um novo impulso à doutrina do *sensus fidei fidelium*, afirmando que o caminho da sinodalidade representa um requisito indispensável para infundir na Igreja um renovado impulso missionário: em virtude do Batismo recebido, cada membro do Povo de Deus tornou-se discípulo missionário. Cada um dos batizados, independentemente da própria função da Igreja e do grau de instrução da sua fé é um sujeito ativo de evangelização e merece ser ouvido (Pereira; Souza, 2023, p. 237).

No desenvolvimento atual de uma antropologia que promove um individualismo medíocre gerador de uma profunda angústia e tristeza, uma Igreja em saída provocará uma felicidade compartilhada e vivida à luz da ética de Jesus. Até porque “não podemos ser felizes sozinhos, como senhores da felicidade” (Lipovetsky, 2007, p. 219) e a alteridade¹⁷ será a chave de leitura de uma nova vida pastoral na eclesiologia de Francisco que promoverá a cultura do encontro, em contrapartida da cultura do muro (cf. *FT*, 27), como vislumbra Paulo Gonçalves, ao dizer que

[...] os interesses individuais e a mundanização da estrutura são superados, para dar lugar a espaços eclesiais de convivência assinalada pela alteridade que implica respeito, reciprocidade, corresponsabilidade e todo movimento

¹⁷ Alteridade (a.) é um conceito que pode ter várias acepções. Em seu sentido básico, podemos compreender a alteridade com a relação com o diferente. Ou seja, a percepção de que nenhum ser humano é isolado, e apesar de indivíduo único, se faz em relação constante com o outro. O “eu-indivíduo” só se constitui a partir de sua interação com o outro. Esse “outro” é o mesmo tempo aquele que é igual e diferente. A consciência da diferença é que possibilita a transformação e a construção do próprio ser. (Passos; Sanches, 2015, p. 11)

denotativo de *koinonia*, oriunda da própria *koinonia* trinitária (Gonçalves, 2018, p. 371).

Dentro da perspectiva do sujeito eclesial como protagonista da evangelização, é importante ressaltar o valor e o centro da pessoa humana, na perspectiva relacional da eclesiologia do Papa Francisco. Pois, nesta transformação epocal, o conceito de indivíduo aponta para alguém apenas ligado egoisticamente à instituição, fazendo da evangelização algo profissional, funcionário do sagrado, fazendo do espaço e da vivência do cristianismo/catolicismo um canal de poder, aparência e *status*. Em contraposição, na ideia de pessoa há um resgate da dimensão do ser enquanto relação, capaz de consolidar o ser humano como hóspede do próprio humano. Ou seja, a pessoa humana é o centro da evangelização como promotora de sua integralidade, uma vez que “para se caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, há que fazer um reconhecimento basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância” (FT, 106).

Nesse sentido, o cardeal Tolentino, em sua palestra no teatro da PUC-SP, aos reitores e professores de várias universidades, afirmou que:

Precisamos, portanto, de reforçar uma antropologia integral que inscreva a pessoa humana no coração dos principais processos civilizacionais. O grande investimento não pode deixar de ser aquele humano, isto é, investimento na capacitação de cada pessoa para que possa desenvolver as suas potencialidades cognoscitivas, criativas, espirituais e éticas e contribuir desse modo qualificado para o bem comum (TVPUC, 2024, *on-line*).

Recordando que o Espírito Santo age como “maestro” da harmonia desta orquestra que é a Igreja em sua essência, a eclesiologia de Francisco busca contemplar este espírito que quer atuar na pessoa humana inserido na história, capacitando-a à um olhar novo para a existência humana num caminho de orientação para o bem do próximo e do mundo (cf. Francisco, 2020a, *on-line*). A sua eclesiologia sinodal exige uma nova antropologia versada numa abertura pentecostal para uma renovada ética cristã que reconheça a presença de Deus no pobre, na economia inclusiva, na responsabilidade com a casa comum, na integração de toda realidade humana, no diálogo inter-religioso, nas ricas diversidades culturais, dentre outros espaços que o divino possa se expressar.

Essa renovada visão eclesial poderá expressar a abertura e a beleza da presença divina em todas as expressões religiosas. É como diz Elias Wolff:

É preciso favorecer a emergência de “uma igreja-sujeito e uma igreja de

sujeitos”. Todos e tudo na igreja precisa ser “um canal proporcionado mais à evangelização”, capacitados para responder às interpelações atuais do mundo em que vivemos e às pessoas “a quem Jesus oferece sua amizade”. Afinal, a igreja não é um ‘para si’, mas um ‘para os outros’. Tal processo reformador exige “saída”, movimento ou passagem de algo que já não mais condiz com as necessidades da evangelização. Só assim o Evangelho encontra plausibilidade de acolhida no mundo atual. Muitos meios utilizados na evangelização apresentam à mensagem do Evangelho o risco de ser “mutilada ou reduzida a alguns dos seus aspectos secundários, que embora relevantes, por si sozinhos não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo” (EG 34). Claro, não se trata de buscar uma nova igreja, mas uma igreja nova, renovada em seu ser e agir, “em estado permanente de missão” (EG 25). Como diz Walter Kasper, a proposta de Francisco “Não se trata de uma nova Igreja, mas de um novo modo de ver a Igreja, que deve levar a um novo modelo eclesial” (Wolff, 2021, p. 14).

Segundo André Gustavo di Fiore, numa análise sociológica sobre a questão do sujeito eclesial, há o surgimento de uma nova ética comunitária, colocando o hiperindivíduo à frente do coletivo. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que “isso não significa dizer que ideais altruístas ou os valores religiosos mais sólidos e coletivos não sejam levados em conta pela sociedade hipermoderna, mas acabam sujeitos também aos anseios e necessidades individuais” (Di Fiore, 2022, p. 74). O caminho evangelizador não poderá ignorar a configuração desta ética, conjugando comunidade e necessidades individuais, pois, como indica Fabiano Veliq, o

[...] processo de desinstitucionalização da religião evidencia, a nosso ver, que o discurso religioso se tornou aberto e flexível, uma questão de cunho individual, que está aberta a mudanças quantas vezes se fizer necessárias. A religião acaba por perder o seu caráter comunitário e se torna ela mesma algo a ser assimilada pelo próprio sujeito hipermoderno. A religião se torna individual, sucumbe ao individualismo, e percebe-se que várias vezes o que rege a relação do indivíduo com a religião escolhida é o nível de emoção e satisfação que ela é capaz de propiciar (Veliq, 2018, p. 33).

Já em 2007, no pontificado do Papa Bento XVI, quando houve a Conferência de Aparecida, havia uma preocupação com a missão e a pastoral da Igreja quando apresentava a temática do anúncio, do diálogo, da interlocução e a questão da inclusão dos novos sujeitos eclesiais diante da hodierna cultura urbana e midiática:

As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais profundas. Crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista, que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade. Afirmam o presente porque o passado perdeu relevância diante de tantas exclusões sociais, políticas e econômicas. Para elas o futuro é incerto. Assim mesmo, participam da lógica da vida como espetáculo, considerando o corpo como ponto de referência de sua realidade presente. Têm nova atração pelas sensações e crescem na grande maioria sem referência aos valores e instâncias religiosas. Em meio à realidade de mudança cultural, emergem novos sujeitos, com novos estilos de vida, maneiras de

pensar, de sentir, de perceber e com novas formas de se relacionar. São produtores e atores da nova cultura (DAp, 51).

Papa Francisco aponta a educação como esperança da humanidade (cf. *LS*, 2009), e, na linha metodológica e pedagógica de Paulo Freire, pode-se afirmar que o ser humano hipermoderno, ao ser provocado numa relação em direção do outro, poderá ser sujeito de libertação da jaula do seu fechamento como protagonista do processo de mudança na compreensão e apreensão da realidade, pois “quem se forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (Freire, 2015, p. 25).

Na missão da Igreja, em seu desejo de evangelizar em cada época histórica, faz-se necessário dar atenção à experiência religiosa deste indivíduo hipermoderno dentro de um sério processo educacional eficaz, provocando a expulsão da ideia de massificação e da alienação desse ser humano consumista e midiático.

A valorização do hiperindivíduo como sujeito da evangelização, num tempo do relativismo e narcisismo, como responsável da atividade missionária e do espaço de encontro com o divino, compõe um desafio para o trabalho formativo do funcionamento desta Igreja em saída e das futuras lideranças destes sujeitos eclesiais. Sendo que, nesta Igreja que habita o indivíduo pós-moderno, “afirma-se a centralidade do eu religioso como caminho de vivência e crescimento espiritual numa relação direta com Deus por meio de seu Espírito [...] a religião do indivíduo” (Passos, 2014, p. 120).

Diante da crise religiosa da civilização na hipermodernidade, a Igreja em saída, ao reafirmar a sua identidade e missão, precisará retornar urgentemente à vivência do Evangelho, como experiência individual e comunitária, capaz de gerar libertação deste projeto atual de poder presente na opção de uma certa rigidez institucional que se pauta pela busca de uma falsa segurança e de sua zona de conforto. Como, também, dialogar com este mundo de relações globalizadas, estruturado a partir da tecnociência, do mercado financeiro e da cultura de consumo.

Os anseios individualistas do sujeito eclesial não devem ser contrários à dimensão transcendental e natural do ser humano, como já acontecia nas comunidades primitivas, inseridas em sua cultura judaica. A atenção diante das ameaças à uma espiritualidade eclesial missionária e a compreensão das características deste sujeito dentro da sua cultura contemporânea, deve levar em consideração que o indivíduo hipermoderno, em nome do hedonismo, da frivolidade, da vida leve e das experiências intensas, sacrifica ideais coletivos e de futuro próprios da modernidade e experimenta grave crise de sentido (cf. Boff, 2014, pp. 110-113).

Ao falar positivamente da espiritualidade paulina, André Di Fiore, evidencia a figura de Paulo que pregava a importância do homem e da mulher de fé:

A vida vivida *kata sarka*, ‘de acordo com a carne’, quando apetites animais e desejos dominam a existência, é vida hostil a Deus, incapaz de agradar a Deus (Rm 8,7-8). Tudo isso demonstra a preocupação de Paulo justamente com os comportamentos humanos que levam à prazeres e satisfações individuais momentâneos, mas que estão distantes do sentido transcendente de uma vida edificada em Deus e no evangelho (Di Fiore, 2022, p. 103).

No encontro pessoal com Jesus é possível atingir a profundidade da existência, como se fosse um despertar ao amor pelo evangelho e pelo ato de evangelizar (cf. Gonçalves, 2018, p. 385). Nesta experiência de fé, mesmo em situações difíceis entre a cultura do “eu” e do “nós”, a Igreja sinodal e em sinodalidade, poderá resgatar o anúncio do Reino de Deus feito por Jesus que clama pelo sentido da vida, pois há uma “crise do sujeito religioso, marcado pela desordem interna que tem como maior sintoma a falta de sentido, mascarada por um individualismo que se manifesta na preocupação com o próprio prazer, gozo, realização pessoal afetiva, amorosa” (Di Fiore, 2022, p. 104).

Na afirmação de que o sujeito eclesial é o indivíduo hipermoderno, ou seja, esta é a sua característica diante da mudança de tempo e não um perigo eclesial, a Igreja em saída partirá de um diálogo com esta tendência que busca a satisfação e os interesses pessoais, promovendo abertura de uma possível ética das relações sociais, à luz da fé, e reafirmando a sua opção pela construção de uma Igreja em comunhão.

Na superação de um possível individualismo degradante e desumano, o sujeito eclesial hipermoderno é chamado a criar vínculos relacionais, espírito de interdependência, uma postura comunitária, assumindo, na ação e na transformação de uma Igreja em saída, o seu protagonismo e sua responsabilidade pastoral (cf. EG, 67 e 81). Ele não poderá ser mais visto como um objeto passivo, alienado e receptor de ideias e regras, mas ativo dentro de um caminho original, como Jesus, aberto ao mundo, na liberdade e criatividade (cf. EG, 151).

Em sintonia e fidelidade à realidade missionária apresentada na Conferência de Aparecida, o Papa Francisco, diante dos desafios da Igreja em saída nesta cultura da hipermodernidade, reafirmará a identidade de cada batizado como vocacionado ao ser discípulo-missionário (cf. EG, 24, 119, 120 e 173) como resposta a um novo estilo evangelizador num mundo tão fragmentado e cheio de contradições.

São os sujeitos eclesiais que sairão para dar testemunho do amor, anunciando a chegada do Reino e o compromisso com as tarefas prioritárias para o bem comum e a dignificação do ser humano (cf. DAp, 382, 384, 386 e EG, 99, 161, 180, 181, 188). Enfim, nesta missão comum

aos fiéis, os sujeitos eclesiais não deverão omitir a sua função em “anunciar a salvação de Cristo e promover os valores evangélicos na sociedade, sendo assim sujeitos ativos na Igreja” (Amado; Fernandes, 2014, p. 189).

A Igreja em saída, em cada sujeito eclesial na contemporaneidade, faz do indivíduo o seu ponto de encontro e ocupa nele, o lugar e espaço único na vida eclesial, sob a direção dinamizadora do Espírito Santo, uma vez que o próprio sujeito deve ser ativo na evangelização (cf. *EG*, 120). É, para tanto, necessário um acompanhamento desse novo sujeito eclesial hipermoderno em seus direitos e decisões, capaz de viver uma certa complementação entre sua individualidade e a instituição, na conjugação entre satisfação pessoal e segurança ou amparo coletivo.

Mesmo diante de um sujeito eclesial que se caracteriza por ser frágil, vulnerável, instável, individualista, autossuficiente, a Igreja em saída poderá ser capaz de oferecer uma vida espiritual que resolva seus problemas mais profundos, superando essa nova religiosidade ingênua e teologicamente narcísica, uma vez que existem “certas tendências culturais que parecem impor uma afetividade sem qualquer limitação, uma afetividade narcisista, instável e mutável que não ajuda os sujeitos a atingir uma maior maturidade” (*AL*, 41). Diante da imaturidade humana, à luz da fé em Cristo e sua Palavra, uma proposta de vivência do amor, da doação, da abertura para o outro, num autêntico caminho de uma ética da bondade, terá forças para enfrentar os novos tempos.

Desta forma, a grande arte do mundo contemporâneo e da vida eclesial será a criação de relações que não nasçam da autarquia do eu, mas do compromisso e responsabilidade pelo bem do outro. E, neste horizonte a ser explorado, a Igreja em saída será responsável em promover e provocar uma nova cultura que favoreça o diálogo, a globalização da esperança, a educação à inclusão, as redes de cooperação num comprometimento com um humanismo solidário, fazendo desse sujeito eclesial contemporâneo, alguém que compreenda o significado do seu papel ativo no processo global de construção de um mundo que possa ser marcado por valores da solidariedade cristã, num atento olhar aos sinais dos tempos e à acelerada mudança de época.

E, segundo Dom Portella, quando fala da individualização e pós-modernidade, é necessário um cuidado com a aproximação ao sujeito aberto a mudança:

Um dos riscos maiores é, sem dúvida, o enfrentamento a partir da lógica do embate, sem a abertura ao diálogo. Em consequência, a preocupação pastoral deve ser o sujeito individualizado, não relacional, excludente, construído ao longo dos séculos com base na perspectiva da modernidade. O olhar sobre esse sujeito deve nos levar a valorizar sem

dúvida a individualidade, porém uma individualidade aberta à relacionalidade, ao convívio, à escuta, ao diálogo, ao aprendizado mútuo e assim por diante (Amado, 2022, p. 19).

A Igreja em saída é o espaço privilegiado de um novo humanismo dos sujeitos que, imersa numa realidade de um individualismo desumanizante e numa indiferença social, poderá ser um contraponto de uma cultura que se pauta, muitas vezes, somente pelas relações econômicas que privilegiam minorias geradoras de violência e pobreza, ameaçando a vida das pessoas e do planeta. O sujeito, nesta crise antropológica do mundo contemporâneo, é chamado, portanto, a vencer a ideia de ser senhor absoluto de si em suas decisões, levadas as últimas consequências, como alerta o Papa Francisco referindo-se a questão ambiental:

Se o ser humano se declara autônomo da realidade e se constitui dominador absoluto, desmorona-se sua própria base existencial, pois em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se ao divino, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza (*LS*, 117).

Papa Francisco indica, assim, o caminho para a missão da Igreja nos tempos que reina este individualismo contemporâneo quando reforça a visão de uma nova evangelização ao destacar o foco da Igreja em saída, não nos destinatários, mas nos sujeitos, onde “a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados” (*EG*, 120) que vivem nas comunidades ou buscam essa vivência. É necessário, para tanto, uma evangelização transformadora e atenta (cf. *EG*, 27), pois “já não podemos continuar sendo os mesmos num mundo que não é mais o mesmo” (Brighenti, 2004, p. 12).

O desafio da Igreja em saída é buscar converter o sujeito eclesial contemporâneo hipermoderno em protagonista de um novo tempo, tempo de mudanças, saindo da passividade fideísta e da alienação religiosa. É mais que um projeto do Papa Francisco, é um projeto de Igreja voltada ao mundo e às pessoas sedentas de sentido de vida, direcionando uma mensagem de salvação para este sujeito que vive seus dramas e dificuldades. Como afirma Maria Regina Ribeiro Graciani, em dissertação acerca da antropologia cristã:

[...] a pessoa é chamada a desenvolver-se como sujeito autônomo, livre e responsável e, ao mesmo tempo, capaz de afeto e amor. Em sua interioridade, a pessoa é chamada a autorrealizar-se em liberdade e responsabilidade, enquanto na abertura, relaciona-se com o mundo, com os outros e, de forma mais fundamental, com Deus. Assim, a fé cristã afirma que a subjetividade se desenvolve humanamente quando ambas as dimensões acontecem de forma inter-relacionada, em um dinamismo que não sacrifica ou exclui uma ou outra dimensão (Graciani, 2016, p. 67).

A salvação do sujeito eclesial contemporâneo, sobretudo daquele que vive em grandes

metrópoles urbanas, passa pela função do indivíduo, ou seja, ela se torna cada vez mais subjetiva e individualista, distante do padrão da pregação insistente da instituição religiosa e da vida comunitária. Neste contexto, a fé passa a ser uma decisão marcadamente pessoal e, possivelmente, obtendo mais consistência e maturidade diante dos desafios de uma religiosidade mais mercadológica e alienadora.

Ultrapassando as ações pastorais das instituições eclesiais locais constituídas, o sujeito eclesial hipermoderno busca, na maioria das vezes, as experiências pentecostais e carismáticas que ofertam o extraordinário, o excepcional e uma fé estética e midiática, as propostas emotivas e a busca do conforto espiritual-material, para a vivência da sua fé. Segundo João Décio Passos, há “uma individualização religiosa ilimitada, que avança na busca da plenitude e do gozo espiritual, capaz de libertar o fiel de todos os problemas, os materiais e existenciais, a cada ato ritual ou experiência mística que experimenta” (Passos, 2014, p. 121). Neste sentido, a Igreja em saída ou reagirá como uma Igreja com postura inclusivista que olha, abertamente, esta nova realidade do sujeito eclesial ou não evangelizará ninguém.

Assim, uma evangelização missionária eficaz poderá provocar uma nova formação cultural que auxilie no enfrentamento dos desafios do sujeito eclesial contemporâneo hiperindividualizado, principalmente para que tenha instrumental em seu processo de saída de si mesmo, do isolamento frente ao outro e de tudo que enfraquece a sua própria vida, na direção a um novo sujeito que se relaciona e doa-se em prol do outro, como forma de fortalecimento do sentido de uma nova vida (cf. *EG*, 10; *DAP*, 360), até porque o seu desenvolvimento humano acontece concretamente na alteridade, na interioridade, no diálogo e nas limitações.

A eclesiologia do Papa aponta, portanto, para este caminho que forme novos sujeitos ativos na evangelização, adultos na fé e na atuação social (cf. Pedrosa-Pádua, 2021, p. 46), em resposta aos desafios desta cultura no contexto da hipermodernidade consumista, tecnológica e midiática.

Conclusão

A cultura pós-moderna ou hipermoderna da contemporaneidade torna-se efetivamente o espaço de reflexão, diálogo e evangelização para a ação pastoral da Igreja em saída do Papa Francisco. É nesta mudança de época, enjaulados na ditadura estética, moralista, manipuladora e arrogante das mídias digitais, e respirando o ar da cultura do consumo e do descarte, que acende a luz da necessidade de rever práticas e certos valores eclesiais para uma possível relevância de uma Igreja em saída hipermoderna. É nela que o sujeito eclesial é cada vez mais

narcísico, afetuoso, mais emocional (menos racional) e descomprometido com o outro ou o todo. Este sujeito, num processo de educação e conscientização cristã, deveria ser o centro das preocupações evangelizadoras da Igreja, no sentido de promovê-lo no papel de protagonista de uma nova síntese entre a ética cristã e a cultura da hipermodernidade, uma vez que esta poderá ser uma ocasião para recompor a pessoa humana e o seu mundo religioso da autonomia terrena, de forma desinstitucionalizada, subjetivada e afetiva (cf. Lipovetsky; Charles, 2020, p. 99).

A leitura feita até aqui quer conduzir a Igreja em saída e suas orientações atuais a uma nova postura evangelizadora que contrasta com a rapidez das mudanças e a gravidade de muitas de suas práticas irrelevantes. Estas, que desde o Concílio Vaticano II, já foram apresentadas como insuficientes e distantes da vida das pessoas. Wollf afirma que “as mudanças na Igreja precisam possibilitar uma identidade relacional, que se expresse concretamente em estruturas que ampliam a sua capacidade de aproximação, diálogo e cooperação com diferentes tradições cristãs” (Wolff, 2021, p. 22).

É necessário, no espírito e no carisma conciliar, uma *ecclesia semper reformanda* capaz de permitir a continuidade do diálogo com o mundo, na esperança e na resistência de que a Igreja está aberta aos gritos da humanidade, como faz Papa Francisco, e, como fez Paulo VI, em seu discurso da segunda sessão conciliar: “que o mundo saiba: a Igreja olha para ele com profunda compreensão, com sincera admiração e com sincero propósito não de o conquistar, mas de o servir; não de o desprezar, mas de o valorizar; não de o condenar, mas de o confortar e salvar” (Papa Paulo VI, 1963, *on-line*). Nesta sua vocação e identidade, a Igreja não pode deixar de sair continuamente ao encontro da vida, como Deus fez e faz em direção ao ser humano, levando o Evangelho a todos os povos, como evidencia Jesus Cristo.

Segundo Altemeyer, a partir do Papa Francisco, o centro da reforma eclesial passa pela abertura ao mundo, assumindo o Evangelho no formato do diálogo poliédrico: “exige-se a toda a Igreja uma conversão missionária: é preciso não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas” (AL, 201); é chamada a encarnar-se em todas as situações e presente através dos séculos em todo o lugar da terra, a Igreja pode, a partir da sua experiência de graça e pecado, compreender a beleza do convite ao amor universal (cf. Altemeyer, 2024, *on-line*).

Considera-se para esta nova visão contemporânea de eclesialidade, nascida de uma sincera conversão pastoral, uma real proximidade com a cultura hipermoderna, promovendo a cultura do encontro dos hiperindivíduos como caminho de um novo espírito nas comunidades eclesiais, como sugere Papa Francisco. A essência desta cultura do encontro pode trazer a cura das feridas da alma, da superação das inseguranças, dos medos causados, do isolamento, da

crise de identidade, principalmente do caos gerado durante a pandemia do COVID-19, e de muitas outras situações que surgiram com dramas existenciais, necessitados de soluções na prática do amor. Essa cultura poderá ser um novo paradigma que surge dedicado à humanidade inteira (cf. Souza; Nascimento, 2021, p. 162). Neste novo paradigma, possa também emergir a utopia do cuidado com a criação e cultura do encontro, afirma Piero Coda:

Um paradigma que tem de investir, o modo de imaginar e gerir as relações sociais, políticas, econômicas e com um olhar que move dos pobres, dos marginalizados, dos descartados, das periferias geográficas e existenciais, e de guiar e plasmar o desenvolvimento técnico-científico segundo uma lógica determinada pela casa comum (Coda, 2019, p. 93).

A Igreja em saída se definirá pela sua capacidade em testemunhar, evangelizar e transmitir os valores cristãos, na promoção da dignidade da vida, fazendo a opção clara pelas periferias e mobilizando as forças e ações ao encontro dessas realidades extremas. “É necessário descobrir as ferramentas para a construção de um mundo mais justo e fraterno que se encontram no interior do coração humano e é necessário um empenho para que todos descubram estas para ajudar o mundo ser melhor” (Souza; Nascimento, 2021, p. 162). Neste sonho eclesial e atento aos sinais dos tempos, voltando-se para a nova evangelização, é necessário, como repete Francisco, despertar no coração e na vida das pessoas a vida de fé (cf. Francisco, 2013, p. 1). Pois:

É hora de um novo projeto Neemias, um novo humanismo que possa canalizar essa irrupção de fraternidade e pôr fim à globalização da indiferença e à hiperinflação do indivíduo. Precisamos voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que somos responsáveis pelos outros, inclusive pelos que ainda não nasceram e pelos que ainda não são considerados cidadãos (Francisco, 2020, p. 55).

A contemporaneidade é um grande desafio eclesiológico porque faz com que, a partir das novas situações culturais, religiosas e sociais, uma nova antropologia possa emergir um ser humano integral. E, diante disso, o cristianismo é chamado a reconectar-se hoje, como sustento para a evangelização da Igreja em saída possível, com um horizonte no futuro e para o futuro da relevância da Igreja Católica no mundo atual.

No balanço dos onze anos do pastoreio do Papa Francisco, Fernando Altemeyer frisa a motivação para um novo tempo eclesial:

A motivação é a missão, Igreja em saída, o cuidado pastoral dos empobrecidos e o rompimento claro do clericalismo que fez da Igreja uma instituição autocentrada e distante do Evangelho de Jesus. Francisco afirma a tempo e

contratempo que é chegada a hora histórica da Igreja em saída, de seguir as intuições e textos do Concílio Vaticano II (Altemeyer, 2024, *on-line*).

A Igreja em saída, em seu movimento em direção aos sinais dos tempos, é uma ruptura com seu esplêndido isolamento, próprio do tempo da cristandade e que tende a perpetuar ainda hoje, caso se feche a cultura contemporânea em seus desafios. A sua entrada no mundo é evangelização, pois se deixa mergulhar nos mais variados lugares onde haja pessoas feridas física, social, psicológica e espiritualmente, para ser instrumento de cura, proximidade, consolação e misericórdia, conforme o ensinamento do Evangelho.

No próximo capítulo, à luz do pensamento de Francisco em seu conceito Igreja em saída, buscar-se-á apresentar algumas propostas e desafios eclesiais que faça com que a evangelização contemporânea possa tomar uma nova rota, dando um ressignificado em sua relevância nesta cultura em constante transformação e, ao mesmo tempo, à luz do Evangelho de Jesus de Nazaré, desenhar uma possível antropologia capaz de dar sustento aos anseios de um novo humanismo mais integrado, consciente e cristão. Até porque, “o modo de ser humano de uma pessoa é a expressão mais autêntica de sua crença ou incredulidade. A vida de uma pessoa fala mais sobre sua fé do que aquilo que ela pensa ou diz sobre Deus” (Halík, 2023, p. 20).

É, portanto, necessário voltar-se ao futuro eclesial com a identidade decididamente missionária, numa sociedade em constante mudança, adotando a atitude de Jesus e a aceitação a todos.

III. DESAFIOS E APELOS À EVANGELIZAÇÃO

Introdução

Na *Evangelii Gaudium*, encontra-se a riqueza do fundamento inspirador do Papa Francisco em relação à uma Igreja em saída: Jesus que se encarnou e mostrou Deus à humanidade, e, na fidelidade à Ele, fez da Igreja uma comunidade essencialmente missionária, vocacionada para sair ao encontro de todos, preferencialmente dos pobres, vulneráveis, sofredores, encurtando as distâncias e tocando a carne sofredora de Cristo no povo sofredor (cf. *EG*, 24). “No coração de Deus há um lugar preferencial para os pobres” (*EG*, 197). São os chamados “anônimos para os meios de comunicação e para o grande público, não, porém, para Deus” (Gutiérrez; Müller, 2014, p. 146). É uma Igreja que deve sair para manifestar a beleza do amor de Deus, revelado em Jesus Cristo morto e ressuscitado, centro da fé cristã (*EG*, 36); sendo, esta, a primeira preocupação e ocupação da Igreja: transmitir o coração da mensagem de Cristo (*EG*, 34).

A Igreja em saída é um projeto contemporâneo que tende a provocar um renascimento pastoral-ecclesial do Papa Francisco direcionado a Igreja universal, num grande esforço de atingir, sobretudo, às periferias existenciais da humanidade. É neste espírito conciliar que se exigirá a coragem em dar passos para a mudança no modo de se viver em comunidade e, consequentemente, fomentando a esperança de um novo raio do cristianismo. Aliás, é no próprio dinamismo e na diversidade da pós-modernidade, que assusta muitos cristãos, sejam a fase de incubação do cristianismo do futuro (cf. Halík, 2023, p. 74).

Neste sentido, a partir da leitura sobre a expressão Igreja em saída e da apresentação sobre alguns desafios desta Igreja na cultura contemporânea, este capítulo, propõe-se a reforçar os novos apelos e algumas provocações eclesiais, como também aprofundá-los com proposições e pistas de reflexão, acentuando a grande aventura de se viver o sonho do Pontífice: uma eclesiologia mais missionária, poliédrica e samaritana, revelado em seu primeiro discurso papal: “E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. (...) Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade” (Francisco, 2013c, *on-line*).

Nesta eclesiologia “de saída”, percebe-se o quanto Francisco, ao falar de si mesmo no exercício do seu ministério petrino, enfatiza mais o seu episcopado como bispo de Roma quanto Papa, revelando o desejo de “uma Igreja menos centralizada, mais aberta e democrática; uma

Igreja, de fato, Povo de Deus, na qual os carismas possam florescer sem medo e os ministérios possam ser exercidos livremente, sem a centralização excessiva de hoje” (Souza; Dias, 2021, p. 114); uma Igreja que destaca pelo serviço e não pelo poder. Pois, segundo Cardeal Yves Congar:

O papa só é papa enquanto bispo de Roma. Seria ele ainda “mais que o papa”? A partir de João XXIII e Paulo VI, haveria uma outra maneira de sê-lo [...], uma maneira evangélica. Sabe-se que no dia 14 de dezembro de 1975, Paulo VI ajoelhou-se diante do metropolitano Melitão da Calcedônia, o enviado do patriarca de Constantinopla, e beijou-lhe os pés. Esse gesto evangélico, de humilde serviço, suscitou, no patriarca Dimitrios I, esta exclamação: “Paulo VI ultrapassou o papado!” Fica-se distante do *Dictatus papae* 9 de Gregório VII: “*Quod solius papae pedes omnes principes deosculentur*”! Quando João Paulo II percorre o mundo, ele se apresenta como “pastor” e “evangelizador” (Congar, 1997, p. 69).

A expressão Igreja em saída, dentre outras, como “Igreja como hospital de campanha” ou “Igreja Samaritana”, à luz dos atos e pronunciamento do Papa Francisco, pavimentam um caminho que leva a um discernimento e interpretação de uma Igreja com um modelo sinodal, sendo essa uma fonte transformadora da realidade quando se torna promotora e defensora da vida, do mundo e das pessoas humanas. “O Papa Francisco vê uma solução certa na redução do centralismo na Igreja e no fortalecimento do princípio sinodal, bem como na maior autonomia e responsabilidade das igrejas locais” (Halík, 2023, p. 147).

Isso faz recordar a associação que Bento XVI fez, em diversos momentos, da relação entre Igreja e família, em sua Encíclica “Deus é Amor”:

A Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família, não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário. Ao mesmo tempo, porém, a *caritas-agape* estende-se para além das fronteiras da Igreja; a parábola do bom Samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor que se inclina para o necessitado encontrado “por acaso” (cf. Lc 10, 31), seja ele quem for (DCE, 16).

Neste terceiro capítulo, portanto, apresentar-se-á os adjetivos dessa Igreja em saída, partindo da ideia de fonte transformadora, passando pela reflexão sobre a Igreja dos conflitos, dos fragilizados, dos pobres, dos migrantes, da casa comum, até a sua identidade inclusiva e cuidadora, proposto pelo estilo pastoreiro e sinodal de Francisco. E, como contribuição pastoral, uma Igreja que se assemelhe à uma escola, onde todos possam aprender a riqueza de sermos todos caminho e caminantes, neste processo de humanização apresentado por Jesus de Nazaré, Mestre e Pastor.

3.1 Os apelos eclesiais

A Igreja católica vive uma incisão de ousadia no mundo contemporâneo, com a chegada do Papa Francisco, em seu atual governo, sobretudo quando se vislumbra nela, a vivência eclesial desse movimento imperativo da fraternidade universal que se concretiza num cristianismo encarnado pautado pela amizade social: “o amor que estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos ‘amizade social’ em cada cidade ou em cada país. Se for genuína, essa amizade social dentro de uma sociedade é condição para possibilitar uma verdadeira abertura universal” (FT, 99). Como o Vaticano II, o pontífice argentino procura a superação da distância entre a Igreja e o mundo real, afim de encontrar novos caminhos que a levem a entrar nos trilhos de um dinamismo missionário, renovador e sinodal.

É neste contexto de fraternidade e amizade, que Francisco, segundo Dantas:

[...] julga necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais para uma vida saudável em sociedade (cf. EG, 74). Por isso, um dos desafios colocados por ele para a Igreja é a necessidade de responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas vãs ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro (cf. EG, 89). Trata-se, portanto, de aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações (cf. EG, 91), vislumbrando a conexão íntima que existe entre a mensagem do Evangelho e a promoção humana (cf. EG, 178) (Dantas, 2019, p. 87).

A questão ecológica (casa comum), o problema da imigração e as fronteiras, as novas famílias, a questão homoafetiva, a luta pela causa dos pobres e minorias, a reforma interna da Igreja e sua sede Vaticana, os avanços tecnológicos, dentre outras emergências contemporâneas, são os novos desafios e apelos eclesiais que exigem respostas cada vez mais relevantes, éticas e construtoras de valores evangélicos. É inadiável uma “opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG, 27). Por isso, o Papa insiste numa Igreja em processo de conversão:

Nesse sentido, Francisco convida a Igreja à conversão pastoral e missionária (EG, 25). Por um lado, uma conversão pastoral que leve a Igreja a aprofundar a consciência de si mesma, reconhecendo suas fragilidades e defeitos, fazendo um verdadeiro exame de consciência para aproximar a Igreja real da Igreja ideal e, assim, assumir a verdadeira vocação perante o mundo. A conversão missionária, por outro lado, diz respeito a uma atitude constante de “saída” da Igreja que, segundo Francisco, não pode ficar presa a uma “simples administração” (EG, 25). Sendo assim, a conversão pastoral só pode acontecer

efetivamente, mediante “uma opção missionária capaz de transformar tudo” (EG, 27), estando em contato com as várias realidades que precisam da luz do Evangelho (Dantas, 2019, p. 120).

A renovação desta Igreja em saída estará estritamente ligada à sua capacidade em ouvir e responder à realidade do novo que se desponta na humanidade, neste momento histórico, reivindicando a valorização de todos os seres da criação em sua dignidade, como já anunciava e reconhecia o Concílio Vaticano II a respeito do diálogo e da autonomia do mundo.

Um pluralismo são, que respeite verdadeiramente aqueles que pensam diferente e os valorizem como tais, não implica uma privatização das religiões, com a pretensão de as reduzir ao silêncio e à obscuridade da consciência de cada um ou à sua marginalização no recinto fechado das igrejas, sinagogas ou mesquitas. Tratar-se-ia, em definitivo, de uma nova forma de discriminação e autoritarismo (EG, 255).

A acolhida de um tempo novo na história humana e o surgimento de uma Igreja mais próxima da realidade das pessoas não podem se limitar em documentos, estruturas institucionais, leis e rituais, é necessário e importante, para tanto, a coragem e o esforço em dar vitalidade, fecundidade e esperança à um cristianismo que se paute por um modelo eclesiológico dinâmico e performativo, com uma força mais missionária do que doutrinal. É como afirma Tomás Halík:

Se as Igrejas conseguirem resistir às tentações do egocentrismo, bem como do narcisismo coletivo, clericalismo, isolacionismo e provincialismo, podem dar uma contribuição significativa para um novo ecumenismo mais amplo e profundo. O novo ecumenismo é mais do que a unidade dos cristãos; a renovação da fé pode ser um passo para essa “fraternidade universal” que é o grande tema do pontificado do Papa Francisco. Pode ajudar a família humana a avançar não para um choque de civilizações, mas para a formação de uma *civitas oecumenica* – uma cultura de comunicação, partilha e respeito pela diversidade (Halík, 2023, p. 11).

3.2 Uma Igreja em saída como fonte transformadora

Em conformidade ao Evangelho e aos sinais dos tempos, a Igreja em saída torna-se uma fonte transformadora da realidade quando se deixa conduzir pelo Espírito Santo num caminho de conversão, renovação e atualização de si mesma, fazendo ecoar a Boa Nova do Reino.

Em sua natureza frágil, a Igreja percebe que não pode se estagnar no caminho já percorrido em dois mil anos de história. Há muita estrada a percorrer ainda para chegar à perfeição na vivência do Evangelho. E existe um dinamismo próprio de mudanças que se fazem necessárias na caminhada, para fielmente

cumprir a sua missão de ser sinal e instrumento do Reino nos diferentes tempos e contextos da história humana. Reforma, renovação, mudança e conversão nesse sentido, é algo próprio da igreja enquanto organismo vivo, dinâmico, criativo, a caminho do Reino (Wolff, 2021, p. 15).

É uma fonte que gera possibilidades e expectativas, pois faz germinar a semente da vida num terreno árido, acender uma luz em meio às trevas e cegueiras humanas, testemunhar o amor frente a tentação do ódio e do fechamento. E, num olhar positivo e profético diante das dificuldades da vida, proclamar que “a esperança nos convida a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas” (LS, 61).

Diante de uma fé cristã que sofre um movimento perigoso da indiferença, a Igreja em saída pode ser uma oportunidade de retomar a força de um cristianismo mais fiel ao Evangelho e mais relevante no diálogo com o tempo e as pessoas, ou seja, a comunidade eclesial é chamada a ser um caminho profundo à Cristo e sua Boa Nova, atenta à história humana, numa atitude dialógica e na proatividade em prol dos sofredores. Essa chance de tornar a Igreja mais vigorosa e na fidelidade ao seu fundador, mesmo diante das frustrações, derrotas e cansaços eclesiais, expressa Nobre e Elizeu:

Se faz, pois, necessário a constituição de um jeito de estar no mundo, adotando uma nova ética com uma nova ótica, a ótica do desconcertante amor que aprendemos com Jesus de Nazaré. E para tanto, apresenta a proposta concreta de um sinuoso processo de reeducarmos para a maneira de viver de Jesus, em cujo modelo sinodal se faz necessário (Nobre; Conceição, 2023, p. 26).

É um tempo de transição, como afirma Teixeira Faustino, de uma Igreja autorreferencial para uma Igreja transformadora da realidade:

Na visão de Francisco, a igreja não pode ficar encerrada em seu mundo, mas deve “sair de si mesma” e buscar caminhos novos. E convoca os religiosos e religiosas da América Latina e Caribe para tal abertura: “Abram portas, façam algo aí onde a vida clama. Prefiro uma Igreja que se equivoca por fazer algo do que uma que adoece por ficar fechada...”. Assinala o essencial papel de profeta a ser exercido pelos religiosos, cujo voto de castidade traduz, sobretudo, “fecundidade” e abertura. Os ministros, como um todo, devem concentrar sua atuação não nas admoestações ou nas replicações doutrinárias, mas na proposta evangélica essencial, que deve ser “mais simples, profunda, irradiante”. Em audiência com os bispos recém-nomeados, em setembro de 2013 (Sala Clementina), chama a atenção para o risco de ambição ou carreirismo, o que denominou “psicologia de príncipe”. Sublinha a importância da abertura e da humildade, e também do impulso de proximidade: “Sejam pastores com cheiro de ovelha, presentes no meio de sua gente como Jesus, o Bom Pastor” (Teixeira, 2013, p. 189).

Nesta era do vazio, como afirma Gilles Lipovetsky em sua obra que leva este mesmo título, diante de uma busca de uma vida que tenha sentido em si mesma, urge um cristianismo capaz de confrontar uma humanidade hipermoderna que não se deve mais se deixar auto sugar por dentro, relativizando o ato de viver ou morrer, numa profunda e irreparável indiferença com a vida humana e seu futuro. É como afirma Bruno Forte, diante do niilismo existencial:

A crise de sentido passa a ser característica peculiar da inquietação pós-moderna. Neste tempo, de pobreza, que – como observa Martin Heidegger – é “noite no mundo”, não por causa da falta de Deus, mas porque os homens já não sofrem com essa falta, a doença mortal é a indiferença, a perda do gosto por procurar as razões últimas pelas quais valha a pena viver e morrer, a falta de “paixão pela verdade”, como afirma a *Fides et Ratio* (Forte, 2006, p. 9).

Uma das tarefas da missão da Igreja será justamente resgatar o sentido de cada vida humana no presente da sua história e sua cultura, revelando o Deus do hoje que é presença (nem passado e nem futuro) no ser humano, mesmo que possa aparentar estar escondido, Ele habita o ser humano. Deus está inserido na realidade humana porque em tudo há sentido de Deus. É o mistério da Encarnação e da Revelação: um Deus que ama entra na realidade e na história humana, por amor e cuidado com sua criação.

A fonte de transformação da Igreja em saída é comunicar o Deus que está em constante saída numa verdadeira ética da alteridade: um Deus em movimento, como nos atesta a tradição do Antigo Testamento. Nesta alteridade, a vida humana se constrói numa efetiva abertura do ser humano: “ser com” e “ser para” os outros e o Outro (Deus). E, o “outro” pode ser comparado a categoria de Terra Prometida, do filósofo Lévinas, onde o “eu” é aquele que sempre estará na condição de “saída”: o próprio “eu” em direção ao “outro”. O ser humano tem esse seu “eu” abraâmico, uma vez que velho Abraão esteve em constante saída, numa lógica do ser enviado. Como atesta Xavier e Dias:

Esta questão, de saída de si para buscar o outro, Lévinas, em termos filosóficos, sintetiza com a ideia do rosto, a partir do que classificou como *eu abraâmico* o que sai de si para pôr-se a caminho da terra prometida, que é o outro. O rosto do outro clama por justiça e revela o humanismo do outro. Para Francisco, somente nesse movimento de saída de si para buscar o outro será possível vencer o “generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o bem-estar” (EG, 99). Ir ao encontro do outro é, efetivamente, ir ao “encontro com o rosto” que pede aceitação, compreensão, solidariedade, responsabilidade. Nesse percurso de saída de si, o importante é “correr o risco do encontro com o rosto do outro” (EG, 88), para se deixar interpelar pela sua presença e juntos construir o sonho de justiça e a paz que parece uma utopia de outros tempos (FT, 190) (Xavier; Dias, 2021, p. 213).

O ser humano, portanto, é transformado quando faz a experiência eclesial de fé que o leva ao encontro do outro e do Outro, de forma que a sua perfeição estará sempre em processo constante de saída de si, descobrindo o sentido real da sua vida. Ele é um ser de encontro e a Igreja em saída se pautará por essa lógica da cultura constante do encontro, da ética da alteridade e de processos que olhem a vida por dentro dela mesma, prevenindo as atuais doenças de um mundo inexpressível: “em muitas partes do mundo, fazem falta caminhos de paz que levam a curar feridas, há necessidade de artesãos da paz prontos a gerar, com generosidade e ousadia, processos de cura e de um novo encontro” (FT, 225). Adverte o Papa Francisco, em sua meditação na Casa Santa Marta:

Nós estamos acostumados com a indiferença, quer quando vemos as calamidades deste mundo quer diante das pequenas coisas. Limitamo-nos a dizer: “Que pena, pobrezinhos, como sofrem”, mas depois vamos em frente. Mas o encontro é diferente, se não olho - não é suficiente ver, não: é preciso olhar - se não paro, se não olho, se não toco, se não falo, não posso realizar um encontro, não posso ajudar a construir uma cultura do encontro (Francisco, 2016a, *on-line*).

A insistência do verbo curar, nas mensagens de Francisco, revela esse apelo à uma Igreja que busca salvar, suturar, enfaixar as feridas de todos os que sofrem e têm a vida ameaçada: os descartados, drogados, moradores em situação de rua, idosos, migrantes, a comunidade LGBT, pobres, mulheres, enfermos, povos originários, pessoas com deficiência etc. É a cultura do cuidado com as feridas da humanidade e do diálogo com o mundo:

Vejo com clareza [...] que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar altos. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo (Spadaro, 2013, p. 461).

Pode-se afirmar, que, na experiência da Igreja em saída, não há espaço para o fechamento da pessoa em si mesmo, até porque acabará não suportando Deus porque Este é relação, encontro e comunhão. “A fé não vive fechando-se, mas abrindo-se” (Borghesi, 2018, p. 41). Deus é tudo em todos: participa-se da vida em Deus quem não é egoísta e procura se entender com o outro, superando as angústias diárias de um Deus relacional que não se cansa de ir, de sair para gerar plenitude na vida de todo ser humano, embora interpele a pensar a pessoa humana como ‘um ser em saída’ (cf. Xavier; Dias, 2021, p. 212).

Segundo Ottaviani e Amaral, numa rica análise sobre o Papa Francisco a partir de Austen Ivereigh, essa Igreja em saída concretiza os sonhos conciliares, visando uma prática eclesial capaz de ser transformadora e não mais mantenedora da vivência da fé cristã:

Como nos faz ver Austen Ivereigh (2016), o Papa Francisco não se preocupa em ser um revolucionário decidido a mudar a doutrina da Igreja, mas um fiel seguidor do Evangelho em busca de uma transformação da prática eclesial, em consonância às grandes intuições e orientações presentes nos Documentos do Concílio Vaticano II. Por seu exemplo pessoal, imbuído da palavra corajosa (*parresía*), ele nos impele a enfrentar os grandes desafios da realidade contemporânea, sem que o medo nos imobilize e nos impeça de refazer a experiência dos primeiros discípulos missionários de Jesus: a de arriscar-se por novos caminhos na leitura dos Sinais dos Tempos (Ottaviani; Amaral, 2024, p. 19).

Em atitude sinodal e dialogal, a Igreja em saída, diante do mundo e de sua realidade sociocultural, é capaz de transformar situações de desencontro, indiferença, autorreferencialidade, centralização e fechamento, em situações de encontro, cuidado, alteridade, descentralização e abertura, cooperando com a obra da Encarnação, uma vez que Jesus de Nazaré encarnou-se por causa da salvação da humanidade. Encarnação, inserção ou inculturação precedem a libertação salvífica, Natal precede a Páscoa (cf. Dalló, 2020, p.18).

É na esperança de uma pastoral fortemente missionária que a Igreja em saída, torna-se uma fonte transformadora da estrutura eclesial, mas também do coração humano, num caminho de um cristianismo alicerçado numa verdadeira experiência de fraternidade, de caravana solidária e de peregrinação sagrada (cf. *EG*, 87), comprometendo-se com a justiça social e todas as formas de gerar vida.

3.3 Uma Igreja dos conflitos, proposta de modelo eclesial

No pensamento missionário de Igreja em saída, usar a expressão Igreja dos conflitos é apontar outro desafio da renovação eclesial: a atitude de enfrentamento diante de um cristianismo que se esvazia de profetismo e testemunho de ir ao encontro de todos, num movimento que mobiliza a todos, rumo às periferias do mundo, sejam físicas ou existenciais. É no desejo de anunciar este novo tempo eclesial que o conflito é inevitável e inadiável, não num modo violento de se apresentar, mas amoroso e acolhedor.

Nesta era digital que constrói uma sociedade cada vez mais pobre em seu olhar humano comunicativo, como se a vida fosse de cantos arredondados, o ser humano desaprende a encarar o conflito e a pensar de forma complexa, tornando-se infantil e narcisista (cf. Han, 2018, p. 45)

e se afastando das pessoas com comportamentos reais, sem vínculos com a vida concreta, pois está imerso no mundo paralelo. Uma vida eclesial sem conflitos, portanto, é opaca, revelando uma reprodução dessa sociedade anestesiada, evitativa, que foge dos conflitos. É necessária uma Igreja capaz de viver o conflito, caso contrário, ela se atrofiará em sua forma de lidar com o diferente. Sem discursos, sem reflexão e sem discussão, a comunidade eclesial pode criar uma cultura da isenção da responsabilidade com o outro e o mundo, pois, como afirma Han, a positividade que habita o digital reduz a possibilidade de uma experiência da alteridade, pois promove o igual e enfraquece a capacidade de lidar com o negativo (cf. Han, 2018, pp. 46-51).

Um dos grandes desafios deste novo modelo eclesial numa Igreja em saída é a motivação à vida comunitária em detrimento da salvação individualista, tão difundida em tempos hodiernos, enfraquecendo a sua identidade de assembleia e Povo de Deus: a dimensão comunitária faz parte da formação e da educação na vida daqueles que buscam a missionariedade. É como afirma o Documento de Aparecida:

A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão. Diante da tentação, muito presente na cultura atual de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais individualistas, afirmamos que a fé em Jesus Cristo nos chegou através da comunidade eclesial e ela “nos dá uma família, a família universal de Deus (...). A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos conduz à comunhão”. Isto significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão (DAp, 156).

Aqui está o conflito: não se deixar absorver pela cultura do descompromisso estável com o outro e nem pelo comodismo de uma fé meramente individualista para viver destemidamente, num processo contínuo de conversão pastoral, uma evangelização que dialogue e crie comunhão. Afirma Dalló, quando comenta sobre Austen Ivereigh:

Para Austen Ivereigh, a opção de Francisco é evangelizar, sair em missão e escancarar portas. A liquidez que se encontra lá fora não é uma razão para erguer a ponte levadiça, esim para construir pontes e lançar balsas de salvamento, bem como para reconstruir a partir de baixo. A opção de Francisco é essencialmente a resposta dada no grande encontro do CELAM em Aparecida, em 2007, desenvolvida para a Igreja universal em *Evangelii Gaudium*. A evangelização no mundo atual em fluxo exige uma conversão pastoral, enraizada em uma experiência individual e eclesial da misericórdia de Cristo, que gera discípulos missionários (cf. Dalló, 2020, p.18).

Dessa dificuldade em viver a arte da convivência, nota-se um outro elemento atual, simples e causador de medo nas discussões entre os seguidores de Jesus: a diversidade, que,

definitivamente, não deveria ameaçar o espírito de comunhão e o futuro da Igreja. Evidencia-se, novamente, o desafio de uma conversão pastoral que consiga vislumbrar na diversidade, perspectivas e positivities de forma que a unidade e a diferença não mais se entendam como lados opostos ou excludentes, mas como componentes que possam se convergir entre si, em prol da construção de um cristianismo mais humanizante. No documento sobre o Pacto Educativo Global, isso fica bem evidente:

Enquanto a diversidade e as diferenças forem consideradas hostis à unidade, a guerra então será sempre iminente, pronta para se manifestar em toda a sua carga destrutiva. O primeiro princípio indispensável para a construção de um novo humanismo é, portanto, o da educação para um novo pensamento, capaz de unir diversidade e unidade, igualdade e liberdade, identidade e alteridade (Global, 2020, p.11).

Neste sentido, fundamentado no princípio da alteridade de Emmanuel Lévinas, que o outro é capaz de apontar para Deus, o Ser em relação. Um Deus revelado se entende pela alteridade, pois na minha relação com o outro, é evidente que encontro o terceiro elemento: Ele, no chamado conceito de Eleidade, abrindo-se, principalmente, a categoria de justiça. É no alter, no outro, na epifania do rosto que o “Eu” se depara com o rosto do “outro”, expresso num pedido de vida, num apelo ao mandamento bíblico: “não matarás!” (Ex 20, 13). Nessa simbologia e dentro duma linguagem teológica do rosto, depara-se com a ética da responsabilidade, uma vez que a nudez do rosto clama por vida. Pois, segundo Lévinas, “a relação com o rosto é, num primeiro momento, ética” (Lévinas, 2007, p. 70). Rejeitar o outro porque é diferente ou não olhar para o seu rosto, é irresponsabilidade. Hoje, há uma tendência em que ninguém mais deseja olhar para o outro em sua diversidade.

Deus se revela e se manifesta como Outro, ou seja, no mistério da Encarnação, o outro se define na relação de fraternidade. E, ao se revelar, evidencia o caminho da salvação: Deus se revela para salvar a humanidade, dentro das ambiguidades históricas e tensões da realidade humana, imerso na vida das pessoas e suas relações pessoais e culturais (cf. Manzatto, 2019, p. 40). Para o filósofo, “o rosto é significação, e significação sem contexto. Quero dizer que outrem, na retidão do seu rosto, não é uma personagem num contexto” (Lévinas, 2007, p. 70). Segundo o comentário do professor de Direito da PUC-RJ, Adolfo Borges Filho,

[...] o rosto, no âmbito da filosofia de Lévinas, ultrapassa os limites do eu-tu, transformando-se num ele (Eleidade), “o para além, de onde vem o rosto” que deixa entrever o caráter metafísico desse rosto: O rosto do outro é uma presença misteriosa que está sempre em retirada e o significado do Enigma vem dum passado irreversível e irrecuperável. Esse modo de significar, o nosso autor explica (...) pelo pronome pessoal da terceira pessoa, pela palavra

Ele. O Enigma vem-nos da “Eleidade” (*Illeité*) (Filho, 2020, pp. 310-311).

Lévinas fala desse rosto como epifania que revela e expressa a alteridade do outro, pois não enxergar o outro é ser indiferente, é ser in-humano, uma anulação ou eliminação total do outro e de mim. Uma Igreja em saída transforma a vida em movimento de ir ao outro e jamais na eliminação do ser humano. É preciso sair, buscar e permitir que o outro seja o outro, e, em sua realização, eu me identifico como sou. Aqui acontece a alteridade: eu sou quando o outro é, o outro sendo o outro, eu sou. A identidade da pessoa, portanto, constitui-se a partir dessa relação com o outro, na responsabilidade que o despoja de uma consciência extremada de si e do mundo.

No conflito, o respeito pela alteridade do outro é uma das consequências do amor cristão, como afirma Tomás Kalík:

O amor é o espaço de liberdade que abrimos para os outros, para que possam ser verdadeira e plenamente eles mesmos, sem artificialidade e sem ter de ganhar constantemente a nossa aprovação. O amor é um espaço de confiança, de segurança, de aceitação; um espaço que permite aos clientes desenvolverem o que há de mais precioso em si mesmos, tornarem-se eles mesmos. Somente quando experimentamos ser aceitos e amados, tal como somos, é que aprendemos a aceitar e amar os outros (Halík, 2023, p. 311).

Faz-se necessário o enfrentamento desta crise do compromisso eclesial em saber acolher a diversidade, na força da empatia, combatendo o espírito neoliberal da competição, da indiferença e do distanciamento da fraternidade. As relações deveriam ser mais gratuitas e jamais recíprocas, pois a reciprocidade é base mercantil pautada na troca, e não na caridade, a lógica de Cristo. Aqui está o conflito: para se construir um modelo eclesial mais missionário, que respeite o outro como outro, é não suportar qualquer forma de injustiça, irresponsabilidade ética e não se dobrar à cultura da violência e indiferença. Aliás, o atual perigo deste “estado de indiferença” é se tornar algo normal, impregnando silenciosamente o estilo de vida e juízo de valor das pessoas (cf. Francisco, 2020, p. 26). “A fé cristã já não enfrenta o ateísmo militante ou a dura perseguição que pode despertar e mobilizar os crentes, mas um perigo muito maior: a indiferença” (Halík, 2023, p. 13).

Ao denunciar a tendência da uniformidade, o fanatismo e o fechamento eclesial e social, afirma Papa Francisco:

Vendo que todo o tipo de intolerância fundamentalista danifica as relações entre pessoas, grupos e povos, comprometamo-nos a viver e ensinar o valor do respeito, o amor capaz de aceitar as várias diferenças, a prioridade da

dignidade de todo o ser humano sobre quaisquer ideias, sentimentos, atividades e até pecados que possa ter. Enquanto os fanatismos, as lógicas fechadas e a fragmentação social e cultural proliferam na sociedade atual, um bom político dá o primeiro passo para que se ouçam as diferentes vozes. É verdade que as diferenças geram conflitos, mas a uniformidade gera asfixia e neutraliza-nos culturalmente. Não nos resignemos a viver fechados num fragmento da realidade (*FT*, 191).

Diante do conflito com a diversidade, apresenta-se a proposta de Francisco na figura do poliedro (cf. *EG*, 236; *CV*, 207; *QA* 29-32; e *FT*, 144-145, 190, 215) como solução para a construção de uma Igreja capaz de conviver nas diferenças, que não cancela o valor e a vivência da comunhão, impulsionando “o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum” (*EG*, 221). Da mesma forma que na Igreja há ansiedades e buscas de sentido da vida, conflitos, há, também, solidariedade, fraternidade, desejo de bondade, verdade e justiça (cf. *EG*, 71-75). Segundo Ney e Anderson,

A realidade é poliédrica e a convivência é repleta de conflitos, entretanto “a unidade prevalece sobre o conflito”. No poliedro eclesial é possível reunir o melhor de cada um, nos mais diversos carismas, dons e ministérios. O poliedro é uma unidade, mas com todas as partes diferentes; cada um tem sua peculiaridade. Unidade na diversidade. A uniformidade não é católica, não é cristã. A unidade na diversidade. A unidade católica é diversificada, mas é uma só. É curioso! O que faz a diversidade é igual àquilo que depois faz a unidade: o Espírito Santo. Ele realiza ambas: a unidade na diversidade! A unidade não é uniformidade, não consiste em fazer obrigatoriamente tudo juntos, nem pensar do mesmo modo e nem sequer perder a própria identidade. Unidade na diversidade é precisamente o contrário, é reconhecer e aceitar com alegria os diversificados dons que o Espírito Santo concede a cada um e colocá-los ao serviço de todos na Igreja (Pereira; Souza, 2023, p. 243).

Os possíveis avanços pastorais da Igreja em saída, atualizando uma vida pastoral que ultrapasse o mundo dos desejos e das ideias, contribuindo para a conversão e renovação de um compromisso de um novo jeito de ser Igreja, são iluminados pelas propostas e dinâmicas da antítese “menos e mais” de Adriano Sella, em sua obra acerca do retorno ao cristianismo essencial. Ele propõe: menos mestres, mais testemunhas; menos correrias, mais presença; menos clericalismos, mais sinodalidade; menos igrejas de tijolos, mais igrejas de pessoas; menos sacerdotes funcionários do litúrgico-sagrado, mais presbíteros pastores. Acentua que é preciso ter coragem para mudar, sobretudo nesta era das correrias que transforma a vida numa exaustão, num ativismo improdutivo, estéril e decepcionante (cf. Sella, 2010, pp. 106-109). Sugere que toda mudança eclesial, social e relacional possa nascer com pequenas atitudes a partir de baixo, a partir de dentro da Igreja, a partir da pessoa, a partir do cotidiano, a partir do

local em que se encontra (cf. Sella, 2010, pp. 21-23).

Da Igreja em saída que sabe lidar e viver a realidade conflituosa dos tempos hodiernos, sobretudo com o sonho do caminhar juntos na diversidade, exigir-se-á, a partir da encarnação, a missão de construir pontes, promover diálogo entre as pessoas. O mistério da encarnação é relação com o ser humano, não seria justo à lógica da encarnação, um cristianismo monocultural e monocórdico, considerado como único, fechado ao diálogo e aos sinais dos tempos (cf. *EG*, 117). Em sua homilia, em Pentecostes de 2021, Francisco fala da harmonia das diversidades:

Hoje, se dermos ouvidos ao Espírito, deixaremos de nos focar em conservadores e progressistas, tradicionalistas e inovadores, de direita e de esquerda; se fossem estes os critérios, significava que na Igreja se esquecia o Espírito. O Paráclito impele à unidade, à concórdia, à harmonia das diversidades. Faz-nos sentir parte do mesmo Corpo, irmãos e irmãs entre nós. Procuremos o todo! E o inimigo quer que a diversidade se transforme em oposição e por isso faz com que se torne ideologia. Devemos dizer “não” às ideologias, “sim” ao todo (Francisco, 2021, *on-line*).

3.4 Os horizontes de uma Igreja dos fragilizados e pobres

Com as palavras do Papa Francisco, no *angelus* do ano de 2017, pode-se fundamentar a identidade e a missão da Igreja em saída em direção às periferias estruturais e existenciais, como também o horizonte de um caminho mais fiel ao Evangelho de Jesus de Nazaré, definindo uma Igreja dos pobres para os pobres, como afirma a *Evangelii Gaudium*, número 198. Ou, como iluminou o Vaticano II, na apresentação de uma teologia que levasse em consideração “a sensibilidade para com as angústias dos homens contemporâneos, sobretudo os pobres” (*GS*, 1). No abraçar a periferia, amplia-se os horizontes da evangelização, pois se vê com clareza e amplitude os que estão à margem da sociedade (cf. Francisco, 2020, p. 137). Neste *angelus*, ele afirma:

A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro. Como é impiedoso e nunca completo o elenco que se é constrangido a elaborar à vista da pobreza, fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada! Infelizmente, nos nossos dias, enquanto sobressai cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de poucos privilegiados, frequentemente acompanhada pela ilegalidade, a exploração ofensiva da dignidade humana, causa escândalo a extensão da pobreza a grandes setores da sociedade no mundo inteiro. Perante este cenário, não se pode permanecer inerte e, menos ainda, resignado (Francisco, 2017, *on-line*).

À luz da teologia da revelação, a Igreja em saída é chamada a assumir o seu olhar e agir

aos pequenos do Reino, acolhendo a lógica de Jesus no compromisso com a vida e a dignidade dos mais fragilizados e pobres. É viver a vida levada por Jesus, que se apresentou como poeta da compaixão, curador da vida, defensor dos últimos, amigo das mulheres e mestre da vida (cf. Pagola, 2014, pp. 145-321). A riqueza do cristianismo, para tanto, encontra-se justamente na sua espiritualidade *kenótica* (Filipenses 6), fortemente marcada pelo movimento do esvaziamento, abaixamento e aniquilamento que exclusivamente se torna o único horizonte para a vivência do amor – *caritas*, como fez Jesus à humanidade. Este amor que pode ser definido como uma encarnação pessoal da própria fraqueza.

Neste sentido, tomar consciência da *Kénosis* é se envolver com a realidade e a identidade do ser humano, ou seja, é ser profundamente mais humano ou viver o processo de humanização. Este processo nos faz mais divinos, pois quanto mais humanos, mais divinos, segundo o pensamento de Santo Atanásio, ao falar da encarnação. E, “quem vai para Deus, não se afasta dos homens, mas se faz realmente próximo a eles (*DCE*, 42). Em Francisco, quanto mais a Igreja for aberta, esvaziada, humana, tanto mais será rica, ungida e fértil em sua missão e vocação. Ele diz:

Só deixaremos espaço ao Senhor, se nos esvaziarmos de nós mesmos; só nos encontramos a nós mesmos, se nos entregamos a Ele; só como pobres em espírito é que nos tornamos ricos de Espírito Santo. Isto vale também para a Igreja. Com as nossas forças, não salvamos ninguém, nem sequer a nós mesmos. Se estiverem em primeiro lugar os nossos projetos, as nossas estruturas e os nossos planos de reforma, então decairemos no funcionalismo, no pragmatismo, no horizontalismo e não produziremos fruto. Os “ismos” são ideologias que dividem, que separam. A Igreja não é uma organização humana – é humana, mas não é apenas uma organização humana –, a Igreja é o templo do Espírito Santo. Jesus trouxe o fogo do Espírito à terra, e a Igreja reforma-se com a unção, a gratuidade da unção da graça, com a força da oração, com a alegria da missão, com a beleza desarmante da pobreza. Coloquemos Deus em primeiro lugar! (Francisco, 2021, *on-line*).

A mensagem evangelizadora da Igreja em saída precisa constantemente reacender a luz da chama que alimenta a clareza em seus destinatários e protagonistas: os pobres, fragilizados, marginalizados, discriminados e todos aqueles que vivem nas periferias estruturais e existenciais no mundo contemporâneo. É o compromisso evangélico nascido da experiência de um Deus que não se cala frente a dor e o sofrimento do seu povo: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra de que emana leite e mel” (Ex 3,7-8b). E, em Jesus, enviado do Pai, há a identificação com esses fragilizados, explorados e abandonados de sua

época, entregando a sua vida inteiramente pela luta em prol da vida dos seus pequenos, a tal ponto de assumir as consequências de sua opção: os bem-aventurados pobres (cf. Mt 9,35-36; Lc 4,16-21; Mt 11,2-6; Lc 7,18-23). A opção de Deus é a opção da Igreja em saída, pois ela se caracteriza, como afirma Papa Francisco:

Por uma defesa firme dos direitos humanos, fazendo resplandecer o rosto de Cristo que “quis, com ternura especial, identificar-Se com os mais frágeis e pobres”. Pois, “a partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção Humana”, e isto exige das comunidades cristãs um claro empenho com o Reino de justiça na promoção dos descartados. Para isso, é sumamente importante uma adequada formação dos agentes pastorais na doutrina social da Igreja (QA, 75).

A sociedade do consumo, do descartável, da ditadura da imagem e do espetáculo, além da cultura narcísica e do mundo das redes virtuais, as propostas pastorais deveriam reafirmar o valor do pobre, aquele que tem nome, rosto e identidade, superando a lógica que não encontra espaço e preocupação por integrar os mais frágeis, porque, no atual modelo do êxito e individualista, parece que não faz sentido investir para que os lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida (cf. *LS*, 196). As perguntas que ficam: nesta opção, diante da crise do compromisso em favor das causas comuns, as que transcendem o interesse pessoal (cf. Faggioli, 2013b, *on-line*), quais seriam os interesses de uma opção pelos pobres na lógica neoliberal? E, para a Igreja em saída: distanciamento ou integração, omissão ou opção preferencial? Segundo Papa Francisco, essa opção é mais:

Uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua misericórdia antes de mais’ a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem ‘os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus’ (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma ‘forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja’ (EG, 198).

Uma Igreja de serviço e lugar de acolhida para os pobres talvez seja uma chave de leitura para uma conversão pastoral realmente para uma eclesiologia mais fiel ao ministério público de Jesus, atenta aos grandes clamores humanos: fome, miséria, opressão, violência, desemprego, moradia digna, guerra etc. É uma Igreja em caminho, unida, revelando o seu rosto como Povo de Deus, este rosto com suas inúmeras experiências de dor e sofrimento, causados por tantos esquemas injustos que dominam as estruturas atuais da sociedade, numa constante opressão dos mais vulneráveis e esquecidos. Não há de se permitir que os mais pobres e frágeis fiquem para trás (cf. *CV*, 231), uma vez que devem ser postos no centro do modo de pensar de

cada pessoa humana (cf. Francisco, 2020, p. 61).

Segundo Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, a Igreja em saída ao se debruçar diante da realidade da pobreza, é chamada a descobrir o rosto dos novos pobres neste atual contexto histórico:

Em sua permanente opção pelos pobres, em função do cristocentrismo e do teocentrismo, a Igreja há de olhar para a pobreza em cada época histórica e descobrir os novos pobres – os moradores de rua, os toxicodependentes, os refugiados, os indígenas, os negros, as mulheres, os idosos, as crianças, as vítimas das diversas formas de tráfico, os nascituros – especialmente os mais frágeis dentre os frágeis (Gonçalves, 2018, p. 381).

Tanto àqueles que estão caídos nas margens de uma sociedade excludente e indiferente quanto àqueles que vivem nas periferias sociais, geográficas, culturais, espirituais, existenciais e ideológicas, o “sair” da Igreja tem sua missão definida e distinta: o compromisso de vida nova aos pobres e fragilizados. Até porque, segundo Velasco, esse “sair” da Igreja não é um sair ‘para si’, mas um ‘para os outros’ (cf. Velasco, 1996, p. 429). É necessário, portanto, (re) assumir a emancipação, a mudança e a evangelização desses pequenos, em sua libertação integral, como prática eclesial. É como afirma Libânio:

Não existe fé cristã sem opção pelos pobres. Faz parte, portanto, da raiz mesma da fé. Não se trata de nenhum sociologismo nem antropologismo, mas decorre da própria revelação. Não se baseia, como adversários conservadores acusam, em traços da análise marxista. Funda-se na própria opção que Deus Pai fez pelo pobre, representado pela clássica trilogia do Antigo Testamento: a viúva, o órfão e o estrangeiro (Libânio, 2014, p. 84).

Jesus nos enriqueceu com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9), e sua Igreja não pode fugir e nem se omitir diante da responsabilidade em ser cada vez mais pobre junto aos pobres sem contrariar ou se opor ao sonho de Deus para a humanidade que se revelou pobrezinho em Belém, quebrando qualquer forma de exclusão e prepotência e, formando a grande fraternidade humana: onde um sofre, todos sofremos. A Igreja dos fragilizados, como afirma Rufini Velasco, “[...] opta-se por ser pobre para optar pelos pobres, pela libertação dos pobres que é uma exigência do Reino de Deus que vem” (Velasco, 1996, p. 31). Nesse caminho de revelação, todo o caminho da redenção está assinalado pelos pobres (cf. EG, 197).

Longe do erro das estruturas assistencialistas e paternalistas de muitas comunidades eclesiais, a integralidade parte do espírito que favoreça a libertação plena dos pobres frente à sociedade e qualquer forma de marginalização, sobretudo a religiosa. “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos

pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isso supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor dos pobres e socorrê-los. (EG, 187). Não basta dar pão e não sanar as causas da fome. Não basta partilhar o alimento e não os inserir na mesa da vida eucarística da comunidade. As obras caritativas nem sempre expressam ou, muitas vezes, até reduzem a opção de uma Igreja em saída, fazendo de sua preocupação apenas demagogia, pois não se realizou uma real libertação da pessoa e sua integralidade de vida.

A partir disso, Papa Francisco instituiu o Dia Mundial dos Pobres, em 2017, na tentativa de recordar a responsabilidade, a identidade e a missão da Igreja em saída diante dos irmãos e irmãs, pobres e esquecidos da sociedade. É necessário sempre este despertar eclesial que leve à um encontro verdadeiro com a alteridade, num voltar-se aos pequenos e abandonados à beira do caminho, numa pronta solicitude religiosa privilegiada e prioritária, no cuidado espiritual dos pobres (EG, 200). Até porque, “a pobreza não faz bem. Pelo contrário: a pobreza, pelas tantas situações extremas e difíceis de emergências, é causa de conflitos nas famílias, nos grupos e nas comunidades” (Müller, 2014, p. 147).

Nota-se que a antropologia da Igreja em saída coloca a defesa radical da vida e da dignidade de cada pessoa como filha e filho de Deus como fonte de encorajamento missionário, fazendo com que, o antídoto para a atual situação de insensibilidade social e alterofobia, situa-se no percurso da acolhida do ensinamento do Evangelho e sua ética da alteridade. É um “sentar-se” aos pés do Mestre, novamente, para refazer um caminho mais plausível na humanização do mundo, do tempo, da história e das relações. É como afirma Urbano Zilles:

Os homens podem conhecer-se a si mesmos. Diante dele caem as ilusões. Em suas feridas refletem-se as nossas; em seu abandono, o nosso; em sua solidão, a nossa; em sua solidariedade, também encontramos a humanidade em Deus, seu amor. [...] Ele une os homens em sua carência comum de humanidade. [...] Na cruz nasce a esperança de um homem novo, de um mundo novo, pois ele ressuscitou dos mortos e vive. O homem resumido em Cristo é a síntese mais arrojada, o elo entre Deus absoluto e a múltipla alteridade do mundo (Zilles, 2011, p. 37).

Desta antropologia nasce um renovado humanismo eclesial capaz de acolher os mais vulneráveis, pobres, frágeis e marginalizados. É nesta relação entre Igreja e mundo, como bem refletiu o Concílio Vaticano II, que, há, novamente, “a colocação da antropologia teológica ao lado da eclesiologia, permeada por uma *theologiamundi*, em que a revelação de Deus encontra no mundo o seu palco de manifestação” (Gonçalves, 2018, p. 368).

Esta antropologia teológica, fomentada pelo Papa Francisco, expressa a condição de uma humanidade mais responsável, e, uma vez que a realidade humana é mais exposta, mais

revela a necessidade do resgate da humanidade em sua humanização. Enfim, a eclesiologia mais evangelizadora revelará que o ser humano é um ser capaz de Deus:

Deus é, assim, alguém capaz de nos conduzir para fora e além de nós mesmos, ao mesmo tempo em que nos reconduz para "o nosso ser mais verdadeiro", nas palavras do Papa. Ao dizer sim à própria existência, Deus dá força e confiança para que o ser humano também diga sim a si próprio. Há aqui um apelo do des-centramento de si mesmo para um re-centramento relacional: redescobrir-se na relação, ver-se diante de Deus e, com ele, toda a humanidade. No centramento e isolamento, a vida se enfraquece; já na doação-relação, a vida se fortalece (cf. *EG*, 10; cf. *DAP*, 360) (Graciani, 2016, p. 68).

Contrário a uma antropologia reducionista e narcísica, somente uma antropologia integral ou do amor, com fundamentos cristológicos, poderá levar o ser humano a dar sentido à sua vida, fazendo da sua experiência eclesial, um espaço e um caminho para a prática da solidariedade, da fraternidade e da amizade social. É um desafio: uma Igreja em saída como aquela que aspira ser uma Igreja mais humanizadora. Aqui surge uma Igreja otimista, construtiva, capaz de viver a alegria do Evangelho, sem degradação e omissão diante dos frágeis e pobres.

Neste desafio, como constata Castillo, é necessária uma ética da alteridade capaz de fazer do ser humano, alguém que esteja além de cumpridor de regras, encarnando o projeto de humanização, fonte do Mistério da encarnação:

Nascemos em uma cultura e nos educaram em instituições que nos formaram para cumprir com nossos deveres, mas não para viver atentos às necessidades das pessoas. Por isso, os melhores dentre nós o mais que conseguem é ser bons cumpridores. Porém, é muito raro encontrar pessoas verdadeiramente sensíveis ao desamparo e à necessidade de estima, respeito e carinho que qualquer um sente, seja quem for. Por isso nos causa tanto horror a violência, o terrorismo, a maldade das pessoas. Mas nos parece absolutamente normal que haja pessoas “irrepreensíveis” que passam pela vida deixando a seu lado enchentes de dor e desamparo (Castillo, 2010, p. 100).

3.4.1 Uma Igreja dos migrantes

Nesta opção responsável, evangélica e definitiva pelos pobres e marginalizados, percebe-se, com as grandes catástrofes naturais, além da fome, da guerra e outras situações sócio-políticas, o rosto dos migrantes, centro da preocupação do Papa Francisco e motivo de reflexão sobre o acolhimento de uma nova fraternidade universal que possa derrubar muros e construir pontes. É, como aponta as Diretrizes da CNBB de 1999:

Num mundo de reestruturação produtiva e de aceleradas mudanças há que estar atento à grande rotatividade de migrantes em busca de trabalho e moradia. As estruturas pastorais devem adaptar-se aos que vivem na mobilidade forçada e não se enquadram nos limites e esquemas territoriais de paróquias e Dioceses. Igualmente merecem atenção os novos migrantes estrangeiros, em busca de sobrevivência, sobretudo latino-americanos sem documentação, que se encontram em situação de não cidadania e discriminação (CNBB, 1999, p. 128).

Neste conjunto de limites, configura-se uma nova necessidade que bate na porta da Igreja em saída: a inclusão integral e o acolhimento das irmãs e irmãos migrantes e estrangeiros que saem das pequenas cidades rurais, de estados mais pobres e de países em situação de sofrimento, empurrados para as periferias dos grandes centros urbanos, regiões metropolitanas, em busca de emprego, dignidade, oportunidades e esperança de uma vida melhor. É o desafio da mobilidade humana sem limites que exigirá da evangelização urbana das metrópoles a promoção de uma pastoral geradora de atitudes de contato pessoal, dentro deste contexto urbano. O Documento de Aparecida confirma esse dado, apontando como “um dos fenômenos mais importantes em nossos países é o processo de mobilidade humana, em sua dupla expressão de migração e de itinerância em que milhões de pessoas migram ou se vêm forçadas a migrar dentro e fora de seus respectivos países” (DAp, 73).

O processo migratório gera novas relações, num dinamismo dialógico entre culturas, redesenhando um novo rosto, uma nova identidade social, cultural e religiosa. Assim, “o ser humano atual vive marcado pela mobilidade e pelo dinamismo de suas relações. Isso ocasiona a fluidez do território, com fácil deslocamento de um lugar para outro” (CNBB, 2014, p. 28). Essa mobilidade humana é realidade eclesial, em renovação: aquele que se locomove deixa seu espaço vago a ser preenchido e preenche novos espaços, em novos lugares na busca do seu exercício espiritual. O fluxo migratório, portanto, é capaz de formar novas comunidades eclesiais ou de renovar àquelas que estão dispostas a acolher o migrante e o estrangeiro, abrindo mão de uma comunidade que não é mais fixa, fechada e tradicional. Tudo, agora, é posto ao serviço daquele que vem, ficando ou partindo dali.

É necessário ver a realidade a partir da periferia para um bom projeto pastoral que leve em conta esses irmãos abandonados pela cultura do consumo, como partilha Francisco em sua obra “Vamos sonhar juntos”:

Devemos ir às periferias das cidades, se queremos ver o mundo como ele é. Sempre acreditei que o mundo se vê com mais clareza nas periferias, mas, nestes últimos sete anos como Papa, acabei por comprovar minha teoria.

Devemos ir às periferias para encontrar um futuro novo. Quando Deus quis regenerar a Criação, quis ir à periferia: aos lugares de pecado e miséria, de exclusão e sofrimento, de doença e solidão, porque também eram lugares cheios de possibilidades: porque “onde foi grande o pecado, foi bem maior a graça” (Rm 5,20) (Francisco, 2020, pp. 17-18).

Portanto, não é mais possível pensar uma comunidade eclesial como sendo um grupo territorial, com cultura tradicional e identidade fixas. Nas comunidades atuais, o fluxo migratório faz com que seus membros estejam em constante renovação, tendo em vista que, ao se locomoverem, os migrantes procuram se estabelecer em comunidades eclesiais locais para o exercício de sua espiritualidade. Por outro lado, aqueles que deixam sua comunidade de origem em função da mobilidade deixa espaços de atuação e trabalhos a serem realizados.

Uma Igreja sem fronteiras, com um rosto migrante, numa verdadeira fraternidade universal, em seu trabalho evangelizador, somente contemplará uma ação efetivamente acolhedora e dialogal se estiver escutando este novo contexto dos estrangeiros, dos migrantes, da mobilidade humana, dos desalojados, dos refugiados, dos deserdados, das vítimas do tráfico humano, dos estrangeiros, enfim, será ocasião para reconhecer o rosto de Cristo nestes sofredores e testemunhar a força da sua misericórdia e de seu amor pelas grandes chagas da humanidade.

A missão da Igreja, diante da migração, delinear-se-á no ato de suscitar relações de proximidade e meios de inserção integral, a fim de que desperte novas sínteses culturais (cf. *EG*, 210). Entretanto, percebe-se a existência de “um temor e uma rejeição dos imigrantes, legais ou ilegais, que às vezes assume o viés de um racismo que tem sido criticado pela Igreja em várias ocasiões. A questão tende a agravar-se cada vez mais no futuro” (Gutiérrez; Müller, 2014, p. 129).

Em 2018, na mensagem do Dia Mundial do Migrante e Refugiado, o Papa Francisco e ateu nos seguintes verbos: acolher, proteger, promover e integrar os migrantes e refugiados, na intenção de expressar a sua preocupação pessoal e responsabilidade eclesial. Já, em 2020, usando a passagem de Jesus que foi forçado a fugir para o Egito (Mt 2), reforçou o apelo, usando os mesmos verbos. Ou seja, esta realidade sofrida deve reacender o desejo eclesial e social de encontrar caminhos de humanização e acolhida daqueles que estão implorando por vida digna, uma vez que “as pessoas são mais importantes que as coisas - e o valor de cada instituição mede-se pelo modo como trata a vida e a dignidade do ser humano, sobretudo em condições de vulnerabilidade, como no caso dos migrantes” (Francisco, 2017a, *on-line*).

Francisco, em 2020, expõe o seu desejo eclesial, novamente usando os verbos acima, na apresentação de pistas para uma humanidade mais fraterna, dizendo:

Os nossos esforços a favor das pessoas migrantes que chegam podem resumir-se em quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar. Com efeito, não se trata de impor do alto, programas assistenciais, mas de percorrer unidos um caminho através destas quatro ações, para construir cidades e países que, mesmo conservando as respectivas identidades culturais e religiosas, estejam abertos às diferenças e saibam valorizá-las em nome da fraternidade humana (*FT*, 129).

Não é possível um projeto evangelizador que não leve a sério a problemática dos migrantes e refugiados, ou todos aqueles que vivem o dilema da mobilidade humana. A Igreja deverá ser uma luz que dissipa as trevas da cegueira, na denúncia da atual globalização da indiferença, possibilitando a reconstrução da esperança e da alegria de viver em paz de tantos deslocados e fugitivos. Pois, neste projeto de acompanhamento pastoral, há de se pensar numa Igreja em saída que não tenha receio em sair rumo às fronteiras para encontrar os que estão caídos, com fome, com sede, necessitados de abrigo e de cuidado, indicando o bonito sinal de abertura generosa da Igreja e o testemunho de fé neste Deus que não esquece ninguém, nenhum dos seus pequenos e sofredores do mundo contemporâneo (cf. Dantas, 2019, p. 122).

Em sua fala sobre a tendência de governos populistas que se impõem, projetando uma falsa identidade religiosa e se distanciando do Evangelho, Francisco afirma:

O coração do cristianismo é o amor de Deus por todos os povos e o nosso amor pelo próximo, especialmente pelos necessitados. Rejeitar um migrante em dificuldade, seja ele da religião que for, por medo de diluir a cultura “cristã” é uma deturpação grotesco tanto do cristianismo como da cultura. A migração não é uma ameaça para o cristianismo, a não ser na imaginação daqueles que ganham com essa crença. Promover o Evangelho e não acolher o estrangeiro necessitado, ou não afirmar sua humanidade como filho de Deus, é querer fomentar uma cultura que de cristã só tem o nome, esvaziada de todas as suas características (Francisco, 2020, p. 130).

E, dessa forma, a migração, os refugiados, a mobilidade humana, e todas as situações que deslocam as pessoas de suas origens e culturas, fará com que a Igreja sempre recorde e contemple aquela cena em que Jesus de Nazaré dizia: “Eu era estrangeiro e me acolhestes” (Mt 25,35). Não se pode mais pintar os migrantes como uma ameaça e construir muros para dominar e excluir, diante de um Deus próximo aos pobres e pecadores, mostrado por Jesus (cf. Francisco, 2020, p. 135). Consequentemente, é preciso estar presente junto às pessoas que hoje estão nos grandes centros urbanos como presença atuante de cristãos no mundo das cidades, onde Deus já habita e anseia um verdadeiro encontro amoroso.

3.4.2 Uma Igreja da ecologia integral

Além da defesa dos fragilizados, pobres e migrantes, a mística e a profecia da Igreja em saída também será o cultivo de uma cultura que apresente as contradições e contribuições de uma humanidade mais ecológica, que cuide da criação, de forma equilibrada e sustentável, pois “não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia” (LS, 18). Nesse cuidado com o ser humano, na proximidade aos mais necessitados de acolhimento e proteção é que se encontra a relação entre ecologia e antropologia. Pois, entre os necessitados, encontra-se a Terra. É preciso ampliar a compreensão, propondo a ecologia integral como maneira de ler as inter-relações entre todos os seres criados (cf. Novaes, 2021, p. 98). Pois:

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados setores da atividade humana, estão a trabalhar para garantir a proteção da casa que partilhamos. Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo (LS, 13).

O filósofo australiano Peter Singer, em suas obras em torno da ética prática, traz à tona algumas conclusões fatais e visíveis acerca do processo do aquecimento global: a manifestação de furacões e tempestades tropicais além dos trópicos, o aumento considerável do número de doenças, a elevação do nível do mar, dentre outras (cf. Singer, 2004, p. 23). É nesta emergência que a Igreja deverá se envolver numa séria postura acerca de uma pastoral social comprometida com uma ecologia integral e as grandes demandas socioambientais, pois “a humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum” (LS, 13).

A vida do planeta e a qualidade de vida de todas as espécies, insere-se atualmente na pauta eclesial, uma vez que se reconhece a interligação entre fé e vida, Criador e criatura. Até porque as crises ecológicas estão associadas as crises sociais, e, portanto, abordadas em conjunto, as soluções se tornarão mais eficazes e duradoras. Dessa forma, uma Igreja ecológica busca abordar uma prática religiosa que integre as preocupações e ações voltadas à ecologia e a sustentabilidade ambiental, promovendo o cuidado com a criação como uma expressão essencial da sua espiritualidade, como fez São Francisco de Assis.

Giles Lipovetsky, ao falar dos tempos hipermoderno, afirma que a realidade pendular e

paradoxal traz em seu bojo, sinais positivos, pois, apesar da ética pós-moderna ter a característica individualista, *light* e indolor, ainda nutre valores coletivos a partir de novas roupagens como a ecologia, a questão das diversidades, direitos civis das minorias e tantas outras bandeiras levantadas pela sociedade contemporânea (cf. Lipovetsky; Charles, 2020, pp. 39-42). Ou seja, urge respostas eclesiais diante dos desafios ambientais contemporâneos, no sentido de encorajamento à uma mudança para um desenvolvimento mais sustentável, numa proteção do planeta e das gerações presentes e futuras.

Segundo Leonardo Boff, a conversão é inadiável porque a sociedade está cada vez mais imersa num consumismo cego e voraz:

O modelo de sociedade e o sentido de vida que os seres humanos projetaram para si, pelo menos nos últimos 400 anos, estão em crise. E o modelo em termos da lógica do cotidiano era e continua sendo: o importante é acumular grande número de meios de vida, de riqueza material, de bens e serviços a fim de poder desfrutar a curta passagem por este planeta. Para realizar este propósito, nos ajudam a ciência, que conhece os mecanismos da terra, e a técnica, que faz intervenções nela para benefício humano. E isso se fará com a máxima velocidade possível. Portanto, procura-se o máximo de benefício com o mínimo de investimento e no mais curto prazo de tempo possível. O ser humano, nesta prática cultural, se entende como um ser sobre as coisas, dispondo delas a seu bel-prazer, jamais como alguém que está junto com as coisas, como membro de uma comunidade maior, planetária e cósmica. O efeito final, somente agora visível de forma inegável, é este, expresso na frase atribuída a Gandhi: a terra é suficiente para todos, mas não para a voracidade dos consumistas (Boff, 2004, p. 15).

A Igreja tem essa missão de envolver a humanidade numa reflexão sobre as estruturas e sistemas de produção e consumo, como a relação do ser humano com a própria natureza. Uma vez que tudo e todos estão interligados e são interdependentes e corresponsáveis pela casa comum.

Segundo Rogério Gomes, a ecologia integral pode ser um remédio na cura de um mundo extremamente tecnocrático:

Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença ‘não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada’ (cf. *LS*, 225). Portanto, isso tem consequências bastante graves sobre o *modus vivendi* e *operandi* atual, exigindo uma verdadeira conversão no modo de pensar e de agir para que haja a globalização e progresso com um rumo comum, desde uma cultura do encontro, considerando as inovações científicas e tecnológicas correlacionadas à equidade e à inclusão social amplas (*FT*, 29-31) (Gomes, 2021, p. 194).

O planeta, em seus sinais de esgotamento e de transformações naturais, grita por socorro, e, em muitas instituições e grandes corporações, já se percebe uma consciência de que este novo tempo de mudanças climáticas, novos elementos e uma nova postura será necessária para a revisão e a correção de certas práticas do cotidiano das pessoas. Isso fica bem evidente na dinâmica dos atuais discursos da ONU e de algumas ONGs que defendem o meio ambiente, fauna e flora, denunciando grupos exploradores que respiram interesses econômicos e corporativistas do mercado, como setores da tecnologia e das grandes transnacionais, que não estão abertos ao diálogo e à conversão. Estas deveriam inserir novas atitudes que levassem em consideração as situações vulneráveis do hoje e do amanhã, sobretudo a preocupação com o destino do planeta, numa proposta de uma economia global sustentável. Ou se pensa no bem comum, num caminho humanizado dos povos, fazendo do planeta terra uma casa acolhedora para todos, local do bem-viver, ou, o fim será iminente. Uma vez que, “ninguém quer regressar à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade de outro modo, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por um desenfreamento megalômano” (LS, 114).

O Sínodo da Amazônia, em 2019, ao falar sobre a espiritualidade da ecologia integral, traz a noção de pecado ecológico e algumas proposições que poderão iluminar o caminho evangelizador da Igreja em saída:

Propomos definir o pecado ecológico como uma ação ou omissão contra Deus, contra o próximo, a comunidade e o meio ambiente. É um pecado contra as gerações futuras e se manifesta em atos e hábitos de contaminação e destruição da harmonia do ambiente, em transgressões contra os princípios da interdependência e na ruptura das redes de solidariedade entre as criaturas (cf. Catecismo da Igreja Católica, 340-344) e contra a virtude da justiça. Propomos também criar ministérios especiais para o cuidado da “casa comum” e a promoção da ecologia integral em nível paroquial e em cada jurisdição eclesiástica, que tenham como funções, entre outras, o cuidado do território e das águas [...] (Sínodo dos Bispos, 2019, no. 82).

Assim, nesse desafio pastoral e social, a Igreja em saída será um grande apelo à consciência e ao agir eticamente ecológico integral da humanidade, no espírito de recuperar a beleza de um mundo de forma sustentável e cheio de esperança, com atitudes novas diante da visível destruição do planeta, uma vez que “a defesa da terra não tem outra finalidade senão a defesa da vida” (Francisco, 2018, *on-line*). É inadmissível a omissão social diante do cuidado e da proteção com a riqueza e a imensa biodiversidade ambiental do Planeta Terra, e, como Igreja, é inadiável uma nova consciência com a criação de Deus, nascida de um processo de conversão ecológica (cf. LS, 210 e 218). Assim, a ecologia é eixo transversal da missão da

Igreja (cf. Souza; Módena, 2021, p. 152) e, como seres terrestres, pertencentes à Mãe Terra, não se pode mais viver somente à custa dela, a relação deverá ser recíproca (cf. Francisco, 2020, p. 139). Essa preservação da vida será um urgente grito eclesial diante de um sistema global que se tornou ecocida.

Com isso, os avanços significativos dessa proposta de Igreja em saída se darão a partir da sua capacidade de uma nova percepção e responsabilidade com a mais diversas realidades sofredoras, como esta questão ecológica, exigindo o exercício do discernimento e da maturidade de seus membros e líderes. O futuro, segundo Papa Francisco, que somos chamados a construir precisa começar com uma ecologia integral, que leve a sério a deterioração cultural e ética que caminha de mãos dadas com a nossa crise ecológica (cf. Francisco, 2020, p. 43).

É necessária uma consciência da realidade, seja do outro ou do mundo, apresentando o rosto do Evangelho, que convida à esperança, na pessoa de Cristo, ressuscitado e crucificado, num caminho de amor, justiça e paz, sem descuidar da Mãe terra e nem da boa convivência entre as pessoas.

3.5 Uma Igreja inclusiva e cuidadora

Os evangelhos atestam, histórica e teologicamente, a postura de Jesus de Nazaré quanto ao seu modo de viver as relações com as pessoas, sobretudo o seu jeito de ser inclusivo e cuidador, revelando lições atemporais sobre a necessidade de olhar além das diferenças superficiais, acolhendo a diversidade e provocando a igualdade. O seu contato e proximidade com os discriminados e oprimidos pelas estruturas da época não só restaurava a dignidade da vida em sua integralidade social, mas também resgatava o ser humano em sua realidade mais profunda, pois gerava esperança e coragem para assumir um novo jeito de viver. O seu ministério foi inclusivo.

Esses momentos compartilhados pelo Mestre refletem o eixo essencial da mensagem cristã que destacam a importância da inclusão social e do cuidado em mundo cada vez mais diversificado, contrastante, preconceituoso e “alterofóbico”. É este outro desafio da Igreja em saída. Desafio este que provocará uma desinstalação religiosa no itinerário cristão, para que nutram novas relações ou novos laços no desejo de superação de muitos males arraigados na sociedade, salientando que a força da inclusão já é sinal de um mundo mais compassivo, aberto e acolhedor.

Segundo Francisco:

Duas lógicas percorrem toda a história da Igreja: marginalizar e reintegrar. (...) O caminho da Igreja, desde o Concílio de Jerusalém em diante, é sempre o de Jesus: o caminho da misericórdia e da integração. (...) O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero (...). Porque a caridade verdadeira é sempre imerecida, incondicional e gratuita. Por isso, é preciso evitar juízos que não levem em consideração a complexidade das diversas situações e é necessário prestar atenção ao modo como as pessoas vivem e sofrem por causa da sua condição. Trata-se de integrar a todos (AL, 296-297).

Não será possível chegar a uma solução mais plausível à uma evangelização eficaz e positiva sem a conversão religiosa, fazendo com que as relações sejam mais saudáveis e adaptadas ao sonho de um novo contexto que seja decolonial, antirracista e, de respeito e igualdade de gênero. É urgente apontar caminhos para uma Igreja em saída à semelhança do seu fundador, fomentando uma cultura não-violenta de acolhida e cuidado, na identificação e no combate a qualquer estrutura de poder que gere desigualdades e opressão. E, quando a violência nasce dos mais vulneráveis, Papa Francisco acena:

Muitas vezes, os últimos da sociedade foram ofendidos com generalizações injustas. Se às vezes os mais pobres e os descartados reagem com atitudes que parecem antissociais, é importante compreender que, em muitos casos, tais reações têm a ver com uma história de desprezo e falta de inclusão social. Como ensinam os bispos latino-americanos, só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres (FT, 234).

A interpretação inclusiva dos ensinamentos e discursos religiosos e a renovação eclesial em seu modo de pensar, são sinais de que o enfrentamento aos novos desafios já é realidade para a construção de uma sociedade mais justa, menos violenta, criando um ambiente mais libertador e integrador, fazendo do cristianismo uma força fundamental na luta contra a violência que mata e cancela o outro. Até porque, este “cristianismo está em busca de um novo lar e de novas formas de expressão em uma sociedade pluralista pós-moderna e pós-secular” (Halík, 2023, p. 156).

Uma vida cristã autêntica com o espírito de inclusão jesuânica deve garantir o compromisso e a coerência com vida das pessoas mais vulneráveis e desprezadas da sociedade, exigências de uma evangelização contemporânea. Ao contrário, a Igreja em saída pode ser tornar intimista, verticalista, patriarcal, racista, homofóbica, xenofóbica ou distante da realidade que grita por vida, justiça e cuidados. E, “hoje, há cada vez mais feridos. A inclusão ou exclusão da pessoa que sofre na margem da estrada define todos os projetos económicos, políticos,

sociais e religiosos. Dia a dia enfrentamos a opção de ser bons samaritanos ou viandantes indiferentes que passam ao largo” (*FT*, 69).

Hans Küng, ao falar da força fundamental das religiões em suas práticas solidárias em direção aos desfavorecidos, afirma:

O que aconteceria para o mundo de amanhã se os líderes religiosos de todas as grandes e também das pequenas religiões hoje se pronunciassem decididamente em favor da responsabilidade pela paz, pelo amor ao próximo, pela não violência, pela reconciliação e pelo perdão? Se em vez de ajudar a provocar conflitos, elas se engajassem na sua solução? E isso de Washington a Moscou, de Jerusalém a Meca, de Belfast a Teerã, de Amitsar a Kuala Lumpur! Todas as religiões do mundo devem hoje reconhecer a sua co-responsabilidade pela paz mundial. Por isso, deve-se repetir sempre de novo a tese, para a qual eu tenho encontrado em todo o mundo apoio cada vez maior: não haverá paz entre as nações sem uma paz entre as religiões. Repetindo: sem paz entre as religiões não haverá paz no mundo! (Küng, 2001, pp. 126-127).

Em Francisco, a inclusão social e o cuidado com os mais pobres e vulneráveis da sociedade se tornam um dever de cada cristão e de cada comunidade, portanto, é evangelização que exige mudança de estruturas sociais e eclesiais, em atenção a este clamor (cf. *EG*, 187-188). É nesta postura renovadora que a Igreja, numa disposição pastoral e inclusiva, que será capaz de estar aberta para acolher, acompanhar e discernir as realidades, sobretudo em suas respectivas fragilidades.

Assim, a evangelização contemporânea relevante e próxima das pessoas se dará somente quando impulsionar uma cultura que promova o diálogo e o encontro, numa globalização da esperança e da inclusão social, trilhando aquele humanismo jesuânico solidário, construindo um mundo diferente e uma Igreja mais encarnada, na audácia profética de condenar a cultura do descarte e da insensibilidade social. A Igreja “só pode ser Igreja de Deus, se for Igreja para os outros” (Gutiérrez; Müller, 2014, p. 102). É o tempo eclesial crucial de um real processo de inclusão e diálogo fraterno, principalmente em tempos de intolerância, violência, ódio e crise.

3.6 Igreja, escola de humanização.

A questão central da Igreja em saída, diante dos apelos e desafios levantados pelos documentos e discursos do Papa Francisco, é a maneira de olhar o ser humano como aprendiz numa escola de humanização, assumindo a função de ponte de ligação entre o resgate do

evangelho de Jesus Cristo e a leitura dos sinais dos tempos, através da sabedoria do discernimento. Ela, assim, estará a serviço da fraternidade no mundo, partindo do reconhecimento do valor de cada pessoa humana, na defesa da justiça e do bem comum. E, “só podemos falar de humanismo a partir da centralidade de Jesus, descobrindo n’Ele os traços do autêntico rosto do homem” (Francisco, 2015, *on-line*).

A Igreja, como escola de vida e sabedoria, poderá transformar qualquer comunidade num espaço de oração e estudo, oferecendo diferentes métodos para superar o egoísmo, para refinar os instintos (especialmente o instinto de agressão) e para ensinar a arte da convivência justa e pacífica em sociedade (cf. Halík, 2023, p. 288).

O processo de humanização parte de uma Igreja que se compreenda como próxima da realidade humana e aberta a todas às novas situações sociais e culturais, que possam oportunamente revelar a misericórdia de Deus, como elemento fundamental no acolhimento das pessoas. Uma vez que, Jesus é o ápice da humanização de Deus, pois “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), a evangelização deveria ser este serviço humanizado como projeto do mandamento jesuânico: “este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (Jo 15, 12-13). “Nas carnes concretas se faz presente o Verbo encarnado que nos chama à sensibilidade e à solidariedade” (Passos, 2018a, p. 7). É, portanto, uma Igreja capaz de ser solidária com as fraquezas humanas, como diz Francisco, por ser humana, cheia de falhas:

Jesus não fundou a Igreja como uma cidadela de puros nem como um desfile constante de heróis e santos, embora, graças a Deus, eles existam em grande número. É algo muito mais dinâmico: uma escola de conversão, um lugar de combate espiritual e de discernimento, onde há abundantes graças, mas também pecados e tentações. Como seus membros, a Igreja pode ser um instrumento da misericórdia de Deus, porque ela precisa dessa misericórdia. Por isso, nenhum de nós deveria rejeitar outras pessoas por conta de seus pecados e falhas, mas ajudá-las a se tornarem o que Deus deseja para elas. Os seguidores de Cristo deveriam amar e escutar a Igreja, edificá-la e responsabilizar-se por ela, com seus pecados e falhas. Em momentos em que a Igreja se mostra fraca e pecadora, é nosso papel ajudá-la a se reerguer; não a condenemos ou desdenhemos dela, mas cuidemos, como cuidamos da nossa própria mãe (Francisco, 2020, p. 81).

Ao apresentar o tema “Educar ao Humanismo Solidário para Construir uma ‘Civilização do Amor’”, que pode ser conferida no documento da Congregação para a Educação Católica, na comemoração dos 50 anos da *Populorum Progressio*, em 2017, a Igreja lança essa proposta que estimula o processo do humanismo solidário, onde Deus é o centro da existência humana e

Jesus, a certeza da esperança:

Exprime os objetivos da Igreja em saída, que ‘encurta as distâncias, abaixa-se - se for necessário - até à humilhação [...], acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam’. Os conteúdos deste humanismo solidário precisam ser vividos e testemunhados, formulados e transmitidos num mundo assinalado por múltiplas diferenças culturais, atravessado por visões heterogêneas do bem e da vida, e caracterizado pela convivência de diferentes crenças (Congregação para a Educação Católica, 2017, *on-line*).

O processo de humanização gera ser humanos solidários, revestidos do espírito da convivência, da partilha, da promoção da dignidade de todos. A solidariedade fixa sempre um rosto de alguém, que é o outro, meu semelhante e irmão, despertando sentimentos de proximidade para com ele. Como dia Leonardo Boff:

É concretamente um rosto com olhar e fisionomia. O rosto do outro torna impossível a indiferença. O rosto e o olhar lançam sempre uma proposta em busca de uma resposta. Nasce assim a responsabilidade diante do rosto do outro, particularmente do mais outro que é o oprimido. É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou de cooperação (Boff, 2003, p. 75).

A Igreja em saída, ao ser essa escola, e talvez, uma potência de humanização, não deixará de evidenciar os sinais de desumanização: a supervalorização do indivíduo, o racismo sócio estrutural, o discurso midiático do ódio, a globalização da indiferença, o armamentismo crescente, o nacionalismo destrutivo, a violência, o mercado competitivo, a pobreza, o desemprego, a negação dos direitos básicos, o colapso ambiental, o desprezo pela diversidade, a negação da miséria humana, dentre tantos outros sinais que, exigirão um compromisso para uma efetiva educação à um novo humanismo, cessando o aprofundamento destes sinais e uma superação dos mesmos.

Segundo Miranda, objetivamente, a sociedade aspira salvação e libertação das mais variadas situações desumanas:

A atual sociedade se revela profundamente necessitada de salvação. Nela já estão patentes as estruturas injustas que a organizam, a ganância dos que detêm o poder político e econômico, a divisão dos seres humanos entre oprimidos e opressores, a concentração crescente de capital com o consequente aumento da miséria, a ênfase no consumo, na eficácia, na produção à custa de valores humanos superiores, a marginalização de enormes faixas da população que não participam dos benefícios do progresso apesar de serem as mais exigidas por ele. Há um anseio por libertar-se dessas condições

desumanas de vida, presente em todas as regiões do planeta, variando apenas a consciência crítica sobre as causas que as produziram e as mantêm (Miranda, 2009, p. 126).

A evangelização poderá ser um sinal de esperança à humanidade em que, na construção de pessoas mais humanizadas e humanizantes, todos possam ter seu espaço e lugar, os iguais e os diferentes:

A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro. Feitos para o amor, existe em cada um de nós “uma espécie de lei de “êxtase”: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser”. Por isso, “o homem deve conseguir um dia partir de si mesmo, deixar de procurar apoio em si mesmo, deixar-se levar” (FT, 88).

Fazer da Igreja uma escola de humanização é uma escolha a ser acolhida na perspectiva da evangelização, na fidelidade a Cristo que optou pelo atendimento e serviço humanizado aos mais pequenos, pobres e pecadores de sua época. E, também, manter-se atento para não ceder, como atesta a história humana, ao aparecimento de correntes que promovem e geram indiferentismo, ateísmo e relativização de valores do Evangelho. É, portanto, tempo de escolher entre pessoas ou paredes; modelo ritual sacrificial ou da misericórdia e do cuidado; triunfo dos mais fortes ou dos mais pobres e fracos; cultura da inclusão ou do descarte (cf. Francisco, 2020, p. 128).

Em direção à Igreja Italiana, Papa Francisco revela seu desejo de uma Igreja em saída com humanismo regenerador da fé e da vida das pessoas:

Desejo uma Igreja feliz com um rosto de mãe, que compreende, acompanha, acaricia. Sonhai também vós esta Igreja, acreditai nela, inovai com liberdade. O humanismo cristão que sois chamados a viver afirma radicalmente a dignidade de cada pessoa como Filho de Deus, estabelece entre todos os seres humanos uma fraternidade fundamental, ensina a compreender o trabalho, a habitar a criação como casa comum, fornece razões para a alegria e o humorismo, também no meio de uma vida muitas vezes deveras dura (Francisco, 2015, *on-line*).

Os evangelizadores missionários, no espírito do discipulado e da misericórdia cristã (cf. Manzatto, 2019, p. 47), jamais deverão esquecer que o espaço da humanidade desfigurada é o lugar incontornável da presença dos comunicadores da boa nova que trouxe Jesus de Nazaré. A evangelização consistirá em construir a “cultura da solidariedade” que leva a ver no outro “um irmão”, como bem sublinhou Francisco, em 25/07/2013, na fala aos moradores da Comunidade de Varginha, no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro: “a cultura da solidariedade

é ver no outro não um concorrente ou um número, mas um irmão. E todos nós somos irmãos!” (Francisco, 2013d, *on-line*).

3.6.1 Igreja do discernimento

Uma Igreja que seja lugar para todos, deve sempre, em espírito de discernimento, tornar-se um oásis, voltada à inclusão, à diversidade, às migrações, aos gritos dos vulneráveis, à Mãe Terra, às situações periféricas e excluídas, comunicando alegremente a cristalina mensagem dos ensinamentos da Boa Nova de Jesus, o Nazareno. Esse novo caminho só é possível mediante um “processo de discernimento, purificação e reforma” (EG, 30). “O discernimento não é uma autoanálise presuntuosa, uma introspecção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos” (GE, 175).

Para além da realidade paroquial, a Igreja passa por transformações pastorais em sua prática da fé cristã, compreendendo e se ajustando aos tempos atuais. Discernir é um ato dinâmico que poderá revitalizar a mensagem evangélica para o século XXI, diante de uma pluralidade de vozes que podem ofuscar e confundir aquilo que é essencial e plausível pra o sentido de vida. Esse “discernir” é o ensinamento que indica e ilumina o caminho do bem, ou seja, é aprender a examinar o que há dentro do ser humano, mas também o que há fora, com o intuito de perscrutar os sinais dos tempos, a fim de compreender, escolher e decidir (cf. GE, 168). Segundo Papa Francisco:

O discernimento apresenta-se como um exercício de inteligência, também de perícia e inclusive de vontade, para reconhecer o momento favorável: são estas as condições para fazer uma boa escolha. É preciso inteligência, perícia e também vontade para fazer uma boa escolha. E há ainda um custo necessário para que o discernimento se torne viável (Francisco, 2022a, *on-line*).

Uma Igreja do discernimento pode ser comparado a uma escola de formação da maturidade humana, preparando pessoas com autonomia moral, para que façam boas escolhas, de forma livre e comprometida com a dinâmica do Evangelho e do Reino de Deus. Como diz Francisco: “somos chamados a formar consciências, e não a substituí-las” (AL, 37). É a educação para a cultura do encontro, para enxergar o rosto do outro, na emergência de criar espaços de comunhão e acolhida (cf. EG, 73). É a Igreja inserida no tempo da cultura de proximidade e fraternidade, num movimento em direção a toda e qualquer forma de periferia.

A normalização do ódio faz com que o ser humano, aparentemente, viva um tempo sem

limites e respeito. Um tempo irreflexivo. Neste sentido, a catequese para o discernimento pode ajudá-lo na superação desta lógica da violência, e, se estiver intimamente ligada a ética, a responsabilidade social e a luta pela inclusão das minorias, apontar-se-á à um novo humanismo e, possivelmente, à uma revitalização do cristianismo.

Uma evangelização que preza pelo discernimento, portanto, na atitude de escuta e reconciliação, é capaz de transformar a evangelização com o estilo sinodal, na participação, comunhão e missão de todos. É necessário um horizonte eclesial com mais discernimento dos sinais dos tempos, até porque “ideias são discutidas, mas a realidade é discernida” (Francisco, 2020, p. 62). É uma Igreja que evangeliza com Espírito infundido em todos os batizados, portanto, com a força do Evangelho, no impulso pentecostal que renova a realidade e transcende as expectativas, a imaginação e os projetos humanos (cf. *LG*, 12), pois é:

Necessário que a nossa pastoral faça as pessoas mudar de nível de pensamento: do mais simples para o mais complexo, do mais preconceituoso para o menos preconceituoso, do mais egoísta para o mais altruísta, do mais individual para o mais coletivo, etc. Numa caminhada crescente e progressiva. Assim, estaremos fazendo que as pessoas e os grupos se desenvolvam e se tornem humanos. Porque ninguém nasce humano, mas se faz humano. E quanto mais humano, mais perto de Deus (Dalla-Déa, s/d, *on-line*).

Para João Décio Passos, pode-se seguir o autêntico método bergogliano, neste caminho de uma Igreja do discernimento, afirmando “a convicção de que a sua aplicação pode ser um verdadeiro caminho para a paz dentro de cada nação e no mundo inteiro” (cf. Passos, 2018a, p. 56). Este método se baseia em quatro critérios presentes na *Evangelli Gaudium*, nos números 221 a 237: o tempo é superior ao espaço, a unidade prevalece sobre o conflito, a realidade é mais importante do que a ideia, o todo é superior à parte (cf. Passos, 2018a, p. 57-58). A evangelização poderá, assim, ser mais sensível, paciente, aberta, fundamentada e compreensiva, superando tendências, ideologias, tensões e contravalores.

No processo de discernimento, articula-se a dinâmica de reconhecer a realidade, interpretá-la pelo olhar da fé e, escolher concretamente os passos a seguir, como decisão discernida (cf. *EG*, 51). Francisco, afirma que discernir é:

Resistir à tentação de alcançar um falso alívio com uma decisão imediata e, em vez disso, estar disposto a apresentar ao Senhor, com humildade, diversas opções, esperando esse “transbordamento”. Você vai atrás dos prós e dos contras, sabendo que Jesus está com você e para você. Sente dentro de si o suave convite do Espírito e do seu oposto. E com o tempo, em oração e com paciência, em diálogo com os outros, chega a uma solução, que não é um meio-termo, mas algo totalmente diferente (Francisco, 2020, p. 28).

O mundo e a cultura contemporânea diante do retorno da atual força do sagrado, como houve na Idade Média, impulsionam um discernimento eclesial decisivo em sua atuação evangelizadora. A eficaz pastoral depende de um sério e profundo discernimento que não significa nem aceitação, nem adequação e nem rejeição da realidade. Sem discernimento pastoral, a Igreja pode perder sua plausibilidade, pois corre o risco de assumir uma estratégia suicida do autoritarismo, do fanatismo e do conservadorismo, ou, por outro lado, um secularismo destrutivo. Certamente, que o atual “fanatismo militante tende a ser a máscara favorita para a incredulidade” (Halík, 2023, p. 36). É diante deste contexto que se faz necessário o discernimento, pois é um cenário que expõe “uma pobreza de interioridade, uma crescente dificuldade a parar, a refletir, a escutar, e escutar-se” (IL, 2020, p. 8).

O discernimento faz a Igreja em saída assumir o seu papel importante e necessário numa sociedade que se caracteriza pela irreflexão e a insensibilidade social, ao provocar um novo jeito de ser e viver a fé, através da partilha, da oração, do diálogo e da sinodalidade. Isso, traz um novo clima na Igreja, favorecendo um momento de atualização em seu modo de pregar e viver o Evangelho. Adverte Brighenti: “por falta de um discernimento mais analítico e sereno, a Igreja resolutamente se colocou à margem da modernidade” (Brighenti, 2014, p. 17).

No encontro com o mundo e cultura contemporânea, a Igreja se torna o lugar do discernimento, preparada para fazer a leitura da realidade no sentido de encará-la, sobretudo na distinção de que nem tudo é válido e bom. É necessário, para tanto, discernir e interpretar os sinais dos tempos, como itinerário metodológico eclesial em momentos de crise nas mudanças de paradigma social e cultural (cf. Halík, 2023, pp. 38-39). A cultura do discernimento desembocará no cuidado pastoral evangelizador, alimentando a esperança de um novo tempo eclesial, que nasce a partir da vida concreta das pessoas.

Conclusão

Como se pode observar, os apelos e desafios eclesiais de uma Igreja em saída, na emergente e oportuna crise da instituição e dos modelos pastorais, podem despertar a força restauradora capaz de transformar a comunidade eclesial, entorpecida e fragmentada, em Igreja próxima da realidade das pessoas, como farol que conduz a humanidade no equilíbrio e no valor de cada ser humano. Neste sentido, é o sonho de uma Igreja que sabe criar espaço seguro de verdade que cura e liberta (cf. Halík, 2023, p. 307).

A Igreja do futuro, segundo Tomas Halík, será desafiada a ser um lar comum para as

novas formas e aspectos de religiosidade, pois:

Para além do diálogo entre a Igreja e o mundo secular exigido pelo Concílio Vaticano II, existe uma necessidade de diálogo entre diferentes tipos psicológicos de fé dentro do cristianismo: entre a fé como caminho e a fé como certeza, entre a Igreja como comunidade de peregrinos e a Igreja como casa, entre a Igreja como comunidade de memória e narrativa e a Igreja como hospital de campanha (Halík, 2023, p. 157).

Numa Igreja dos conflitos, dos marginalizados, dos pobres, dos migrantes, da casa comum, da inclusão e do cuidado, nasce a resistência diante da tentação de conceber uma Igreja e a religião em um gueto, em um *bunker* fechado e fortificado, em um mausoléu de certezas de ontem ou em um jardim privado para os usuários de drogas calmante e soporíferas (cf. Halík, 2023, p. 56). Neste sentido, “crer não é, portanto, conceber algo fixo e acabado que se nos apresenta e que compreendemos - é viver a experiência pessoal da existência” (Guardini, 1957, p. 68). É um desejo de uma Igreja em que:

As pessoas sintam como “amigas de pecadores”. Uma Igreja que busca os “perdidos”, descuidando talvez outros aspectos que podem parecer mais importantes. Uma Igreja onde a mulher ocupe o lugar que Jesus realmente quis para ela. Uma Igreja preocupada com a felicidade das pessoas, que acolhe, escuta e acompanha todos os que sofrem. [...] Uma Igreja de coração grande [...] (Pagola, 2014, p. 571).

É um chamado a um novo aprendizado que leva à um novo humanismo, que a Igreja em saída pode apontar neste mundo, inspirando uma nova formação ética ao discipulado de Cristo, na cultura do discernimento e na escuta da realidade. É chegado o momento em que a força da Igreja será um impulso para um espírito harmônico do respeito mútuo, da comunicação do sentido de vida e do compartilhamento de valores humanos, sendo apoio e renascimento à uma fé mais viva, eficaz e relevante.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspirada nos sonhos conciliares, a pesquisa teológica quis valorizar e apresentar a proposta evangelizadora de uma Igreja em saída, sonhada pelo Papa Francisco como eixo renovador da vida eclesial diante dos desafios apresentados pela cultura contemporânea. Sobretudo, apontou fenômenos da realidade que exigirão respostas pertinentes e relevantes da evangelização do século XXI, tendo em vista uma escolha fundamental: fiéis cada vez mais ministeriais, sujeitos da missão para uma igreja sinodal. Nesse sentido é que interrogamos com o pensador Thomas Halík: “quando finalmente ocorrerá uma mudança em nossa Igreja, deixando para trás o ‘catolicismo sem cristianismo’ e a justiça sem misericórdia, em direção à ‘nova leitura do Evangelho’?” (Halík, 2023, p. 305).

Partindo da expressão Igreja em saída, como momento *kairótico* da reforma eclesial, numa reflexão sobre os desafios da cultura hodierna, o presente trabalho procurou refletir sobre uma mensagem ou posição da Igreja [conduzida pelo Papa Francisco] ao mundo hodierno que sofre tantas e aceleradas mudanças. Ele nos faz ver que se faz necessário o processo do diálogo, e de uma cultura do encontro, pois se o mundo mudou, a visão eclesial pode mudar, tendo como instrumento o uso do método conciliar, ou seja, da postura que retoma uma volta às fontes e uma sensibilidade para com a realidade (cf. Passos, 2018a, p. 47). “Nós mudamos, a Igreja muda, a História muda, quando começamos a querer mudar - não os outros, mas a nós mesmos, fazendo da nossa vida um dom” (Francisco, 2019a, *on-line*).

É tardia, mas se exige uma resposta corajosa eclesial que assuma a atitude de sair, ousar, envolver-se, rebaixar-se e a celebrar (cf. EG, 24). Ou como afirma o cardeal Tolentino, em sua homilia sobre a atual evangelização, inspirado em Maria de Nazaré, pede uma real velocidade missionária (cf. Sé, 2024, *on-line*). A proposta de Francisco é reformadora e se faz necessária e emergente, num mundo que precisa de um novo vigor, de um novo horizonte, de um novo sentido e de um novo encontro. É urgente fazermos da Igreja um caminho que favoreça o encontro de realidades: onde o fraco se torna forte, onde o perdido é encontrado e o que é considerado morto, volte a viver. Consequentemente, “pertencer à Igreja é comprometer-se com um mundo mais justo” (Pagola, 2014, p. 569). É dizer ao mundo, marcado por tantas descrenças e desesperanças, injustiças e dores, que ainda se pode viver a partilha e a comunhão em tantas carências humanas.

Nesse sentido, na eclesiologia evidenciada pelo pensador Thomas Halík, apresenta-se a ideia de Igreja como lugar de encontro e conversa, como ministério de acompanhamento e reconciliação, fala-se da concepção da Igreja do caminho:

Antes de receberem o nome de cristãos em Antioquia, os discípulos de Jesus eram conhecidos como o ‘povo do caminho’. Hoje, no limiar entardecer do cristianismo, a Igreja deve voltar a ser comunidade do caminho, desenvolvendo o caráter peregrino da fé a fim de cruzar esse novo limiar (Halík, 2023, p. 297).

Vale lembrar que a alegria e a novidade do Evangelho, são as bases que sustentarão todo aquele que busca respostas e luzes na vida da comunidade eclesial, pois, encontrarão nelas, o amor verdadeiro que é capaz de transformar as realidades e impulsionar a novas atitudes. É o transformar e o florescer de um mundo novo, trazido pelo Cristo que ressuscitou e que penetrou na trama da história humana (cf. *EG*, 278). Que haja uma Igreja que saia para não mais retornar naquilo que estava, pois já se passou o tempo de optar decididamente pelas opções de Jesus, ou seja, as periferias da humanidade. Um modelo de Igreja autocentrada está esgotado e, em curso, cristaliza-se à frente da Igreja em saída (cf. Passos, 2018, p. 73). E, neste sentido se faz mister entrar numa dinâmica de conversão dos desejos e intenções eclesiais. Somente assim, a evangelização se dará em direção à memória da vida e ensinamentos de Jesus. Vida que foi testemunhada pelos seus discípulos no caminhar tortuoso da história, como referência pedagógica e mistagógica para uma nova prática pastoral e eclesial.

A partir disso, pode-se concluir que essa proposta de Igreja em saída se consolidará somente numa real conversão processual e numa formação de verdadeiros sujeitos eclesiais, gerando força para evangelizadores mais livres e responsáveis. Sem uma real conversão das estruturas sistêmicas do mundo e das pessoas, as profundas crises da desigualdade social e ecológica não serão resolvidas. E, num caminho de amadurecimento, ter a coragem de romper com modelos clericais no interior da Igreja, com o sonho de viver novas relações de comunhão sem dominação: isso se faz no sinuoso processo de sinodalidade que se reaprende a partir do presente momento da história. É uma Igreja que terá a capacidade de assumir responsabilidades na cultura e na sociedade contemporânea, em direção à construção de uma fraternidade humana com pretensões de universalidade, numa opção clara pelos fragilizados e pobres, migrantes e refugiados, no cuidado com a ecologia integral. E, à luz do Evangelho, como fonte e caminho integrador, ser comunidade inclusiva, cuidadora e aberta ao mundo e ao outro, lugar da misericórdia gratuita de Deus (cf. *EG*, 114).

Poderíamos dizer que, a Igreja em saída, atenta aos desafios dos novos tempos revelados na cultura contemporânea que vive este tempo de encruzilhadas, acelerado de mudanças profundas, é um projeto evangelizador ligado ao serviço à vida, à salvação, à promoção humana, capacitadas a construir uma globalização da solidariedade, no esforço em favor da

vida digna para todos, através da partilha, do bem comum, da natureza cuidada e preservada, etc.

Ao mesmo tempo, como profecia e consciência das relações integrais, a missão eclesial acenará para as agressões à vida: a degradação da natureza (desmatamento, agronegócio tóxico, lixo, gastos de água, poluição do ar, mudanças climáticas e espoliação dos recursos naturais); a exclusão social; as estruturas de morte (leis, instituições, tradições promotoras de morte); a idolatria (abandono de Deus e apego às coisas); a falta de sentido (vazio da vida, desejo de morte, depressão, doenças neuronais); o individualismo (a cultura do espelho, o voltar-se para si e o esquecimento dos outros); o subjetivismo; o consumismo; a cultura da morte (violência, drogas, aborto, terrorismo, eutanásia).

Entendemos que os desafios e apelos eclesiais da evangelização deverão, portanto, seguir o caminho de uma pastoral missionária mais relevante se for:

Dialogal, acolhedora, experiencial, sinodal, colegiada, fronteiriça, humana/humanizadora/humanizante, de busca e encontro de sentidos, de esperanças, provocadora de protagonismo laical, de espiritualidade encarnada, da místicas de olhos abertos e pés nas realidades, da corresponsabilidade socioambiental, da cidadania e da transformação social, comprometida com os mais vulneráveis e empobrecidos, solidária, espaço das partilhas e debates, do pensamento crítico, do projeto de vida pessoal e comunitário, do silêncio e da meditação, das transversalidade, da interculturalidade, das artes e das culturas, da comunhão dos saberes e das religiosidades e não religiosidades, da pluralidade, da diversidade, da formação humana integral, da economia de Francisco e Clara, da ecologia integral, do diálogo inter-religioso e ecumênico, da cultura do encontro, das rodas de conversas, da escuta, da construção coletiva, da educação inclusiva, da fraternidade e da amizade social, lugar de portas e janelas abertas, de pessoas comprometidas com a construção de um mundo mais justo, mais livre, mais tolerante e mais fraterno (Agnoli, 2023, p. 1175).

Vale ressaltar que essa eclesiologia missionária cunhada por Francisco não se dará por acabada ou fechada em si mesmo, uma vez que a Igreja está dentro de uma história que vive contínuas mudanças do mundo, na dinâmica do diálogo do ensino e da aprendizagem. Não há mais receita pronta e finalizada aos novos problemas e desafios. Tudo muda: perguntas e respostas, com a perspectivas de abertura e atualização. Urge, para tanto, a necessidade de uma nova antropologia integral que leve em consideração o tempo em constante mudança. Nesse sentido, a pastoral evangelizadora estará sujeita à hermenêutica acerca deste ser humano, que, por natureza, é relação, abertura ao outro e a Deus.

Neste sentido, afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

A verdade é que os desequilíbrios sob os quais o mundo moderno trabalha estão ligados àquele desequilíbrio mais básico que está enraizado no coração do homem. Pois no próprio homem muitos elementos lutam entre si. Assim, por um lado, como criatura, ele experimenta suas limitações de várias maneiras; por outro, ele se sente ilimitado em seus desejos e convocado para uma vida superior. Puxado por atrações múltiplas, ele é constantemente forçado a escolher entre elas e renunciar a algumas. De fato, como um ser fraco e pecador, ele frequentemente faz o que não faria e deixa de fazer o que faria. Portanto, ele sofre de divisões internas, e delas fluem tantas e tão grandes discórdias na sociedade. Sem dúvida, muitos cujas vidas estão infectadas com um materialismo prático são cegados contra qualquer percepção aguda desse tipo de situação dramática; ou então, sobrecarregados pela infelicidade, são impedidos de pensar no assunto. Pensando que encontraram serenidade em uma interpretação da realidade em todos os lugares proposta atualmente, muitos anseiam por uma emancipação genuína e total da humanidade forjada unicamente pelo esforço humano; eles estão convencidos de que o futuro governo do homem sobre a terra satisfará todos os desejos de seu coração. Nem faltam homens que se desesperam de qualquer significado para a vida e louvam a ousadia daqueles que pensam que a existência humana é desprovida de qualquer significado inerente e se esforçam para conferir um significado total a ela apenas por sua própria engenhosidade (GS, 10).

Assim, na capacidade de oferecer respostas credíveis, convincentes, competentes e compreensíveis, sem rejeições, indiferenças, formalidades e superficialidades eclesiais, uma Igreja em saída ou uma Igreja do *aggiornamento* está em curso, fiel ao seu Idealizador, vivendo o princípio do novo humanismo solidário, no estímulo do nascimento de comunidades eclesiais mais humanas e humanizadoras, atentas à realidade, aos sinais dos tempos e aos seus desafios, acompanhando os sofrimentos e às dores dos vulneráveis da sociedade, geralmente, marginalizados do convívio social. Em suma, o Espírito Santo e Nossa Senhora que sempre ajudaram a Igreja no processo de evangelização, estarão sempre vindo ao nosso socorro, a fim de que possamos crescer na percepção daquilo que significa a proposta de uma Igreja em saída hoje. Desse modo, os desafios a ela inerente, que reivindica uma genuína evangelização em face à sociedade pluralista do presente, serão vividos na fé, na esperança, alegria e caridade.

REFERÊNCIAS

Documentos do Magistério

CNBB. **Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia**. Documento no. 100. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 1999-2002**. Documento no. 61. São Paulo: Paulinas, 1999.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2013**. Brasília: CNBB, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar ao humanismo solidário: para construir uma “civilização do amor” (16/04/2017)**. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html. Acesso em: 08 abr. 2024.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

DECRETO *Apostolicam Actuositatem*: sobre o apostolado dos leigos. In: **Concílio Vaticano II**, 1962-1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html#. Acesso em: 13 mar. 2023.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Dei Verbum*: sobre a revelação divina; Constituição dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja; Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje; Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1997.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 15 jul. 2024.

SÍNODO DOS BISPOS. **Assembleia Especial para a Região Pan-Amazônica. Documento Final Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral (2019)**. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>. Acesso em: 28 mai. 2023.

Documentos e Cartas papais

BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25/12/2005)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 12 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Sobre fraternidade e a amizade social.** São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. Sobre o amor na Família.** São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Christus Vivit* - para os jovens e para todo o povo de Deus.** São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho.** Brasília: CNBB, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*. Sobre o chamado à santidade no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Querida Amazônia*. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade.** São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. ***Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum.** São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

Homilias e Discursos papais

FRANCISCO, Papa. ***Angelus* (15/10/2017).** Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20171015.html. Acesso em: 17 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. ***Angelus* (11/11/2019).** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20191110.html. Acesso em: 17 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral (06/09/2023).** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20230906-udienza-generale.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral (25/05/2022).** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20220525-udienza-generale.html>. Acesso em: 19 mai. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral (31/08/2022a).** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2022/documents/20221019-udienza-generale.html>. Acesso em 20 abr. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Bênção Apostólica “*Urbi et orbi*” (13/03/2013c).** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papafrancesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 29 abr. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso à Comunidade de Varginha – Manguinhos/RJ (25/07/2013d).** Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130725_gmg-comunita-varginha.html. Acesso em: 15 mai. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso à Delegação Ecumênica da Igreja Luterana da Finlândia, por ocasião da Festa de Santo Henrique (18/01/2016)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/january/documents/papafrancesco_20160118_delegazione-luterana-finlandia.html. Acesso em: 16 mar. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso aos participantes do Congresso Internacional de Pastoral das Grandes cidades (27/11/2014)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html >. Acesso em: 18 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização (14/10/2013)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131014_plenaria-consiglio-nuova-evangelizzazione.html >. Acesso em: 18 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do santo padre Papa Francisco do V Congresso da Igreja Italiana – Visita Pastoral a Prato e Florença (10/11/2015)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html>. Acesso em: 13 mai. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Encontro com os povos da Amazônia (19/01/2018)**. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazzonia.html, 2018. Acesso em: 16 fev. 2019.

FRANCISCO, Papa. **Homilia (21/04/2020a)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco_cotidie_20200421_lospirito-maestro-dellarmonia.html. Acesso em: 18 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Homilia aos cardeais na Capela Sistina (14.03.2013a)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130314_omelia-cardinali.html. Acesso em: 14 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Homilia em Lampedusa (08/07/2013b)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papafrancesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 04 abr. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Homilia na Solenidade de Pentecostes (23/05/2021)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210523_omelia-pentecoste.html. Acesso em: 12 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Homilia na Solenidade do Natal do Senhor (24/12/2019a)**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191224_omelia-natale.html. Acesso em: 13 jan. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Meditações matutinas na capela da Casa Santa Marta (13/09/2016a)**.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 08 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem para a Celebração do Dia Mundial da Paz (01/01/2024)**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>. Acesso em: 20 fev. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do refugiado (15/01/2017a)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20160908_world-migrants-day-2017.html. Acesso em: 08 abr. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais (01/06/2014a)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 15 mai. 2023.

PAULO VI, Papa. **Discurso do Papa Paulo VI na Solene Inauguração da 2ª. Sessão do Concílio Vaticano II (29/09/1963)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html. Acesso em: 22 mai. 2024.

Bibliografia Geral

AMADO, Joel Portela. **A Conferência de Aparecida 15 anos depois: destaques e novos desafios**. In: curso anual dos bispos do Brasil (CNBB), 2022.

AMADO, Joel Portela e FERNANDES, Leonardo Agostini. ***Evangelii Gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais***. Rio de Janeiro, PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2014.

AUGUSTIN, George. **Por uma Igreja “em saída”: impulsos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*** (trad. de Antonio Maia da Rocha). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação de pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

BLANK, Renold J. **Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus (Escatologia II)**. São Paulo: Paulus, 2001.

BOFF, Clodovis. **O livro do sentido: crise e busca do sentido hoje (parte crítico-analítica), Volume 1.** São Paulo: Paulus, 2014.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela Terra Comum.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BORGHESI, Massimo. **Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual.** Tradução de Frei Ary E. Pintarelli. Petrópolis: Vozes, 2018.

BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas.** São Paulo: Paulinas, 2004.

BRIGHENTI, Agenor. **Os ventos sopram do Sul: O Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial.** São Paulo: Paulinas, 2019.

BRIGHENTI, Agenor. Prospectivas para a igreja no Brasil na aurora do terceiro milênio. In: INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL. (Org.). **Presença pública da Igreja no Brasil (1952-2002):** Jubileu de ouro da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2003.

CASTILLO, José María. **A ética de Cristo.** São Paulo: Loyola, 2010.

CODA, Piero. **A Igreja é o Evangelho: nas fontes da teologia do Papa Francisco.** Brasília: Edições CNBB, 2019.

COMBLIN, José. **Teologia da Missão.** Petrópolis: Vozes, 1980.

CONGAR, Y. **Igreja e Papado.** Tradução de Marcelo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1997.

DOMEZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os pobres.** São Paulo: Paulus, 2014.

FAGGIOLI, Massimo. **Vaticano II: a luta pelo sentido.** São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Só o amor nos salvará.** São Paulo: Canção Nova, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Vamos sonhar juntos: caminho para um futuro melhor.** Tradução Austen Ivereigh. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** 52ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GARCIA RUBIO, A. **Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs.** 4 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

GUARDINI, R. A vida da fé. Trad. Gudrum Hamrol. Coleção Éfeso. Lisboa: Editorial Aster, 1957.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **O Deus da Vida.** Trad. Gabriel C. Galache, SJ e Marcos J. Marcionilo.

São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação**. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

HALÍK, Tomás. **O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar**. Trad. Karen Clavery Macedo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a Crise da Democracia**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **No Exame: perspectivas do digital**. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: vozes, 2017.

KASPER, Walter. **Papa Francisco: a revolução da misericórdia e do amor**. Prior Velho: Paulinas, 2015.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A Ecclesiologia do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1971.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Trad. João Gama. Lisboa: Biblioteca de Filosofia Contemporânea, 2007.

LIBÂNIO, João Batista. **Introdução à Teologia Fundamental**. São Paulo: Paulus, 2014.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio. Ensaaios sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Edições 70, 2022.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, G. **A sociedade da decepção: entrevista coordenada por Bertrand Richard**. Barueri, SP: Manole, 2007a.

LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. Tradução Luís Filipe Sarmiento Lisboa: Edições 70, 2020.

MANZATTO, Antonio. **Jesus Cristo** (Coleção Teologia do Papa Francisco). São Paulo: Paulinas, 2019.

MIRANDA, Mario F. **A Salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça**. São Paulo: Loyola, 2009.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Pobre para os pobres: a missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2014

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. Trad. Gentil Avelino Tilton (7ª. Edição). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PASSOS, João Décio. **A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões**. São Paulo: Paulinas, 2020.

PASSOS, João Décio. **A Igreja em saída e a casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2016.

PASSOS, João Décio. **As reformas da Igreja Católica; posturas e processos de uma mudança em curso**. Petrópolis: Vozes, 2018.

PASSOS, João Décio. **Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso**. São Paulo: Paulus, 2014.

PASSOS, João Décio. **Método Teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018a.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Os sete pecados capitais à luz da psicanálise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

RAHNER, Karl. **Itinerário teológico**. São Paulo: Loyola, 2004.

RATZINGER, Joseph. ***Faith and the future***. San Francisco: Ignatius Press, 2009.

SANTOS, Dom Benedito Beni dos. **Evangelizar com Papa Francisco: comentário à *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulus, 2014.

SELLA, Adriano. **Por uma Igreja do Reino: novos paradigmas para reconduzir o cristianismo ao essencial**. São Paulo: Paulus, 2010.

SINGER, Peter. **Um só mundo: a ética da globalização**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Ney de. **Breve história do Vaticano II: notas sobre o Concílio e sua recepção na América Latina**. São Paulo: Recriar, 2022.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas, 2012.

VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial**. Petrópolis: Vozes, 1996.

WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã**. São Paulo: Paulinas, 2016.

WOLFF, Elias. **Vaticano II: 50 anos de ecumenismo na Igreja católica**. São Paulo, SP: Paulus, 2014.

ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro (org.). **A moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados**. Aparecida: Editora Santuário, 2020.

ZILLES, Urbano. **Teologia Antropológica**. São Paulo: Paulus, 2011.

Artigos científicos, Anais, Dissertações e Capítulos em revistas e/ou livros

AGNOLI, Rosinei Costa Papi Dei. Juventudes Universitárias: religião, política e pastoralidade. In: SOTER: a Amazônia e o futuro da humanidade. **Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da religião**, 35º, 2023, Belo Horizonte-MG. Anais eletrônicos. Belo Horizonte: PUC-Minas, pp. 1171-1178, 2023. Disponível em: <https://www.soter.org.br/downloads/35CongrSoter-Anais.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ALTEMEYER, Fernando. Papa Francisco: onze anos do pontificado (15/03/2024). **Jornal da PUC-SP**. Disponível em: <https://j.pucsp.br/noticia/artigo-papa-francisco-onze-anos-do-pontificado#:~:text=Em%2019%2F03%2F2024%20o,na%20labuta%20pela%20fraternidade%20universal>. Acesso em: 29 abr. 2024.

ARAÚJO, José W. C. de. A noção de consciência moral em Bernhard Haring e sua contribuição à atual crise de valores. **Tese (Doutorado em Teologia) PUC-Rio**. 2007. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10103/10103_3.PDF. Acesso em: 17 mai. 2023.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: crer ou consumir? **Revista Vida Pastoral**, Jul/Ago 2000.

CODINA, Víctor. Reflexão sobre a pós-modernidade. **Revista Perspectivas Teológicas**. N. 97, Vol. 35, Ano XXXV, pp. 377-383, Set/Dez 2003.

CONCEIÇÃO, Elizeu da; NUNES, Gilberto Dias; NOBRE, José Aguiar. O ressurgimento das teocracias no cenário político e religioso brasileiro: uma onda conservadora intransigente. **Revista Reflexão**. Campinas, v. 48, pp. 1-15, 2023.

DALLÓ, Antonio. Gestão eclesial paroquial à luz do conceito de Igreja em saída. **Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em teologia**, PUCRS, 2020.

DANTAS, José Erivaldo. O Conceito de “Igreja em saída” como princípio hermenêutico do pensamento do Papa Francisco. **Tese (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade de São Paulo**. São Paulo, 2019.

DI FIORE, André Gustavo. Protagonismo laico em tempos de hipermodernidade: desafios para uma teologia prática do laicato. **Tese (Doutorado) - Faculdade de Teologia da Pontifícia Católica de São Paulo**. São Paulo, 2022.

FELLER, Vitor Galdini. A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo. **Encontros Teológicos**. Florianópolis, v. 30, n. 1, pp. 51-71, Out/Dez 2015.

FILHO, Adolfo Borges. O rosto como arquétipo na ética da responsabilidade de Emmanuel Levinas. **Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro**. No. 78, pp. 309-313, Out/Dez 2020.

FORTE, B. Teologia e pós-modernidade. **Cadernos IHU em Formação: Teologia política**. São Leopoldo, ano 2, n. 8, pp. 9-11, 2006.

GOMES, Rogério. A tecnologia: criatividade e poder. Uma reflexão ético-social à luz da *Laudato Si'*. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo. No. 9, Ano XXIX, pp. 176-198, Jan/Abr 2021.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Igreja e missão no contexto de pós-modernidade. *Revista ATeo*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, pp. 363-389, Mai/Ago 2018.

GRACIANI, Maria Regina Ribeiro. Perspectivas antropológico-cristãs: elementos de uma antropologia cristã na *Evangelii Gaudium*. **Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em teologia**, PUCSP, 2016.

MANZATTO, A. O Papa Francisco e a Teologia da Libertação. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 86, pp. 183-203, 2015.

MARIN, Darci Luiz. A ética de Jesus. **Vida Pastoral**, 2018. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/a-etica-de-jesus/>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

NENTWIG, Roberto. A evangelização no mundo digital. **Revista de Pastoral da ANEC**. Ano V, n. 8, pp. 9-19, 2020.

NOBRE, José Aguiar; CONCEIÇÃO, Elizeu da. Dez anos do Pontificado do Papa Francisco: performatividade e resistências. **ATeo**. Rio de Janeiro. V. 27. No. 71, pp. 21-29, Jan/Jun 2023.

NOVAES, Solange Aparecida. Na *Ecclesia semper reformanda* a Terra é Irmã, Mãe e Casa. **Revista de Cultura teológica**. No. 98, Ano XXIX, pp. 81-102, Jan/Abr 2021.

OTTAVIANI, Edelcio Serafim; AMARAL, Emerson de Almeida. Papa Francisco: um leitor aplicado no discernimento dos sinais dos tempos. **Revista Caminhos**. v. 22, n. 1, pp. 8-22, Jan/abr 2024.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. A volta à grande disciplina: processos e resultados históricos. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte. v. 56, n. 1, pp. 141-163, Jan/Abr 2024.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Linhas-força da espiritualidade do Papa Francisco: uma reforma a partir de dentro da Igreja. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo. No. 98, Ano XXIX, pp. 34-66, Jan/Abr 2021.

PEREIRA, A.; SOUZA, N. de. O Papa Francisco e a questão dos ministérios eclesiais: da pirâmide (invertida) a imagem do poliedro. **Encontros Teológicos**. Florianópolis, v. 38, n. 1, pp. 225-248, Jan/Abr 2023.

RIBEIRO, Celia Maria. Papa Francisco e o projeto da transformação missionária da Igreja. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo. No. 98. Ano XXIX, pp. 119-132, Jan/Abr 2021.

SAYAGO, Óscar Armando Pérez (Org). O Projeto Educativo de Francisco. **Coleção Evangelização**. v. 1. Curitiba: PUCPRESS, 2019.

SILVA, Marcio Bolda da. Ética religiosa e pós-modernidade. **Encontros Teológicos**. Florianópolis, ano 25, n. 3, pp. 163-174, 2010.

SOUZA, Ney de; DIAS, Tiago Cosmo da Silva. Por uma reforma do papado: história, apelos e caminhos à luz do pontificado do Papa Francisco. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo. no. 98, pp. 103-118, Jan/Abr 2021.

SOUZA, Ney de; MÓDENA, Hernane Santos. Aparecida e missão: notas sobre o percurso para a construção da síntese missionária. **Fronteiras - Revista de Teologia da UNICAP**. Pernambuco. V. 4, n. 1, pp. 141-164, Jan/Jun 2021.

SOUZA, W.; NASCIMENTO, Rivaél de Jesus. Papa Francisco e suas reformas para uma Igreja em saída diante de novos apelos de humanidade. **Revista de Cultura teológica**. São Paulo. No. 100, Ano XXIX, pp. 144-167, Set/Dez 2021.

SPADARO, A. Entrevista a papa Francesco. **La Civiltà Cattolica**. 3918/III. pp. 449-477, 19/Set/2013.

SUESS, P. A teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. **Cadernos de Teologia pública. Universidade do Vale do Rio dos Sinos**. No. 137. Ano XV. Vol. 15. São Leopoldo: UNISINOS, 2018.

SUESS, P. Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco. **Revista Pistis Prax**. Teologia Pastoral, Curitiba, v. 8, n. 3, pp. 659-671, Set/Dez 2016.

TAVARES, B. Consciência e liberdade na era do *big date*: paradigmas do sujeito contemporâneo. **Guairacá Revista de Filosofia**. Guarapuava, v. 35, n. 1, pp.133-15, 2019.

TEIXEIRA, Faustino. Igreja Católica em tempo de transição. **Estudos da Religião**. São Paulo. v. 27, no. 2, pp. 177-192, Jul/Dez 2013.

VELIQ, Fabiano. Religião e personalização: Lipovetsky e a sociedade hipermoderna. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 43, pp. 21-37, Jan/Jun 2018.

VITÓRIO, Jaldemir. Igreja em saída: para onde? In: **Colóquio de Teologia e Pastoral: A conversão pastoral da Igreja em tempos de Francisco**, IV, 2016, Belo Horizonte. Anais eletrônicos. Belo Horizonte: FAJE, 2016. p. 34-45. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/3642/3723>. Acesso em: 16 ago. 2023.

WOLFF, Elias. A renovação de “Igreja em saída” e suas contribuições para o ecumenismo. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo. No. 98, Ano XXIX, pp. 11-33, Jan/Abr 2021.

XAVIER, Donizete José. O Papa, o teólogo e o poeta: uma análise da linguagem poética e metafórica de Francisco à luz da filosofia da linguagem de Paul Ricoeur. **Humanística e teologia**. Lisboa. 39:2, pp. 143-161, 2018.

XAVIER, Donizete José; DIAS, Tiago Cosmo da Silva. Alteridade e fraternidade: uma leitura da Encíclica *Fratelli Tutti* à luz do conceito de alteridade de Lévinas e suas ressonâncias. **Revista de Cultura teológica**. São Paulo. No. 100, Ano XXIX, pp. 206-224, Set/Dez 2021.

Dicionários

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Dir.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

SANDRONI, Paulo (Org.). **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

Outros textos da internet

BARROSO, Luís Roberto. In Paine! no Seminário de combate à desinformação discute medidas para fortalecer o sistema de Justiça. **Portal STF**, 2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=514078&ori=1>. Acesso em: 23 out. 2023.

BRUSTIER, G. *Les tradismatiques a lassaut Du pouvoir*. Disponível em: <https://www.jean-jaures.org/publication/les-tradismatiques-a-lassaut-du-pouvoir/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

DALLA-DÉA, Paulo F. **Princípios Mínimos de Teologia Pastoral**. Disponível: <https://www.servicioskoinonia.org/relat/212.htm>. Acesso em: 01 jul. 2024.

FAGGIOLI, Massimo. A “**encíclica transversal**” de Francisco. Publicado no jornal Europa, em 27/11/2013b. Tradução de Moisés Sbardelotto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526118-a-enciclica-transversal-de-francisco-artigo-de-massimo--faggioli>. Acesso em: 23 mai. 2024.

GLOBAL, Pacto Educativo. **Instrumentum Laboris (2020)**. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

LIBÂNIO, João Batista. A ética em tempos de fragmentação. **O tempo**, 2008. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/joao-batista-libanio/a-etica-em-tempos-de-fragmentacao-1.220717>. Acesso em: 24 out. 2023.

ORTEGA, Cardeal Jaime. “**Esta é a intervenção magistral do cardeal Bergoglio no pré-conclave**”. Instituto *Humanitas* Unisinos, 26/03/2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/518772-esta-e-a-intervencao-magistral-do-cardeal-bergoglio-no-pre-conclave>. Acesso em: 17 ago. 2023.

TVPUC. **Palestra com cardeal José Tolentino**. “*YouTube*”, 20 de agosto de 2024. Duração 1:08:59. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dl5hTqcCjg4&t=1213s>. Acesso em: 02 set. 2024.

SÉ, Catedral da. **Homilia de Dom José Tolentino – Solenidade da Assunção da Virgem Maria**. “*YouTube*”, 18 de agosto de 2024. Duração: 0h59. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2QktfD04DFA>. Acesso em: 02 set. 2024.